



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE



PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente honorário:

Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva.

Presidente:

Dr. Leonardo Macedonia.

Vice-Presidente:

Prof. Othelo Rosa.

Secretario Perpétuo:

Dr. Eduardo Duarte.

2.º Secretario:

Prof. Valter Spalding.

Orador:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Tesoureiro:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.

Bibliotecário:

Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Prof. Jorge Bahlis.

Dr Lindolfo Collor.

Clemenciano Barnasque.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.

Dr. Darcy Azambuja.

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Cel. Aurelio Porto.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



II TRIMESTRE
ANO XVIII

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOÇA
EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
= 1938 =

1938
Officinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

Noticia breve da marcha, que fez o Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. Gomes Freyre de Andrada

Mestre de Campo Gen.^{al}, Principal Comisar.^o de S.M.F. das demarcações da America Meridional saindo da Praça da Nova Colonia em acção de Guerra como Auxiliante / de S.M.C. a 29 de Abril de 1754, para a evacuação das sete Missões sublevadas, q. pelos /

Tratados de limites

pertencem a Portugal marchando o d.^o Snr. p.^{lo} Rio Grande ao passo do R.^o Jacuhy a evacuar tres, e o Gov.^{or} Gen.^{la} de Buenos Ayres, D. José Andonegue, indo pelo R.^o Vruaguay a evacuar quatro, confr.^o o ajuste que fizerão na ultima conferencia q. tiverão na Ilha de Martim Garcia da Praça da Colonia a 15 de Março do d.^o anno, achandose nella o d.^o Snr. Gen.^{al}, o Gov.^{or}, e o Marquez de Valdelirios, Principal Commissario

de S. Mag.^e C.

tendo estas not.^{as} principio desde 12 de mesmo mez de Março té dezr.^o do sobred.^o anno de 1754, e continuarão até 20 de Fevereiro de 1755.

Devendo o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr. Gen.^{al} Gomes Freyre de Andr.^a auxiliar ao Gov.^{or} e capitão Gen.^{al} da Cidade de Bn. Ayres na evacuação dos 7 povos sublevados q. pelo Tratado de Limites pertencem a Coroa de Portugal, avizou o Gov.^{or} daquella Cidade p.^a a Conferencia do dia 15 de Março na Ilha de Martim Garcia, ao q. partio S. Exa. no dia 12, e voltando no dia 29 do d.^o fez aprestar 3 embarçaõens p.^a nellas conduzir toda a infantaria q. se achava naquella praça da nova Colonia pertencente ao Rio de Jan.^{ro} e todo o trem necessario p.^a a Guerra, e no dia 22 de Abril derão as 3 embarçaõens a vella, e S. Exa. na tarde do mesmo dia sahio daquella Praça com os Coroneis, 100 Dragoens e toda a sua Comitiva seguindo viagem p.^a o Rio Gr.^{de} de S. Pedro.

Chegou S. Exa. ao Rio Gr.^{de} sem detrim.^{to} em 9 de Junho e não achando embarçaõens naquelle porto lhe cauzou molestia, porem no dia 12, as vio entrar pela barra, sendo sciente no dia 9 do d.^o por cartas do Gov.^{or} de Sta. Catharina do q. havião aribado áquella Ilha pelos Contratempos que havião encontrado.

Teve S. Exa. o gosto de ver a primr.^a vez os Indios q. se achavão no Rio Gr.^{de} Prezioneiros no Rio Pardo, e resto dos q. havião escapado do ferro dos nossos Sold.^{os} no levante que fizeram os ditos Indios na Lagoa dos Patos por onde forão conduzidos em huma Sumaca, e porq. o Capm. della se mostrou com incomparavel valor, o premiou S. Exa. com a Patente de Capm. de Mar e Guerra, sem soldo.

Logo q. S. Exa. teve promptas as couzas q. devião formar o Exercito mandou apromptar 10 embarçaõens entre Faluas e Sumacas, e tendo os mñtim.^{tos} abordo mandou embarcar a g.^e no dia 26 e 27 de Junho, e no dia 28 passou S. Exa. a guarda do Norte e no dia 29 se poz em marcha p.^a Viamão p.^r terra em Comp.^a de 2 creados e hum Capellão.

No dia 4 de Julho derão as embarçaõens a vella pela Lagoa dos Patos o q. não fizerão antes pelos contrarios ventos, e encontrando contratempos chegarão as primeiras a viamão em 15 do d.^o aonde já estava S. Exa.

Está o Porto de Viamão cituado ao Norte do Rio Gr.^e da p.^{te} de leste do Rio de q.^m toma o nome em 30 grãos de Latitude Austral e em 325 grãos 21 minutos de Longitude contados da Ilha do ferro, e dist.^e do Rio Gr.^{de} 58 Legoa de todo o Cam.^o, a povoação hé hum aroyo de cazas de palha habitadas de Cazaes da Ilha, e he bastante-mente fertil.

Não se dilatou naquelle Porto com embarcação alguma mais de 24 horas pois logo que chegavão mandava S. Exa. navegar pelo Rio acima p.^a S. Amaro onde se achavão todas the o fim de Julho.

Está o estabelecimento de S. Amaro a Oeste de Viamão dist.^e elle 14 legoa de todo o Cam.^o, sylvado na margem Borreal do Rio Guayba; em 30 grãos e 6 minutos ao Sul da Linha, nelle ha hum forte de Estacada deleniado pelo Sarg.^o mayor Luiz Manoel de Az.^{do} q. com

sua gr.^{de} Capacidade e zelo do Real Serviço o fez adiantar admiravelmente.^{te}, esta fortificação foy feita p.^a o resguardo de hum Armazem q. S. Ex.^{ia} havia mandado fazer p.^a receber nelle o necessr.^o do Exercito.

Logo que S. Excia. chegou a S. Amaro q. foy em 29 de Julho navegando pelo Rio em huma canoa mandou conduzir em Faluas todo o trem, e mantim.^{tos} do Exercito p.^a o Rio Pardo, o q. já o Coronel José Frz. Pinto Alpoym havia adiantado em canoas, e balças, do q. S. Exa. se deo p.^r satisfeito, e logo, mandou embarcar os Coroneis, e toda a Infantr.^a e Off.^s p.^a o Rio Pardo.

De S. Amaro sahio S. Ex.^{ia} p.^r terra com alguns off.^s e athe 12 de Ag.^{to} se achou na Fortaleza de J.M.J. comtoda a g.^{te} e muniçoens q. devia marchar no Exercito, e no dia 19 passou mostra e fez pagam.^{to} e logo aprestou o necessar.^o p.^a a marcha, e no dia 22 entregou Barracas, e se devedio a g.^{te} na forma seg.^{te}

O Corpo do Cor.^{el} Alpoym constará de seus Granadr.^{os} e Fuzileiros, e todos os off.^{as} e soldados da praça de Santos, e 30 Granadr.^{os} da Comp.^a de Mas.^{as} com o then.^o della, e hú tambor.

O Corpo do Cor.^{el} Menezes constará de seus Granadr.^{os} e Fuzileiros do Regim.^{to} de Souza, e o resto da comp.^a de Masc.^{as} e receberá do Cor.^{el} Alpoym 2 peças de ameudar, e 2 carros com trem necessr.^o p.^a o seu manejo.

Os Dragõens se devidirão em 4 Esquadroens, 2 na direita, commandados pelo Ten.^o Cor.^{el} Thomaz Luiz Ozorio, e 2 na Esquerda commandados pelo Capm. José Ignacio de Almeida, e na dir.^{ta} e esquerda dos 4 Esquadroens campará e marchará huma Comp.^a de Aventur.^{os}, a direita commandados Capm. Franc.^o Pinto Bandr.^a e a Esquerda pelo Alfs. Antonio P.^{to} Carn.^{ro}.

Os Sarg.^{tos} Mayores de Infantr.^a receberá cada hum do thezoureiro 64 Barraquins p.^a os Sold.^{os}, sarg.^{os}, e off.^s subalternos de cada corpo, e o mais q. for necessar.^{io} p.^a acomodações das pessoas pertencentes a cada Corpo.

O Sarg.^o Mayor de Dragoens receberá 64 Barraquins, 32 p.^a os Dragoens e os Off.^s da dir.^{ta} da Infantr.^a e 32 p.^a os da Esqr.^{da} da d.^a Infantr.^a.

Cada Corpo de Infantr.^a fará 8 linhas de Barracas segundo a planta q. tem de frente cada Corpo 372 palmos, e de fundo the os Subalternos 157, e terá o entrevalo de cada Corpo 372 palmos os Dragoens Camparão como disse fazendo cada Corpo 4 linhas de Barracas q. terá de frente 174 palmos com o mesmo fundo dos mais, e guardará o mesmo entrevallo q. guardão os Corpos de Infantr.^a e os mais off.^s se meterão pela rectag.^{da} pelas antiguid.^{es} q. lhe pertenceram em seus Corpos, de sorte q. da ultima linha de Dragoens da Esqr. da Infantr.^a, a primmr.^a da dir.^{ta} de Dragoens da Infantr.^a, haverá, 183 braças, e 6 palmos ou 1833 palmos.

A g.^{da} do quartel m.^e gn.^{al} Mig.l Angelo Blasco se comporá de 100 Dragoens com 2 off.^s, e hum ofical subalterno de cada Corpo da Infantr.^a e as 24 bandeirolas q. demarcão as 24 Linhas do Campam.^{ro} serão conduzidas p.^r 24 sarg.^{os} e 24 sold.^{os} levando cada sarg.^o a do seu Corpo, e com escolta adiante aviriguar matos e cam.^{os}

Está a Fort.^a de J.M.J. do R.^o Pardo elevada em hum alto monte da margem Boreal do R.^o Guayba em 29 grãos, e 58 minutos ao sul da Linha, e distante de S. Amaro p.^a oeste 15 legoas de todo o Cam.^o e a leste do R.^o pardo 1/4 de legoa cujo rio dezagua no Guayba, esta Fort.^a he hum Exagono fortificado pelo Ajud.^e Engenh.^o João Gomes de Mello q. lhe deo principio em terreno cuberto de matto, porem a sua intellig.^a e nott.^a fez com q. tivesse aprovação do Sarg.^o Mayor Luiz Manoel de Azevedo q. depois delineou as obras interiores.

Esta Fort.^a foy Citiada pelos Tapes em 19 de Abril de 1754 sendo então comandada pelo Then.^e Cor.^{el} Thomaz Luiz Ozorio q. com seu incomparavel valor sahio fóra da Praça com a Comp.^a de Granadr.^{os} do Regim.^{to} da Artelharia q. guarnecia aos ignorantes Indios fez prizioneiros 53 tomando aos ditos 2 peças de Artr.^a do Calibre de 2 e armas do seu uzo e alguns Cavallos.

No dia 24 de Agosto pelas 2 oras da tarde mandou S. Ex.^a marchar o Corpo do Cor.^{el} Alpoym, e com elle 7 peças de bronze do C. de 2 e hum de amiudar cuja Artr.^a grossa entregou o Comand.^e ao Cap.^m Fernando Leyte Guim.^{es}, e tão bem marchou na rectag.^{da} o Trem da Artr.^a com 12 Carros acampamos com Sol no Rio Pardo passando p.^a a outra p.^{te} a com.^a de Granadr.^{os} do Regimento da Artr.^a Comandada pelo Then.^e della Vasco Frz. Pinto Alpoym com a peça de amiudar, e passavão pela ponte feita sobre 18 Canoas nesta mesma tarde pegou fogo nas cazas da Fort.^a e não se podendo apagar arderão p.^{te} dellas, em cujo incendio se perdeu m.^{to}, neste tp.^o achava S. Ex.^a na ponte q. acudio ao todo Galope.

No dia 25 marchou S. Ex.^a com todo o Exercito, e emcorporados, Campamos no campo de S. Luiz pelas 3 oras da tarde com incomparavel trabalho ficando dist.^e do R.^o pardo 3/4 de legoa, e ao passar das bagagens grossas se aruinou a ponte em cuja ficou o Cor.^{el} Alpoym p.^a a refazer q. com incansavel trabalho e natural agrado dando a satisfação e deゼmpenho q. costuma, e no dia 26 se recolheo.

Vendo S. Ex.^a q. alguns sold.^{os} Cazados conduzião as mulheres no Exercito e advertido do prejuizo q. cazaria esta Comp.^a mandou fazer publico p.^r hum bando no dia 27 q. toda a m.^{er} q. seguisse o Exercito sotr.^a ou Cazada seria condemnada a larga prizão, e o marido a gallés, e sendo nobre pagaria 400\$ rs. p.^a as despesas do Exercito, sendo mulata seria marcada com ferro sendo negra seria rematada na praça p.^a a dita despeza e assim se evitou o damno como algumas couzas pertencentes ao Exercito se demourou na passagem

da ponte, demorouse todo o Exercito no campo de S. Luiz e recolhendo-se tudo the a tarde do dia 28 nos puzemos em marcha pelas 8 $\frac{1}{2}$ da manhã do dia 29 q. o fizemos the o meyo dia de huma legoa e quarto Campando no Campo das Palmas.

Neste campo nos demoramos pelos desconsertos de algumas Carretas, e no dia 29 cometeo hum tigre a hum Peão q. perto de hum capão de matto estava e como alterou vozes se tocou rebate pelas nove oras da noute, e sabendo-se o suceso se meteo a g.^{te} em piquete.

Deste Campo sahimos no dia 1.^o de 7bro. pelas 9 da manhã e marchando 2 legoas e $\frac{1}{4}$ campamos pela huma ora no Campo da boa vista. Deste Campo sahimos no dia 2 pelas 8 e $\frac{3}{4}$ da manhã e campamos pelo meyo dia no Campo verde, e afizemos de 2 legoas.

Deste Campo sahimos no dia 3 pelas 8 $\frac{1}{2}$ da manhã campamos da parte do Sul do R.^o Butucaray pelas duas e $\frac{1}{2}$ da tarde marchando huma legoa.

No passo deste R.^o foy S. Ex.^a incansavel mandando fazer e assistindo a factura de huma ponte feita sobre ramos grossos q. se fez em menos de 2 oras por onde passou toda a Infantr.^a e os Carros e Cavalr.^a passou no R.^o com bast.^o trab.^o, e sempre ouve da p.^{te} do norte q. passar q. foy-lhe o dia 4 se conservou huma guarda de 100 Dragoens montados.

Deste Campo Butucarahy sahimos pelas 8 oras da manhã do dia 5 e marchamos duas legoas e meya the as duas oras da tarde, e Campamos no Campo das Lombas.

Deste Campo sahimos no dia 6 pelas 8 e $\frac{1}{2}$ da manhã com a Gr.^{da} do Quartel m.^e Gn.^{al} foy hum negro q. havia furtado dr.^o no Exercito, e na frente do d.^o mandou S. Ex.^a se enforcasse, sendo o executor desta ordem o Capm. Ant.^o José de Figueirôa, e logo pondo-se o Exercito em marcha a fizemos de 2 legoas e $\frac{1}{2}$ Campando pelo meyo dia no Campo do fogo.

Deste Campo em a tarde do dia 6 depois de oculto o Sol se avisitou da p.^{te} do Sul no R.^o Jacuhy huma fortificação de Indios, e algũ a cavalo, o q. perfeitam.^{te} se conheceo com oculo, e asenderão 3 fogos o q. S. Ex.^a mandou corresponder com outros tantos fogos pelo Capm. Fran.^{co} Pinto Bandr.^a; e como pelas Trind.^{es} ouvimos as suas Cayxas de Guerra, se dobrarão as guardas, e rondas, e ouve toda a vigilancia nesta noute.

Deste Campo sahimos as 8 da manhã do dia 7 e como era a vista dos inimigos ouve cautella na marcha q. se executou p.^r ordem de S. Ex.^a na forma seguinte.

A Comp.^a de Paulistas de pe marchou formada na vang.^{da} a esta seguiu-se a Comp.^a de Granadr.^{os} do Cor.^{el} Men.^{zes} a esta a de Alpoym a esta a de Souza, cada huma com sua peça de amiudar na rectag.^{da} dos d.^{os} Granadr.^{os} marchou a Artr.^a grossa, e toda prompta p.^a laborar, a esta seguiu-se o Corpo do Cor.^{el} Alpoym, a este seguiu-se o de

Menezes, e a cavalaria cobria a rectag.^{da} nesta marcha não se explorou o campo p.^r q. a g.^{da} do quartel m.^e Gn.^{al} e bandeirolas marchou no Corpo, e pelas 10 oras da manhã campamos junto ao Rio de Jacuhy, sendo a marcha deste dia de 3/4 de legoas.

Da p.^{te} do Sul deste rio estava hum a g.^{da} de Indios cubertos de hum a Trinxr.^a e logo S. Ex.^a mandou postar na nossa margem as 3 comp.^{as} de Granadr.^{os} com as peças de amiudar e os Indios tocarão Caixas de Guerra e gaitas fazendo excelente som ao q. S. Exa. mandou corresponder com timbales, e clarins e lhe falarão as lingoas q. da p.^{te} de S. Ex.^a convidou o cabo delles p.^a passar a nossa margem q. era a do Norte o q. fizerão passando em 3 pelotas com o cabo e conduzindo-os S. Exa. a sua barraca os suciou com varios comeres e roupas porem de toda a forma nos negarão o passo, e logo passarão p.^a a sua margem.

Vendo S. Exa. impedida a passagem ordenou ao Camp. Fran.^{co} Pinto Bandr.^a e o Ajud.^e Ant.^o da Veiga de Andr.^e e o Alf.^s Jozé Alz. q. com 120 soldados bons nadadores passassem na madrugada do dia 8 o R.^o acima do passo, q. fizessem os Indios desalojarem da Trinxr.^a prezonando e matando aos q. se lhe opuzessem, e logo pela meya noute fizeram os Carpintr.^{os} derubada na nossa margem e de fronte dos inimigos toda a nossa Artr.^a do Exercito; e como a derubada dos matos foy estrondoza poz aos inimigos em confusão.

Ao ponto da meya noute se puzerão em marcha os q. devião atacar aos Indios inimigos p.^r terem tempo de passarem todos, e darem sobre a Trinxr.^a ao romper da lua quando pudesse fazer efeito a nossa Artr.^a, e seguindo o Cam.^o do mato procurarão todos o dezemp.^o na execução; nesta mesma noute pelas 2 oras recebeo S. Exa. carta do Gov.^{or} do R.^o Gr.^e em q. o avizava de q. o Gn.^{al} Castelhana q. tinha entrado pelo rio Uruguay havia retrocido a marcha, e q. com esta not.^a vinha hum cap.^a do d.^o Exercito Cast.^o e logo se mandarão retirar os do asalto q. o fizerão pela manhã com o mais cruel frio q. havemos encontrado.

No dia 11 do d.^o mez de 7bro. chegou o Capm. Cast.^o Fran.^{co} Mena com cartas do Gn.^{al} Cast.^o q. ordenava a S. Exa. se retirasse, e retosedesse a marcha the tomarem novas medidas, e sendo o valor de S. Ex.^a capaz de conquistar o mundo com os off.^s e sold.^{os} da sua Creação não o quiz fazer sem ser forçado; e no dia 13 fez conselho de guerra, e se assentou em q. levasse o Alf.^s Ant.^o Pinto Carnr.^o Carta ao Gn.^{al} Cast.^o em cujas lhe representava S. Exa. o esforço das suas Tropas e o q.^{to} lhe era facil o entrar em Missoens, e no dia 15 partio o d.^o Alf.^s e o Capm. Castelhana.

Como vierão as nossas margens alguns Indios Off.^s delles a persuadir a S. Ex.^a não passasse adiante os asustou o d.^o Snr. de tal modo que lhe franquearão o passo, e no dia 10 mandou S. Ex.^a passar os nadadores, e the o dia 13 passarão p.^a a margem do Sul. as 3

Comp.^{as} de Granadr.^{os}, Paulistas, e Ventur.^{os} e tudo o q. pertencia ao Corpo do Cor.^{el} Alpoym, menos o Cap.ⁿ Fernando Leite Guim.^{es} q. sempre comandou a Artr.^a grossa na margem do Norte, passando as 3 de ameudar com os Granadr.^{os} e se fez derubada entre o mato em q. camparão 550 homens todos Comandados pelo dito Cor.^{el}

Está o passo do r.^o Jacuhy em 29 gráo e 57 minutos de Latitude Austral, e em 323 grãos e 18 minutos de Longitude contados da Ilha do ferro, he o R.^o de 12 braças de largo, e no seu n.^{al} tem duas braças e $\frac{1}{2}$ no mais fundo, huma e outra margem he cuberta de mato, e toda a madeira de Ley, he fertil de todas as Cassas, e aves do Brazil, tem o R.^o muitissimo peixe, e p.^a a fabrica de pescaria, e passagem do r.^o p.^a comunicação se fizerão na nossa estada 23 canoas entre gr.^{es} e pequenas, cujas vierão carregadas p.^a o R.^o pardo em 19 de 9br.^o

Depois de nos fazermos Snr.^s da margem da parte do Sul, vierão alguns Indios com seu neg.^{co} e conduzindo p.^a a sua fortificação | que distava do R.^o $\frac{1}{2}$ legoa | dous Paulistas desaparecerão com elles deixando de hirem a nossa prez.^{ca} e no dia 25 de 7br.^o apresentarão-se o Exercito de 600 homens montados, se apromptou tudo, e havendo embayxada da parte dos inimigos falavão a S. Ex. q. passou a margem do Sul, e a Patrulha a esse fim, achando neste Lugar as 3 Comp.^{as} de Granadr.^{os} sobre as Armas pelas 11 oras e $\frac{1}{2}$ se retirou o d.^o Exercito levando os da Embayxada algumas roupas q. S. Ex.^a lhe deo, e elles corresponderão no dia seg.^{te} com 13 rezes, sendo segunda vez premiados.

Principiarão as aguas no principio e Sbr.^o e fizerão seu efeito de tal modo q. emcheo o R.^o em forma q. alagou tudo Crescendo a agua the o meyo das barracas, e havendo votos q. largassemos o passo ouverão mais em q. o não fizesemos p.^r q. de força hiríamos campar no monte emq. estava a fortificação dos inimigos, e q. fazendo-o não só rompiamos a paz, mas tãobem perderíamos o passo, e representando os Comand.^{es}, dos Corpos a S. Ex.^a o prejuizo q. nos cauzaria a mudança, e lembrandose o d.^o snr. da constancia dos seus sold.^s se portou S. Ex.^a toda a emchente, vivendo tudo sobre giráos de madr.^a e andando pelas ruas do campam.^{to} em canoas, padescendo menos a margem do Sul pelas cant.^a com q. o comand.^o se soube intrinxeirar no impulso das aguas, q. derão principio a sua vazante milagrozamente em 16 do d.^o mez.

Como os inimigos nos virão cercados de aguas não julgando o valor dos nossos soldados supuzerão era boa ocasião de nos atacar, e no dia 13 de 8br.^o apresentarão 2.^a vez o seu Exercito q. se julgou ser de mais de 1.500 homens de cav.^a tocando Cayxas, e tremulando band.^a davão demonstraçoens de querer atacar e avizando o Cor.^{el} Alpoym a S. Ex.^a o intento dos inimigos, e de que já tinha apromptado tudo p.^a o Combate, passou o d.^o Snr. a margem do Sul deixando

na do norte prompto o socorro na Comandancia do Cor.^{el} Fran.^{co} Ant.^o Cardozo de Menezes, e depois de desembarcar da Canoa em q. passou a furioza enchente do R.^o, subio por huma ponte q. dentro do campam.^{to} se tinha fabricado, e por lamas chegou ao Campo onde mandando Arvorar Bandr.^a de Paz deo aos inimigos o seguro de poderem dar a sua Embayxada, q. o fizerão p.^r duas vezes, e pelas 2 oras e ½ da tarde do mesmo dia levantarão o Citio atemorizados da resolução de S. Ex.^a em não deixar o passo, e p.^r q. os inimigos conhecerão o resp.^{to} dos nossos Granadr.^{os} q. logo p.^a se comunicarem com os nossos o q. S. Exa. lhes concedeo.

Comesouse a franquear o negocio entre os nossos sold.^{os} e os Indios estes trasendo mulas, Cav.^{os}, sebo, e panos de suas fabricas, e aquelles comprando por chapéos, baetas, botoens, e &. com prohibição de não se lhe dar couza de ferro; e assim continuou a feira na frente da nossa Patrulha cõ incomparavel cautella no Comand.^e e a comprar, e vender vinhão cada dia m.^{tos} Indios e ouve algum em q. vierão mais de 250, e porq. alguns se afeisoarão do nosso Estillo nos brindarão com xorumelas e gaitas; e pella continuação dezerarão p.^a o nosso Exercito alguns, aos quaes S. Exa. os hospedou com grandeza, e sabendo hum capm. delles dos d.^{os} dezertores os veyo pedir a S. Exa. porem como os d.^{os} não quizerão ir ficarão sempre debaixo das nossas Bandr.^{as}

Retirado o Cap.^m sem lograr o intento de conduzir os dezertores, intentou amotinarnos p.^a cujo fim atacou com m.^{tos} Indios de Cav.^o e a pé a nossa Patrulha da beira do campo na noute do dia 3 de 9br.^o cuja Patrulha retirandose tocou arma de sinal e a este estrondo se aprontou tudo, e o Comand.^e da margem do Sul donde era o asalto poz tudo prompto com o desembaraso da sua gr.^{de} capacid.^e, porem persebendo os Indios a nossa promptidão derão no Campo m.^{tos} gritos e se retirarão, havendo no Comand.^o a cautella de conservar as Tropas the claro dia sobre as armas, e no dia seg.^{te} vierão os Indios pedir perdão dizendo q. aquele motim fizera gente q. tinha chegado de fresco de huma Missão.

Nos dias de 9bro. mandou S. Ex.^a passar pelas armas, hum soldado do Regim.^{to} de Menezes p.^r intentar fugir e convidar a outros p.^a o mesmo fim, e havendo embargos a Sen.^{ca} uzou S. Ex.^a de piedade condemnando ao R. a Gallés perpetuam.^{te}

No dia 11 de 9br.^o chegou not.^a de q. os inimigos havião atacado | logo abayxo do passo do R.^o Jacuhy | a humas Canoas de vivandr.^{os} q. vinhão de Viamão a seu neg.^{co} no Exercito, e mandando S. Ex.^a no mesmo dia a Comp.^a de Granadr.^{os} do Regim.^{to} de Artr.^a Comandada pelo Ten.^e della, a castigar este insulto voltarão no dia 12 trazendo as canoas cõ tudo o q. tinham dentro, menos a gente q. tinham fugido logo q. avistarão 91 Indios da p.^{te} do Sul, de cujos Indios não derão os Sold.^{os} vista.

No dia 12 de 9br.^o perto das Trindades chegou o Alfs. Ant.^o Pt.^o Carnr.^o com resposta do Gn.^{al} do Exercito Cast.^o q. ordenava a S. Exa. em remediavelmen.^{te} retrocedese a marcha the tomar novas medidas q. elle fazia o mesmo, depois de achar ser impossivel ir a Missoens pelo cam.^o q. tinha seguido onde havia tido hum choque com os Indios de Japeyú matando, e prezionando m.^{tos} o q. foy dos nossos sold.^{os} invejado.

S. Exa. não desfaz o intento do Gn.^{al} Cast.^o convidou aos Casiques q. se achavão Comandando os 5 Corpos (em q. estava a gente inimiga dividida R.^o acima e R.^o abayxo) p.^a huma conferencia, e vindo estes a sua prez.^{ca} no dia 17 de 9bro. os fez (amigavelm.^{te}) jurar serem verda.^{os} Casiques, e lhe fez assignar hum termo de não passar Indios a marge do norte do Rio Jacuhy, e q. os Portuguezes fazião o mesmo a do Sul, e os q. fossem achados fora do seo limite serão tratados como inimigos, salvo se fosse a dependencia da Mag.^e; aos quaes se lhe daria toda a ajuda e favor, e os d.^{os} Casiques contentes e satisfeitos pedirão se dissesse Missa com muzica dos d.^{os} em acção do agradecimen.^{to} do q. S. Exa. tinha obrado.

Como chegamos tão perto de Missoens he justo dê relação sequer de huma, o q. farei p.^r ouvir a hum Indio chamado Ign.^{co} Irmão do pr.^o Casique de S.^{to} Angelo o qual em Lingua Espanhola depois de bem asuciado com comeres, e alguma galantr.^{as} de seu agrado, me disse em prez.^{ca} de varios Portuguezes, q. a Missão de S.^{to} Angelo ficava ao Norte, e dist.^e do passo do R.^o Jacuhy 20 Leguas de todo o cam.^o, e q. era hum gr.^{de}. Povo com muitissimas ruas e q. todas as cazas erão de telha, sem q. dentro do Povo ouvesse ainda cazinhas de palha q. tinha muitissima g.^{te} e hum só Templo edificado no meyo do Povo, m.^{to} gr.^{de}, e bast.^e m.^e ornado; q. a Missão esta situada em planicie, cuberta pela rectag.^{da} de huma longa Serra e pela frente do R.^o Paratinim; q. nella rezidião 3 p.^{es} da Comp.^a Pedro, Bartolomeu, e Lour.^{co}, e q. ali havião todos os officios necessar.^{os} p.^a o serviço do gr.^{de} Povo, q. tinha varias fabricas de lan, algodão, e q. era fertil de todas as frutas do Brazil, e Europa, q. havia m.^{to} trigo, e far.^a de pão, o q. tudo se acredita; pelo q. vimos q. no Povo se observa o mayor silencio; e regimen possivel e q. os Indios só executão o q. os p.^{es} lhe ordenão: q. havia prohibição dos p.^{es} p.^a os Indios não fossem a hum monte perto do Povo por lhes dizerem os P.^{es} havião nelle fantasmas encantados onde sempre havião Trevoadas, e cahião rayos, porem q. todos os annos hia hum P.^e com Indios confidentes a benzer o monte, e q. delle trazião o q. me mostrou q. era huma folheta de ouro feito em forma de coral emfiada em huma corda, e atada ao braço, q. dentro no mesmo Povo havia estudo de solfa, e latim, e q. se ensinava a tanger todos os instrum.^{tos} sonóros e belicos aquelles p.^a o festejo do culto Divino, estes p.^a o esforço das suas Tropas, q. havião escolas de danças e de tudo o mais q. podia fazer ao homem

placião; q. havião Regim.^{os} e comp.^{as} de Soldados com a mesma forma q. as nossas Tropas, e q. esta Missão era fortificada em varias p.^{tes} com 4 peças de Art.^a e q. naquella ocazião tinha posto em campo 1.500 homens armados com flexas, lanças e armas de fogo.

No dia 19 de Novr.^o passarão os Sold.^{os} e offs. e toda a mais gente q. estava na margem do Sul p.^a a do Norte e pelas onze oras da noite se queimou a rancharia para cujo fim ficou g.^{te} the então.

No dia 21 nos puzemos em marcha q. o fizemos sempre pelas 4 oras da manhã, menos a cavalaria que sempre cubria a rectag.^{da} pondo-se em marcha pelas 7 oras do dia tempo em q. tinham promptos os cav.^{os} e sem falharmos dia algum, campamos no campo do R.^o pardo debayxo da Art.^a de J.M.J. no dia 27 do d.^o onde faleceo o capm. Paulo Caet.^o de Souza no dia 25., tendo-se apartado do Exercito no dia 13 por molestia.

Conhecendo S. Exa. a gr.^{de} vontade com q. todos os vassallos de S. Mag.^e F. se empregarão no seu serviço (nesta função) quiz dar-lhe o premio, e no dia 26 de 9bro. proveo todos os postos vagos de subalternos no R.^o de Janr.^o, S. Catharina, e R.^o Gr.^{de} e atendendo aos q. o acôpanharão em p.^r lugar, fez 11 Tenentes 16 Alfs. 18 sarg.^{os} do n.^o e outros tantos supras, e 51 cabos de Esquadras, aos seus sold.^{os} e lhes dobrou o Espirito p.^a outra função.

Como por cartas do Gov.^{or} de Bñ Ayres tem S. Exa. a certeza de não ir as Missoens p.^r este caminho lhe foy preciso retificar a Fort.^a de J.M.J. p.^a cujo fim delineou o Cor.^{el} Jozé Frz Pinto Alpoym em melhor modo de se defender, e logo se pôs em execução abrindo-se-lhe grandes fossos e altos terraplenos, e ficará com efeito emcomquistavel pela Nasção Tápe.

Em meado de Dezembro recebeo S. Exa. cartas de seus conferentes em q. avizavão da rezolução q. havião tomado emprehendendo novam.^{te} a marcha pelo cam.^o de S. Tecla no mez de M.^o de 1755, ao q. S. Exa. respondeo q. já se punha em marcha, e mandou logo ao Ten.^e Cor.^{el} de Dragoens Thomaz Luiz Ozorio com os Dragoens p.^a o R.^o Gr.^{de} e pouco depois marchou o C.^{el} Fran.^{co} Ant.^o Cardozo de Men.^{zos} com alguma Infantr.^o e Aventur.^{os} p.^a Viamão.

Trabalhou-se sempre nas continuadas fachinas da Fort.^a do R.^o pardo e no dia 4 de Janr.^o despedirão as Nuvens tão horrivel tempest.^o q. cauzou horror não deixando Barraca em pè ainda q. os Sold.^{os} se chegarão a ellas com q.^m devia reparar o seu abrigo, e abonansando quasi ao pôr do Sol se virão notaveis Fenomenos no Ceo cauzando o movim.^{to} das nuvens admiração.

No dia 19 de Janeiro ao ponto de meya noute pegou fogo nas Cazas da Fort.^a onde se trabalhou vigorosamen.^{te} em apagar, porem como o vento saltou a varios rumos, em o termo de huma ora se reduzio tudo a cinzas, ficando livre som.^{te} do incendio a caza de S. Exa.

e o Armazem da Polvora, e foy avaliada a perda p.^r mais de vinte mil cruzados.

Continuou-se a expedir a Infantr.^a p.^a Viamão e no dia 27 de Janr.^o executou S. Exa. a mesma marcha pelo R.^o Guayba, deixando a Fort.^a bem guarnecida, e no dia 3 de Fev.^{ro} portou em Viamão.

No dia 5 de Fev.^{ro} recebeo S. Exa. cartas do Gov.^{or} do R.^o Gr.^{de} q. avizava de q. o Gov.^{or} de Bñ. Ayres, e o marquez e na tarde do mesmo dia embarcou dando a vella no dia 6, e navegando pela Lagoa dos Patos portou no dia 9 no R.^o Gr.^{de} de S. Pedro.

Neste estabelecimen.^{to} achou S. Exa. ao Gov.^{or} de Montevideo, e com elle ajustou o descansarem as Tropas 6 mezes p.^a no fim delles entrarem na 2.^a marcha, dando aqui fim a 2.^a que S. Exa. tem feito em q. tem dado a conhecer ao mundo o seu incomparavel valor, capacid.^e, e grandeza de animo.

A 10 de Abril partio S. Exa. p.^a Xoy avistar-se com o Marques de Valdelirios p.^a huma conferencia.

Nota: — Este Código = I-1-1-1 = cópia do trabalho do Capm. Jacinto Cunha (hoje publicado no vol. 16 da Rev. do Inst. Hist. do Rio de Janeiro), eu o attribuo ao Cel. Blasco, das Demarcações, pelo extrato de Gomes Freire, feito a bico de pena. Ele, traz como 3.^a parte, esta = *Noticia* = pois no meu ver é da autoria de Blasco, devido a localização geográfica de alguns pontos, e ao abuso dos = Z = em palavras portuguesas, mais usado em semelhantes italianas, sabendo-se ser Blasco genovez.

Julgo ser esta = *Noticia* = inédita, traz pitoresca descrição do Pto. do Viamão, na época 1754; da missão de Santo Ângelo.

Cinco preciosos desenhos do Rio Jacuí, da autoria de Blasco, existem nas mapotecas da Dia. Engenharia e na do Est.^o Maior do Exercito, trazendo em = *Prospectiva* = a enchente do Jacuí, quando da estadia de Gomes Freire em suas margens. (*)

Esperamos que a publicação desta desconhecida = *Noticia* = seja útil aos estudiosos da Hist. Rio Grandense dessa época, ainda não bem estudada. Rio, Julho 937.

J. C. Rêgo Monteiro.

(*) — Três desses desenhos foram publicados na Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do Rio G. do Sul, no trabalho *Cristóvão Pereira de Abreu*, do gal. Borges Fortes (III e IV trim. 1931).

EVOCACIÓN
DEL
BARON DE RIO BRANCO

JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, FILHO

PRONUNCIADA POR EL

CAPITÁN DE NAVÍO JOSÉ AGUIAR,

EL 30 DE OCTUBRE DE 1937

EN EL

ATENEO "PAYSANDÚ"

DE LA

CIUDAD DE PAYSANDÚ

DE LA

REPÚBLICA ORIENTAL DEL URUGUAY,

CONMEMORANDO

EL VIGÉSIMO OCTAVO ANIVERSARIO DE LA FIRMA DEL

TRATADO DE LIMITES DEL 30 DE OCTUBRE DE 1909

Y EL VIGÉSIMO QUINTO DE LA

TOMA DE POSESIÓN

DE LAS AGUAS JURISDICIONALES ORIENTALES

DE LA LAGUNA MIRIM Y DEL RIO YAGUARÓN

POR EL OFICIAL ANTES CITADO AL MANDO DEL VAPOR

R. O. U. "BARON DE RIO BRANCO"

Asiste el Excmo. señor Embajador
del del Brasil, doctor LUCILIO BUE-
NO y preside el señor doctor EUGE-
NIO P. BERGARA, Presidente del
Ateneo "PAYSANDÚ".

Señoras;
Señor Embajador del Brasil;
Señor Intendente de Paysandú;
Señores Cónsules;
Señor Presidente del "Ateneo PAYSANDÚ";
Señores:

No sé, en verdad, como puedo agradecer a este noble y benemérito "Ateneo PAYSANDÚ" y a su selecta Comisión Directiva, este múltiplo honor que me ha discernido al elegirme, junto a los nobles espíritus de LUCILO BUENO, el actual y eminente Embajador del Brasil, y de EUGENIO P. BERGARA, vuestro altruista Presidente, para honrar, — yo tambien, — y ante vosotros, sanduceros, ⁽¹⁾ el recuerdo de aquel espléndido pensamiento y corazón americano que en vida fué el ilustre Baron do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, — "O Barão", — así, simplemente, como era conocido, — y para hacerlo en esta fecha de hoy, 30 de Octubre, cuando se cumple un nuevo aniversario de la firma del mal llamado *Tratado de Condominio, de Rio de Janeiro, de Petropolis o de Itámarati*, ya que por tan variados nombres se le conoce. — Mal llamado, si, en todas y cada una de esas formas, pues en la mas elemental justicia histórica, ese Tratado solo debe ser conocido, — por lo menos en nuestra Historia, — con el nombre de quien le gestó, le defendió y le consiguió, es decir: RIO BRANCO.

Porque fué a su iniciativa y con su ulterior defensa, que el Brasil, en admirado gesto de aún no superada fraternidad internacional, reparó, en 1909, el daño moral inmenso causado a nuestro pais en aquellos agónicos instantes de 1851, cuando en las manos de Andrés Lamas, de Honorio Hermeto Carneiro Leão, Marqués de Paraná, y de Paulino José Soares de Sousa, Vizconde de Uruguay, radicó, no solo la existencia de nuestra Nación sino la de la democracia y libertad en el Rio de la Plata, humanos valores cuya supervivencia *compró* nuestro país, — así debe decirse, — al precio ingente del daño material de la cesión de las aguas de la Laguna MERIM y del

(1) *Sanduceros* chamam os uruguaiois aos nativos da cidade de Paysandú.

Rio YAGUARÓN y del renunciamento de nuestros derechos, rectamente heredados de España, a las tierras que corren desde el Cuareim y la Cuchilla de Santa Ana, hasta el Pepirí-Guazú. — Y reparó el dado moral, repito, reintegrando a nuestro dominio lacustre y fluvial, la casi totalidad de las aguas de nuestra jurisdicción histórica en la Laguna Merim y la totalidad de las de igual carácter en el Rio Yaguaron, magnífico gesto al que, — todas las distancias guardadas, desde luego, — poco después, el 7 de Mayo de 1913, procuraba corresponder nuestro país transfiriendo al dominio fluvial jurisdiccional brasileiro, la porción correspondiente de las aguas limítrofes del bello e histórico arroyo de SAN MIGUEL, sobre las que nuestra república poseía jurisdicción total.

Pero antes dije que mi designación para hablar en este acto era para mi un múltiple honor. — Y así es. — En efecto:

Es honor, insigne honor, el haber sido elegido para hablar, como Oriental, en un homenaje oriental, espontáneo y cordial, al Brasil y a Rio Branco;

Es honor, insigne honor, ser elegido para hablar en un homenaje que rememora y agradece el gesto extraordinario que culminó en la firma del Tratado de 1909, *único*, repetiré, en su génesis, y solo susceptible de ser parangonado, bajo ciertos aspectos, con aquel otro por el cual, también espontáneamente, nuestro país le devolvió al Paraguay, en pleno y reparador gesto fraternal, los mal llamados *trofeos* de guerra, de la fratricida guerra de 1865/70 y condonó la totalidad de cuestiones y derechos que si no hubiéramos recordado a tiempo nuestras comunes latinidad y americanismo, podíamos, sin duda, invocar;

Es honor, insigne honor, repito, y esto ya me es personal, que este vuestro "Ateneo" haya querido rememorar, no solo aquel Tratado de 1909, sino, también, el vigésimo quinto aniversario de aquel instante en que, al mando del primer vapor de nuestro Gobierno que llevó por nombre el de aquel insigne estadista, — "*Baron de Rio Branco*", — y arbolando al tope el gallardete de mando de nuestra marina militar, de hecho y en Derecho, nuevamente, y para nuestra tierra, tomé posesión de las aguas de aquella Laguna MERIM y de aquel rio YAGUARON, al penetrar en ellas el once de Octubre de 1912;

Y, finalmente, insisto, para quien como yo es tan Oriental y tan ferviente cultor de nuestro pasado histórico y tan sincero amigo vuestro, es honor, y bien insigne, que sea aquí, ante vosotros, sanduceros y en esta vuestra Paysandú gloriosa que tan bien conoció el rigor de las armas luso-brasileras de los subordinados de Diego de Sousa, de Jorge Federico Lecor y de Mena-Barreto, y que aún conserva, a título de honor y como prenda de dolor y sacrificios, al recuerdo del desgarrador drama del 1865, que sea aquí, repito, donde deban rememorarse, honrándolos, al Brasil y a Rio Branco, lo que procuraré hacer, para mi honor y para el vuestro, inclinándome respetuoso y emocionado ante vuestro gesto aleccionador de americanismo comprensivo, solidario y fraternal. — Que mis palabras sean también, entónces, en vuestro honor, sanduceros!.

* * *

Pero, antes de iniciar esta conversación con la que anhelo expresar, (no como discurso, — que nada podría presentaros en parangon con la magnífica oración que acabamos de escuchar a vuestro talentoso Presidente ni con la definición que de aquel iluminado espíritu que fué Rio Branco os ofrecerá enseguida mi ilustre amigo, — perdón!: nuestro ilustre amigo, — el eminente Embajador del Brasil, este Gran Embajador del Brasil aquí presente, que tuvo el insigne honor de ser, además de aventajado discípulo, su amigo dilecto y admirador reverente, —) seáme permitido deciros que solo hablaré en desaliñada y familiar evocación, al través de la cual procuraré detallar cuales fueron las circunstancias relacionadas con Rio Branco en que mi buena suerte, me dió intervención desde 1908, primero, para honrarle publicamente ante el solo anuncio de su fraternal proposición, mas tarde, para conocerle, y, finalmente, para reverenciarle, desde aquel otro instante en que aquella mi misma buena suerte, hizo que fuera yo, como ya lo dije, quien, de hecho, tomará re-posesión para nuestra Patria de aquellas aguas lacustres y fluviales dela Laguna MERIM y del rio YAGUARON, de aquellas aguas cuya sola mención fuera dolor vengonzante para todos los Orientales hasta aquel instante histórico en que Rio Branco, honrándose a si mismo, a su Patria, a la nuestra, a la Historia y al Derecho Internacional, las reintegró a nuestro dominio jurisdiccional.

* * *

Ingresé al servicio de nuestra siempre modestísima pero también siempre soñadora Marina Militar en Enero de 1898. — Era aquella una etapa dolorosa para nuestro país. Acabábamos de ultimar la cruenta revolución de 1897. — Y en América, en esta Sud-América, — sin que intente fijar el porqué ni la finalidad, — cuatro países, sin duda los mas fuertes y mayores, y, entre ellos el Brasil, — no hay que negarlo, — libraban, por sus escritores políticos y militares o navales, — (todos, naturalmente, dentro de los de determinada orientación mental) —, verdaderas batallas de literatura militar y naval-militar — (aún no existía la aviación...) — con un encarnizamiento inconcebible. — Y entre aquella cálida literatura, — si al despropósito y al agravio se le pueda llamar literatura, — existía siempre un condenado irremisible, no por culpable sino por inerme: El URUGUAY.

Diez años largos, por lo menos, pesó aquella angustia sobre nuestra tierra, nuestra libertad y nuestra soberanía. — Y nuestra tierra y sus militares y marinos, sin hombres, sin dinero y sin armas, debieron soportar, de brazos cruzados, la injusticia premeditada, el agravio desbordado e inmerecido y el público anuncio del despojo preconcebido, calculado, fría y metódicamente preparado, en forma tal que llegó a constituir algo así como una larga y penosa agonía cuya culminación liberadora parecía quedar librada a la voluntad de todos, de cualquiera, menos de la nuestra.

Nos dejaban aquellos escritores, eso sí, y en especial a los profesionales militares, un curioso derecho y consuelo: el de saber, de ante mano, dónde y cuando, sobre nuestra tierra o nuestras aguas, se librarian las necesarias batallas entre hermanos americanos que dirimían derechos e intereses que no eran los nuestros; batallas necesarias para la gloria y el ascenso de aquellos ególatras, estrategias de imprenta en su mayoría; cuáles ciudades serían arrasadas, qué puertos serían las futuras base de apoyo, desembarque o aprovisionamiento para sus fuerzas de ataque; cual, finalmente, el aporte que en hombres, o en recursos, o en lo que fuere, nuestros pueblos y nuestra tierra tendrían que prestar a la ambición real o a las pretendidas necesidades ajenas...

Y así, en aquella atmósfera de depresión espiritual, vivimos los últimos años del siglo pasado y los primeros del presente; así los vivimos todos los que, por cualquier motivo, pensábamos en nuestro

país y en los fundamentos de libertad y de democracia aprendidas al recuerdo y calor de nuestra epopeya patria, tan cercana aún y tan penosa. — Fué aquel, en verdad, un período de sombras para todos los valores morales y de incertidumbres para nuestra fé esperanzada en el porvenir de la Humanidad y de nuestra Patria.

Pero un día, entre aquella desesperante depresión, algo ocurrió que pareció increíble. — Una mano gigante, una mano abierta, cordial, calurosamente fraternal, amiga, se tendió inesperada y desinteresadamente hacia nuestra tierra y nuestro pueblo. — Era tan solo la mano de un hombre, pero de un hombre que era un Pueblo, que valía una Nación, era la mano de Rio Branco... Y Rio Branco era el Brasil...

Nada nos interesa saber si Rio Branco, con su gesto, sólo aspiró al alivio de un pueblo angustiado hasta por sus propios compatriotas, o sí, como es humano, su actitud tenía otro sentido o finalidad de beneficio para su propia patria, mas allá de aquel de orden y prestigio moral a que antes me ha referido. — No; ese análisis no interesa. — Los Orientales no podemos discutir ni analizar el gesto de Rio Branco, como no podemos, tampoco, discutir ni analizar el de Roque Saenz Peña.

Porqué, para nosotros, fué realidad, tan solo, que aquellas tendencias regresivas fueron vencidas por Rio Branco con el Tratado del 30 de Octubre de 1909. — Como, enseguida, las vencería Saenz Peña con el Protocolo del 5 de Enero de 1910. — Y no los podemos discutir porqué fué gracias a ellos, y a quienes les secundaron, que las palabras Paz, Justicia, Derecho y Humanidad, recobraron sentido entre nosotros. — Y, sin duda, también, entre sus connacionales. — Y desde entónces, aquellos dos Hombres de América, conquistaron, a pleno derecho, la ciudadanía de Honor Oriental.

La sensación con que se recibió en Montevideo la iniciativa de Rio Branco, es claro que me refiero tan solo al ambiente popular, — fué, sin duda, de estupor, de duda. — Si en aquella impresión existía gratitud, — (y cuanta!) —, ella resultaba contenida, anhelante, como temiendo creer, hasta que un día...

Pero me es necesaria una digresión.

Por aquellos mismos años, un poco, desde luego, por cálido partidario colorado; un mucho, también, como reacción de derechos irrenunciables contra aquellas prédicas lesivas de nuestra soberanía, y, también, por cierto, contra la pasividad indiferente y culpable de una suma de opinión nacional desaprensiva, Carlos Travieso, espíritu elevado y combativo, había fundado un Club, — (el “*Club Colorado RIVERA*”) —, en el que se revedenciaba a la Patria, personificándola, acaso, en un culto fervoroso a la memoria del General Fructuoso Rivera, o, para ser mas exactos, en su personificación nativista de “*Don Frutos*”.

Era aquel Club, — y sigue siéndolo, por fortuna, — una entidad curiosa, de variadísimos matices, entre los que se destacaban los guerreros, místicos, patriotas, apasionados, positivos exponentes de civilidad y, sin embargo, netamente *agauchados*, tradicionalistamente criollos... y entre sus nóminas de asociados figuraron, — y figuran en incesante renovación y persistencia de valores morales, — desde los mas altos políticos y gobernantes, civiles y militares y marinos, hasta los mas desarrapados “*Sans Culottes*”, pero formando siempre, eso sí, una curiosa y sui-géneris amalgama de la mas pintoresca presentación, pero siempre, también, de altos valores morales, de esperanzados y nobles anhelos y de notoria acción y eficiencia en el ambiente intelectual y político nacional.

Y un día, — aquel día a que antes me referí, — aquel “Club RIVERA” organizó una manifestación popular de gratitud hacia el Brasil y hacia Rio Branco...

¿Cuántos éramos, áquel día, cuántos partíamos de la vieja sede del Club, en la Avenida 18 de Julio, cerca de la histórica Plazoleta “Saroldi”, de aquel entonces?. — Oh! muy pocos, apenas una banda de música militar y muy poco mas de cincuenta personas, nunca mas de cien, por cierto, pero, eso sí, representantes claros de toda la gama social.

Y emprendimos la marcha por 18 de Julio hacia el Centro, en demanda, primero, de la Plaza Independencia.

Os es a todos bien conocida nuestra Avenida 18 de Julio y la inflexión, no muy pronunciada, sin duda, que se forma a la altura de la hoy plazoleta “*del Gaucho*”, a unos mil metros de la de Saroldi, impidiendo la visión entre ese primer tramo y el que la continúa hasta

la Plaza Independencia, distante unos mil quinientos metros de la plazuela del Gaucho. — Desde nuestra partida del Club hasta llegar a la Plaza Independencia, ni una vez miramos para atrás los que hacíamos cabeza; temíamos, un poco, el fracaso de nuestra iniciativa. — Pero seguíamos adelante, atronando el aire con vivas, cohetes y música, alentados por el acojimiento que recibíamos a nuestro paso. — Las aceras de la extensa avenida estaban plenas de público; en realidad, nos daba la sensación de que todo el Montevideo de la época se había agolpado en ellas para vernos pasar. — Pero después de atravesar la Plaza Independencia, al llegar a la calle Sarandí, subimos varios a la terraza del edificio de Caubarrére. — Y entonces fué la sorpresa y la emoción... porqué desde allí hasta el monumento al Gaucho, en aquella vía de mas de mil quinientos metros de longitud por cuarenta de ancho, no había un solo claro y era que, si bien era verdad que *todo Montevideo* se había volcado en la Avenida, también lo era que aquel "*todo Montevideo*" se había incorporado a nuestra manifestación. — Fue aquella una demostración única. — Hasta entonces no se había visto nada semejante en nuestra ciudad.

Y entonces, decididamente, en lugar de dar por terminada allí la manifestación, marchamos todos hacia el entonces aún existente y tan hermoso "Hotel ORIENTAL", donde se alojaba Enrique Lisboa, el caballeresco y eminente diplomático brasileiro que acababa de llegar a Montevideo para asumir la representación de su país y para quien nuestra irrupción fué una sorpresa indescriptible.

Fué profunda y bien visible la emoción del Ministro Lisboa cuando, teniendo a su lado a su gentilísima hija Enriqueta, sorprendentemente bella, llenamos totalmente el amplio Hotel y se ofreció a su vista, a sus piés, todo a lo largo de las calles concurrentes, una masa humana compacta y anhelante. — Y allí, arrinconado en un ángulo de uno de los grandes bolcones de la calle Piedras, Carlos Travieso le dedicó el mas sentido discurso que haya pronunciado en su vida, el que tuvo un auditorio mas ferviente, el que produjo mas certeramente el sentir y la gratitud unánime de toda una población.

Y cuando Travieso culminó sus palabras y con los brazos en alto clamó por el Brasil y por Rio Branco y aquella multitud mas que vivir rugió aquellos dos nombres, Lisboa, con los ojos humedecidos, tembloroso, tardó mucho tiempo en poder contestar...

El "Club Colorado RIVERA" y Carlos Travieso tienen en su

haber muchos y muy bellos éxitos, sin duda, pero el de aquel día, fué, largamente, el mayor, y el capaz de merecer, por si solo, el agradecimiento perene de nuestro patriotismo.

* * *

Fué aquel, ya está dicho, un grande y bello homenaje. — Pero yo, aún no conocía a Río Branco...

* * *

Fué exactamente a mediados de Agosto de 1910 cuando conocí a Río Branco. — Pero mayor, quizá, será decir que fué entonces cuando, por primera vez, le vi, le oí hablar y estreché su mano. — Porque estoy seguro que para él, en aquel entonces, yo fuí, tan solo eso: "*Una mano mas que estrechó*". — Si entonces llamé su atención fué, ciertamente, en forma bien desconcertante para mí.

Regresábamos de Europa trayendo para nuestra Marina militar, un buque moderno, eficiente dentro de su modestia: el crucero-torpedero "URUGUAY", ese mismo que aún hoy, a casi treinta años de distancia, sigue siendo nuestra nave capital...

Al llegar a Río me tocó en suerte una ruda faena, — sin duda la mas penosa de abordó pero que se cumple siempre con singular ardor —: *Hacer carbón*.

Teníamos una dotación precaria, escasisima, mezcla de marineros orientales y de fogoneros alemanes. — Y los Oficiales no estábamos todos, ciertamente, en estado de lo que llamaré "*eficiente presentación social*". — Pocos, en efecto, disponíamos de nuestro equipo completo, especialmente en las prendas de gala.

En plena faena carbonera, cuando en mi persona ya no quedaba practicamente visible nada del entonces joven oficial, — os estoy hablando e veintisiete años de distancia... — recibí la orden de uniformarme de gala para acompañar a nuestro comandante en varias visitas oficiales. — Al permitirme expresar tan solo con una mirada mi sorpresa ante aquella orden dado mi estado del momento, el 2do. Comandante, mi siempre buen amigo Eduardo Muró, me dijo, como única y definitiva sentencia: "*Apúrese, la lancha está a sus órdenes y el Comandante lo espera en la Legación*, y, no sé con

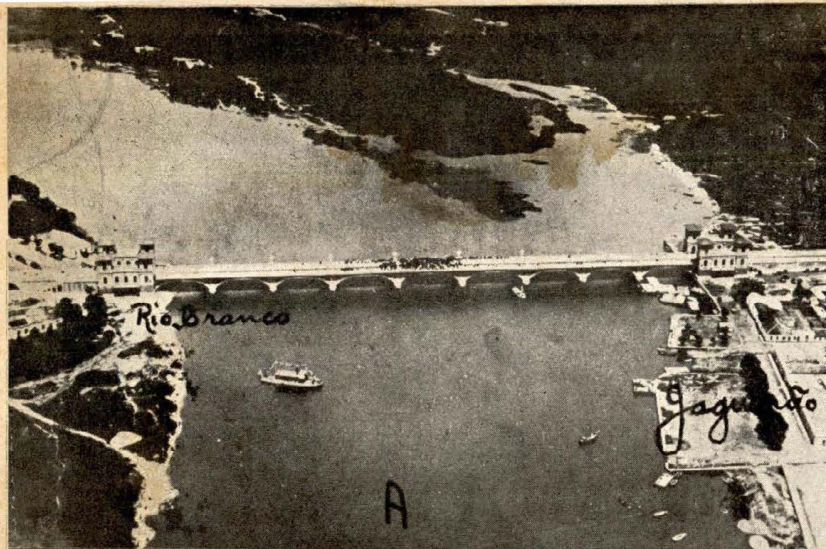
que intención pues militarmente era innecesario, agregó; "*Van a conocer a Rio Branco*". — Oírle y desaparecer mis inconvenientes fué todo uno. — Y muy pocos minutos después, quizá demasiado pocos según habría de apreciarlo enseguida y tras lo que poéticamente llamaré "*Un buen baldeo personal*", partía, en plena gala, en demanda de mi comandante, el capitán de navío Juan Escabini.

¿Donde estuvimos antes de ir a cumplimentar a Rio Branco, que otros funcionarios visitamos antes? — No lo sé, quizá no lo supe nunca. — Y es que mi pensamiento estaba en Rio Branco y nada mas. — Finalmente llegamos a Itámaratí, al palacio residencia oficial del Ministerio de Relaciones Exteriores del Brasil y después de los ritos protocolares fuimos presentados a Rio Branco por nuestro entonces Ministro, mi eminente compatriota y amigo, don Rufino T. Domínguez, el que tuvo el honor de firmar, junto con Rio Branco, el Tratado de 1909.

Entré emocionado al salón de Rio Branco y salí decepcionado, quizá sea mejor decir desconcertado. — Rio Branco se me apareció grande, como lo era, erguido, majestuoso, quizá algo olímpico, de amplísima frente difícil de apreciar por lo erguido del busto, de ojos claros, profundos, algo semi-cubiertos, que parecían mirar desde muy adentro, con expresión fría, acerada. — No habría de fijarse, él, que en aquel entonces, no menos que ahora, encarnaba al Brasil, en el oscuro oficialito, elemento simplemente decorativo en aquella comitiva, y último, por razón de jerarquía, en la presentación y autoridad. — No hubo, tampoco, motivo de estudio o personal destaque; era, aquella, una simple visita protocolar. — Pero mi sensación de aquel día, no radicó en nada de eso. — Estuvo, sí, en lo siguiente:

Al serle presentado y tenderle la mano y mirarle yo fijamente, — miraba, no hay que olvidarlo, a quien era ya para mi un hombre superior, — y estoy seguro que lo hice con real emoción, también Rio Branco me miró fijamente y a los ojos, directa, rectamente a los ojos. — Y, para mi desconcierto, curiosamente reiteró su mirada. — Para mi notoria, evidente, la diferencia entre la atención bien escasa que había prestado a los otros y la que me prestó a mí. — ¡Y cuando aprecié en aquel instante aquella para mi clara diferencia de atención!!

Pero aquella sensación emotiva del primer instante se cambió en positivo desconcierto, cuando, durante la no muy larga en-



- A) Ponte internacional "Mauá": Jaguarão — Rio Branco.
 B) Inauguração do monumento a Rio Branco, em Montevideo: 1 — Dr. Nabuco de Gouveia, Ministro do Brasil; 2 — Dr. Claudio Williman; 3 — Dr. Luis Alberto de Herrera; 4 — Ismael Costeira; 5 — Ing. José Ser-rato; 6 — Dr. Pedro Marini Rios; 7 — Consul Conrado, do Brasil; 8 — Dr. Emilio Barbamex, ex-ministro das R. Exteriores do Urugauí; 9 — Dr. Virgilio Sampognaro; 10 — Dr. Leonel Aguirre.
 C) Monumento ao Barão do Rio Branco, em Montevideo.
 D) Regimento "Blandengues de Artigas", após as honras prestadas no acto inaugural do monumento ao Barão do Rio Branco em Aceguá.

trevista de la que yo era, insisto, un simple elemento decorativo, Rio Branco, sin motivo aparente, me volvió a mirar los ojos. — Y la sensación se agravó penosamente cuando, al despedirnos y volver a estrechar su mano, Rio Branco, otra vez, me miró los ojos. — Ciertos familiares y personas de mi particular cariño, — de cuya lealtad no puedo dudar, — me dijeron muchas veces (es cierto que hace ya de esto varios años...), que cuando joven mis ojos eran muy bellos — Es mi lealtad para ustedes lo que me hace decir estas cosas intimas en las que hoy será difícil creer, lo admito. — Pero francamente no me parecía que lo fueron tanto como para que Rio Branco se fijara tan insistentemente en ellos. — Fué entonces que mi emoción gratísima del primer instante se convirtió en un positivo desasosiego.

Y así, con aquella impresión de ánimo llegué de regreso abordo. — Y entónces, brutalmente, al darme por presente al mismo capitán Muró, este me dió la clave de aquella hasta ese instante inexplicable insistencia al preguntar-me con ceño no muy grato: "*¿Y con esa cara se fué a tierra? ¿Por que no se lavó?*". — Que angustia, señor! Yo me había lavado, sí, y concienzudamente, pero en la nerviosidad del apremio acrecida con el anuncio de la visita a Rio Branco, no presté, sin duda, la necesaria atención ni a mis ojos ni a mi frente. — La intensísima calor de aquel día excepcional había hecho lo demás. — Y lo que al partir de abordo y en la Legación había pasado aún desapercibido, una hora después, sin duda, ya no lo era. — En efecto, mis ojos estaban magníficamente orlados y en mi frente lucía rastros evidentes de la dura fanea recién cumplida.

Y así, con aquella primero emotivo pero mas tarde ingrata sensación, fué que conocí a Rio Branco. — Es decir, así le ví, así le oí, así estreche su mano, así me miró...

Pero pronto, afortunadamente, había de modificar mi impresión. — Y en esa segunda vez que le ví, habria de hablarle yo tambien, pero yo en persona, no como en aquella primera vez en que debí limitarme a cir le que otros hablaban con él...

Muy poco después, nuestro Gobierno, deseoso de retribuir las atenciones recibidas por intermedio de una delegación que nos visitó con el crucero "BARROSO", envió a Rio de Janeiro, en ocasión de una de las fiestas patrias brasileras al ya citado crucero "URUGUAY" del que ya era yo, entónces, Teniente de navío. — En aquel buque, en misión especial, fué uno de los Ministros de Estado de la época,

el Dr. José Espalter, este mismo doctor Espalter que hoy desempeña, nuevamente, la cartera de Relaciones Exteriores.

Fué entonces, cuando, acompañando al doctor Espalter, en una entrevista no tan protocolar como la primera, y desde luego, mucho más efusiva, volví a ser presentado a Rio Branco, — allí, en aquel mismo despacho de la primera vez y aún bajo la impresión dudosa que antes relaté. — No tan rígida ni corta, en esa nueva visita el Barón pudo darse cuenta de mi existencia, de hablarme, y de hacerlo con aquel su extraordinario don de gentes, con su gesto tan cordial, que dulcificaba su mirar pero que sin embargo le hacía parecer más alejado, más superior, como si se encontrara en un plano más elevado que sus interlocutores. — Y recibí entóces de sus manos, como los otros dos orientales presentes, un ejemplar lujosamente encuadrado del Tratado de 1909 conjuntamente con todos los antecedentes que le habían configurado. — Y fué allí cuando, espontáneamente, Rio Branco dijo que aquel Tratado era, para él, el de mayores valores de todos los que había concertado o en que había intervenido a favor de su tierra. — Y como se le preguntara, quizá un poco maliciosamente pero con la más clara expresión de inocencia el porqué de aquella convicción, contestó enseguida y sencillamente que *por que en ese Tratado el Brasil, materialmente, lo había dado todo, y, moralmente, lo había ganado todo.* — No me es grato repetir palabras de quienes ya no pueden, dolorosamente, ni negarlas ni aprobarlas, pero no vacilo en afirmar que si esas no hubieran sido las exactas palabras que Rio Branco dijo, ese fué, sí, sin duda alguna, su exacto sentido. — Oh! Las recuerdo muy bien... Y así como aquel libro recibido de sus manos constituye uno de los mejores valores morales de mi biblioteca, aquellas palabras forman el fundamento incommovible de mi reverencia hacia su memoria esclarecida. — Así fué, repito, como vi y hablé y desde entónces reverencio a Rio Branco. —! Que distinto, todo, de la primera vez...!

Nuevamente, a un año de distancia, le volví a ver otra vez. — Había de ser la última. — Cuatro meses después, el 10 de Febrero de 1912, moría Rio Branco.

Y fué otra vez en aquel mismo Itamaratí, donde le vi esa tercera última vez, en la que pude apreciarle en otro de sus múltiples pero siempre superiores aspectos. — Fué durante una excepcional recepción, en el magnífico salón de fiestas. — En un instante preciso

de aquella excepcional recepción, como a un conjuro, se produjo un gran silencio, y, algo inexplicable en aquel mundo de gente, toda actividad pareció cesar. — Sin que se supiera por qué, en un determinado instante, todos, siguiendo sin duda el gesto de los conocedores, giramos nuestra vista hácia determinada entrada del salón, ante la cual quedó formado algo así como un semicírculo infranqueable. — Y un instante después, realmente soberano, un hombre apareció en el vano. — Era Rio Branco. — Pero no era el Rio Branco de mi primera entrevista ni siquiera el de la segunda, era *otro Rio Branco*, algo pálido esta vez, — no de balde había de morir tan pronto... — pero era un Rio Branco que encarnaba, ahora sí, y soberbiamente, aquel "*Deus Terminus do Brasil*" que decía Ruy Barbosa... porque por un instante nos pareció, — esa fué, por lo menos, mi impresión, — que en el salón solo estaba él, tanta era su importancia, su perfecto dominio del medio, su prestancia propia, inconfundible, única, su autoridad, el respeto supremo, en suma, que emanaba de su persona y del que era prueba definitiva y concluyente el gesto reverente, de plena pero respetuosa amante subordinación de todos los presentes, *de todos*, entendiéndose bien, cualquiera que fuera su jerarquía e posición política o social. — No cabía la duda: Rio Branco era el Héroe Nacional Brasileiro por excelencia y al entrar él en el salón la Gloria Nacional estaba allí de cuerpo presente...

* * *

Yo lo he dicho muchas veces. — Pero he de repetir-lo ahora. — Tres veces en mi vida deambulatoria he sentido una extraordinaria impresión de estar al lado de algo grande, tan grande, que mi persona y lo demás ya no existía.

La primera fué una mañana en que, solo, me encontré bajo la cúpula de la Catedral de San Pedro en Roma y en un determinado momento, un rayo de Sol entrando por un ventanal cruzó luminoso, con una en aquel instante extraña luminosidad, aquel amplio ámbito. — Me pareció que me empequeñecía mientras que la cúpula se amplificaba al infinito...

La segunda fué una noche en Londres, al pié de la columna de Nelson, cuando, en un abrir de ligera neblina, la luna permitió admirar toda la grandeza de aquel magnífico monumento y comparar-

le, sub-concientemente, con uno de esos míseros hombres que parece que solo se ven en Londres, acurrucado junto a uno de los leones del basamento.

Y la tercera vez, fué allí, en Itámaratí, cuando Rio Branco apareció en la puerta y dió la sensación que solo él estaba en el salón...

* * *

En 1912 era yo flamantísimo capitán de corbeta y reciente 2do. comandante de aquel mismo "URUGUAY", nuestra joya naval de entonces... y de ahora!. El Presidente Batlle descaba activar la caracterización de la nueva línea frenteriza de acuerdo con el Tratado Rio Branco, y, desde Yaguarón, el Jefe de la "Comisión de Límites", el íntegro coronel e ingeniero José Chiappara, — mi inolvidable amigo, — más tarde General, urgía el envío de un buque que le permitiera cumplir aquel cometido en la amplísima Laguna Merim. — Satisfaciendo un pedido directo, — sin duda algo *irregular*, administrativamente, de Chiappara, que era un poco "*atravesado*" de genio y no se entendía bien con la recientemente creada Intendencia Militar, — Batlle, que era muy su amigo y que había tomado ese asunto de la frontera con gran empeño, casi, diré, como cosa propia, disponía directamente todo lo relacionado con aquella comisión por intermedio de su secretario, Virgilio Sampognaro, — el mas tarde **también eficiente Alto Comisario de Límites con el Brasil y actual distinguido Ministro plenipotenciario en Alemania**, — de quien tanto Chiappara como yo, éramos muy grandes y buenos amigos.

La dificultad de encontrar un buque aparente para aquella expedición había sido resuelta mediante un acuerdo, — que había preparado Sampognaro, — entre los Ministerios de Guerra y Marina, — hoy Defensa Nacional, — Obras Públicas y Relaciones Exteriores, por el cual Guerra y Marina se desprendía de una de sus unidades auxiliares, el Transporte "MALDONADO" y se lo transfería a Obras Públicas, de quien dependía entónces la "Oficina de Navegación Interior" mientras que por Relaciones Exteriores se bautizaba la nave, para el nuevo cometido, con el nombre de "BARON DE RIO BRANCO", dándosele a su destino y función carácter de comisión diplomático-militar a los efectos del comando hasta, por lo me-

nos, llegar a la Laguna. — La dotación del buque, en su carácter militar estricto fué parcialmente desembarcada y se la completó con otro personal que si bien legalmente *no era naval-militar* pues habia pasado a revistar por un Ministerio Civil, en realidad, por su origen, calidad, comando, vestuario atribuciones y régimen de servicio, seguía siéndole sin variación.

Ya he dicho en qué forma y al margen de todo lo reglamentario se preparaba aquella expedición. — En realidad, de todo lo que se hacía, publicamente, solo se sabía que el “BARON DE RIO BRANCO” partiría para la Laguna Merim. — Pero un día, al comenzar aquel Octubre de 1912, dos días antes de la fecha en que se había hecho público que el buque zarparía, encontrándome en la Secretaría de la Presidencia, al regresar Sampognaro, — evidentemente desagrado, — del despacho del señor Batlle, me hizo saber las dificultades con que luchaba para organizar aquel viaje y terminó con estas palabras: “*Batlle está furioso conmigo: dice que los marinos nacionales, a quienes yo defiendo, cuando se les precisa como tales marinos, no se puede contar con ellos; nadie quiere llevar al “RIO BRANCO” a la Laguna*”. — Lé contesté: “*A mi nadie me ha ordenado que lo lleve*”. — “*Y si se le nombra y se le da la orden de zarpar enseguida, ¿lo hace?*”, fué la contestación interrogativa de Sampognaro. — “*Nada me lo impide, contesté, siempre que usted pueda arreglar eso con el Comandante de Marina y con mi comandante*”.

Sampognaro volvió enseguida al despacho del Presidente regresando breves instantes después, — esta vez sonriente, — para decirme: “*Está nombrado, tiene que zarpar pasado mañana a las 4h.; entienda bien: pasado mañana a las 4h.; no se preocupe por nada mas; estoy autorizado para solucionar su situación militar directamente y ahora mismo le hablaré a Möller, — (se refería a Federico Möller de Berg, entonces Intendente de Guerra y Marina) —, para que le facilite todo lo que le sea necesaria*”. — Eso ocurría a eso de las 19h. de aquel día, con lo que me quedaba un día útil para preparar el buque. — Es claro que debía entender que el buque estaba virtualmente listo para hacerse a la mar... Y me fui contento con aquella comisión que conceptuaba de las mas honrosas y que solo mi buena suerte había puesto en mis manos...

Pero al día siguiente fui abordo a revistar mi nueva unidad. —

Y allí fué mi desencanto. — La tripulación, de cuya formación se había encargado el patron Antonio Ververde era, ella sí, excelente, veterana, y debo recordar entre sus buenos integrantes a dos oficiales da máquinas de mérito propio y amigos míos: Pascual Díaz, 1.^{er} Maquinista, y José Cortada, que era el segundo. — Pero el buque... no tenía carbon, no tenía víveres, no existía vajilla, no había agua, ni cartas de navegación, ni instrumentos, nada, en una palabra, de lo que es, normalmente, imprescindible para navegar. — Pero a la hora y día indicado, el "RIO BRANCO" zarpó... — ¿Como?, ¿Por qué?,

Nunca he sabido la razón de aquella premura y de aquella hora pre-establecida para zarpar pero a ese respecto bastará decir lo siguiente: — Un poco, no diré desesperado pero sí desagradado ante la situación que yo mismo me había creado, a última hora de aquel día, el que precedía al de la ordenada partida, desde la Intendencia Militar llamé por teléfono a Sampognaro y le conté mis cuitas. — Me contestó fieramente enojado; no podía admitir que el buque estuviera prácticamente desvalijado. — Pero al fin, contra todos sus deseos, accedió a consultar el asunto con Batlle. — Y unos breves instantes después, tuve la gentil respuesta; fué así; "*Dice Batlle que si no sale a la hora ordenada se presente enseguida a la Fortaleza del Cerro*". — Y amablemente, cortó la comunicación.

Salimos naturalmente, a la hora ordenada.

No sé si esto que relato será protocolarmente correcto. — Pero puedo afirmar que era expeditivo.

* * *

Ya dije antes que mi intervención en estos aspectos relacionados con Rio Branco los debía sin duda a mi buena suerte. — Nunca he comprobado mejor la existencia de esa protección que en aquel viaje. — Verdadera pequeña Odisea... El buque gobernaba mal, en varias oportunidades se le saltaron los guardines del timón, el llevarlo a ruta, siquiera aproximada, era penosísimo, durante las maniobras de zarpar, se comprobó con la angustia consiguiente que el molinete de las anclas no funcionaba sino a su voluntad, pues de cada tres mallas que cobraba, — es decir: que recogía —, se saltaban dos..., por encima de todo, — sin duda por si todo eso fuera poco, — el buque no tenía instrumentos de navegación ni cartas náuticas ni der-

roteros... En una palabra: Nada de lo elemental para navegar existía a bordo, salvo que se consideraran material profesional uns discreta provisión de botellas de whisky que el señor Valverde tuvo la notable provisión de embarcar. — No estoy exagerando una situación; es la estricta realidad lo que relato sin que interese en este instante la justificación de aquella situación.

Pero así y todo, teniendo an cuenta que los marinos de nuestra tierra si a menudo no disponen de buques, siempre, con toda seguridad, "*han tenido Dios aparte*", llegamos a Rio Grande del Sur con toda felicidad sin mas instrumental náutico que nuestros ojos y una rudimentaria sonda de mano.

En la histórica e interesante ciudad de Rio Grande del Sur al atravesar su "*barra*" famosa nos fué dado admirar la magnitud del esfuerzo que ya por aquel entónces se iba cumpliendo para regularizarla, esfuerzo que honra grandemente al Estado vecino y a sus autoridades. — En aquel puerto, hoy tan hermoso y eficiente, visitó el buque el hoy Almirante Brasilio Silvado, Jefe, entónces, del Apostadero Naval. — Hombre de ciencia, sumamente ilustrado, era, tambien, muy curioso, — se entiende que en buen sentido de profesionalmente curioso, — especializado en magnetismo, se empeñó precisamente — (como me resultó desesperante en aquel instante!) — en conocer el instrumental de abordó... Y solo pude mostrarle una pequeña brújula "*Carter*", de belsillo, de uso topográfico, que en todas mis andanzas ha sido fiel y constante compañera. — No quería creerme. — Solo la comprobación personal de la evidencia le convenció. — Hago gracia, ¡es claro!, de los numerosos "*Ora isto!*" y otras muchas curiosas expresiones portuguesas con que matizó su assombro. — Pero al dia siguiente me enviaba junto con una afectuosa carta un plano bastante bueno de la Laguna Merim, — el mejor existente entónces, — y, no sé si con un dejo de ironía, un excelente y científico libro de que era autor sobre magnetismo en el Rio de la Plata y en aquellas costas. — Mantuve siempre aquella amistad y su recuerdo es una de las cosas que le agradezco al viaje.

No es posible entrar en los detalles menores de la travesía de la extremidad sur-oeste de la *Laguna de los Patos*, de la estada en la pintoresca ciudad de Pelotas, del tan bello desaguadero de la Laguna Merim, el "*Sangradouro*" o "*San Gonzale*", ni de la entrada en la citada Laguna por el extenso y chato placer que forma su "*Saco*" del

Nor-oeste. Pero no me es posible echar en olvido a nuestros cónsules, el de Rio Grande, Alsina Alvarez, protocolar, dinámico y entusiasta, sumamente servicial y orgulloso con nuestra visita, y el de Pelotas, don Fernando Torres, un anciano *de a deveras*, verdadero padre de los orientales allí radicados. — Cuando don Fernando visitó al “BARON DE RIO BRANCO” y le rendimos los modestos honores con que nos era posible distinguir-le, nuestro viejo compatriota lloró de emoción. — Y es que, como lo dijo, era la primera vez en su larga vida que pisaba un buque con bandera oriental y, destinado ya por sus achaques a no abandonar aquella ciudad rio-grandense, de la que se sentía hijo, había perdido la esperanza de cumplir aquel anhelo. — Y se acordó de Rio Branco para bendecirle ya que gracias a él podía realizarlo y nada menos que en el buque que llevaba su hombre e iba a tomar posesión de las aguas de la Laguna Merim para la Nación Oriental...

No intentaré expresar mis sentimientos cuando el 11 de Octubre de 1912, la proa del “BARON DE RIO BRANCO” cortaba la línea ideal delimitadora de la jurisdicción oriental-braslera que Rio Branco acababa de trazar, mientras, bajo el casco de nuestra nave, las aguas se confundían irremisiblemente, tal como ojalá se confundan siempre nuestros sentimientos de fraternidad brasilera-oriental. — Pero fué aquel instante, lo reconozco, de íntima emoción. — Y es aquel instante de hace veinticinco años el que hoy, gracias a este nuestro “Ateneo PAYSANDÚ”, estamos aquí reunidos para rememorar... Os doy las gracias, ateneístas, sanduceros y brasileros amigos aquí presentes, y a voz tambien, ilustre Embajador del Brasil por vuestra honrosa presencia.

El “RIO BRANCO” recorrió la Laguna en todo sentido. — Estuvo en el Rio Yaguarón hasta el “*Paso de Periquito*”, después de pasar frente a “*San Servando*”, reducido entónces a exactamente dos ranchos sobre un verde otero, aquel “*San Servanda*”, rememorador del valiente entre los valientes que fuera el General Servando Gómez, custodia oriental opuesta a la “*Guardia del Serrito*”, núcleo básico de la actual progesista ciudad de Yaguaron. — Mas tarde, el “*Rio Branco*” entró al Cebollatí, hasta el “*Puerto de la Charqueada*”, donde nos esperaba el coronel francés Paul Gros, al servicio de nuestro país, que embarcó en el “*Rio Branco*” junto con su señora esposa, un joven ayudante francés, Ricaud, que debía morir en la Guerra Mundial,

y, — no debo olvidarlo pues en nuestra visita a “*Santa Vitoria do Palmar*”, constituyó un positivo fundamento de éxito, — una excelente provisión del mejor y mas auténtico champagne. — En esa “*Santa Vitoria do Palmar*” que fundara el Mariscal d’Andrea, fuimos objeto de grandes homenajes que precisamente pudimos retribuir orgullosamente con aquel magnífico champagne dejando así una impresión de grandeza y buena vida que estaba por cierto bien lejos de nuestras posibilidades del momento. — Y después de recorrer la Laguna hasta el “*Saco del San Miguel*” y de llegar hasta el histórico castillo homónimo que fundara Jose da Silva Paes hace ahora doscientos años, el “RIO BRANCO” regresó a la barra del Cebollati donde lo tomó a su cargo el entonces Alféres de navio Arturo Juambeltz.

* * *

No me es posible cerrar este capítulo de esta tan extenso y pesado relato sin una mención especial para aquel otro instante, tambien de singular evocación emotiva, cuando, desde los baluartes del por aquel entonces semi-derruido Fuerte de SAN MIGUEL, profanado por una serie de cobertizos y refugios unas veces de maleantes y contrabandistas y otras de representantes menores de autoridades nacionales, la vista se extiende desde el Océano hasta la Laguna Merim, dominando aquella *Angostura* famosa, mientras se perfila al frente la recta delimitadora que se extiende entre los sendos pasos *Reales* del San Miguel y del Chuy y se flanquesan las tierras de la triste y desolada faja litoral, cuyo centro de acción y de atracción visual lo forman la *Barra*, el *Marco* y el *Faro del Chuy*, y a mitad de camino entre océano y Laguna, tiene su contienzo aquel curioso y enigmático principio de *Muralla China* brasilero-oriental que se apoya en el *Marco del Chuy* sobre su *Paso Real* extendiéndose, en tentativa de efectiva separación material felizmente incumplida, durante unos sesenta metros de extensión hácia el San Miguel, enigmática construcción, repito, que ya en 1867 llamaba la atención al ilustre brasilero que fué Marcondes Homem de Mello. — Y al contemplar aquellas tierras y aquel muro, no me fué posible dejar de pensar si no habria sido un designio providencial, verdadera -pre-determinación de nacionalidades, aquel naufragio famoso de *Martim Affonso de Souza*, en su capitana la “*Cananea*”, y su marcha desde allí, *siempre hácia el Norte*, como si

aquel debiera ser, desde aquel instante, el punto máximo de alcance austral de aquella "*Nueva Lusitania*", cuya toma de posesión le encomendara su Rey, Don Juan III de Portugal, — el Piadoso, — y me pareció entonces y me reafirmo ahora, que en ningún lugar podríamos levantar, orientales brasileiros, un monumento a nuestra fraternidad americana, latina e ibérica, mayor que allí, en aquel mismo Chuy y en aquel mismo muro, rememorando, unidos, en lugar de separados, aquel suceso famoso!.

* * *

Respondieron, nuestra tierra y nuestro pueblo, al gesto de Rio Branco?. — Sí, pero parcialmente, como era dable, pues nuestra deuda es deuda que no se estingue. — Y así lo probaria, siquiera elementalmente, esta reunión de hoy. — Pero recordaremos someramente sus exteriorizaciones.

En 1913, las aguas del *San Miguel*, que eran hasta ese entonces totalmente orientales, tal como hasta 1909 las del Yaguaron habían sido brasileras, pasaron a regirse jurisdiccionalmente por el régimen de la *línea media*. — Espontánea esta medida, era tan clara que ni siquiera se consideró necesario un Tratado expreso. — Fué ese nuestro primer acto oficial de retribución.

Mas tarde, en 1916, con la concurrencia de todos los altos poderes nacionales encabezados por nuestro Presidente de la República, entonces el Dr. Feliciano Viera, se realizó en los yermos campos de *Aceguá*, sobre la misma frontera, la ceremonia de la colocación de la piedra fundamental de un establecimiento técnico-agro-pecuario modelo que debía servir por igual y fraternalmente, los intereses del Rio Grande del Sur y de nuestro país. — La delegación brasilerá la presidía el notable sucesor de Rio Branco en el Ministerio de Relaciones Exteriores del Brasil, el Ingeniero Lauro Müller. — Las ceremonias fueron solemnes y el homenaje integral. — Se inauguraban, a la vez, el *Marco Grande de Aceguá* y un monumento recordario de Rio Branco.

Pero aquel proyectado establecimiento, previsto en el Tratado de 1909, como mínima compensación al Brasil por la deuda de 1865, era un enorme error. — Aceguá, famoso y utilísimo para comunes invasiones revolucionarias, cuando no como fácil pasaje para arreadas y "*californias*", carecía de las mas elementales condiciones para expe-

rimentaciones agro-pecuarias. — Y como era lógico, muy poco después, se sustituía aquella obligación con la construcción del magnífico puente “MAUA”, cuyo nombre evoca el recuerdo de otro brasilero insigne que sirvió a nuestro país como al suyo propio.

Aquel puente une la ciudad brasilera de *Yaguaron* edificada sobre la antigua “*Guardia del Serrito*” con nuestra mas modesta “*Villa de Artigas*”, a la que se le sustituyó su nombre, — que hoy lleva en nuestro país la antigua “*San Eugenio*”, sobre el Cuareim, — por el de “*Rio Branco*”.

En Montevideo se dió el nombre de *Brasil* a una de nuestras mas bellas avenidas y el de *Rio Branco* a una poética plazuela sobre esa misma avenida y a una de las calles céntricas de la ciudad. — E iguales testimonios de afectuosa perduración se han llevado a cabo en todas las ciudades importantes de la República.

Finalmente, en 1925, durante la presidencia del Ingeniero José Serrato, en Montevideo, precisamente en la Plazuela *Rio Branco* de la Avenida *Brasil*, se inauguró otro monumento a la memoria admirada del esclarecido estadista americano.

Essa fueron, — sin contar los menores de entidades del Estado y privadas, — los honores materiales. — Los honores que el país, oficialmente, le ha rendido al Brasil y a Rio Branco.

Pero los morales fueron mayores y serán in-extinguibles. — Porque si el Brasil quedó consagrado como elemento integrante de nuestro afecto nacional, Rio Branco fué, entre nosotros, el primer brasilero que adquirió el concepto de Héroe Nacional indiscutido, por consenso nacional unánime, sin necesidad de leyes que así lo dispongan.

* * *

En realidad, pocas palabras me restan por deciros, pero, a riesgo de merecer vuestros reproches, permitime que antes de pronunciarlas, formule una proposición que si merece vuestra aprobación, entregaré a vuestro Presidente para que le dé cumplimiento.

Es esta:

Para que el “Ateneo PAYSANDÚ” solicite del Dr. *Pedro Calmon*, la haga suya y la ponga en marcha hasta alcanzar su apro-

bación, la idea esbozada por aquel eminente brasileiro en el II CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE AMÉRICA para fundar, bajo los altos auspicios y patronato del Gobierno Oriental, — en la parte de la ciudad de la *Colonia del Sacramento* ya declarada “*Monumento Nacional* por ley expresa de la Nación, — un “*Seminario de estudios coloniales luso-españoles*”, — para el que propongo el nombre de “BARON DE RIO BRANCO”, — en el que podrían ser Académicos, en igualdad de condiciones, acción y número, los intelectuales de América, en general, pero, en especial y particular, los del Brasil, Argentina y Uruguay, de acuerdo con las reglamentaciones cuyo esbozo sustancial sería propuesto a nuestro Gobierno por este Ateneo.

En caso que esta proposición fuera aprobada por esta verdadera Asamblea General del “Ateneo PAYSANDÚ”, hago también mención para que ella se haga saber al pueblo brasileiro por intermedio del “INSTITUTO HISTORICO Y GEOGRAFICO BRASILEIRO”, de Rio Janeiro, — del que fué preclaro Miembro de Número y de Honor el ilustre Baron de Rio Branco, — benemérita entidad, aquel Instituto, que cumpla en este mismo mes sus noventa y nueve años de fecunda existencia, dedicada toda ella, para honor del Brasil y de América, a las prácticas de la Ciencia, de la Paz y de la Fraternidad continental.

En esta forma, el “Ateneo PAYSANDÚ” y esta distinguida Asamblea, honrarán simultáneamente, al Brasil, a su Pueblo, al insigne Rio Branco, al benemérito Instituto Histórico y Geográfico Brasileiro e, inclusive, a su eminente Presidente Perpétuo, el ilustre Conde de *Affonso Celso*, que este año ha conmemorado, él también, feliz y clamorosamente, sus Bodas de Plata en el ejercicio de tan alto y distinguido cargo.

(La proposición formulada por el orador fué clamorosamente aplaudida y aprobada por aclamación. — Aclamados los aplausos el orador continuó así:)

Señor Presidente del “Ateneo PAYSANDÚ”: Les aplausos unánimes y los “apoyados” que han coronado mi proposición le dan carácter de consagratoria aclamación. — Y están presentes la mayoría

de vuestra Comisión Directiva y de vuestros asociados. — Quedá, pués, aprobada. — Os la entrego; a vos toca, ahora, darle el andamio que corresponda hasta alcanzar su aprobación.

* * *

Señor Embajador del Brasil, grande y noble amigo de los Orientales, doctor Lucillo Bueno;

Señor Intendente de Paysandú;

Señores Cónsules;

Señores;

Señor Presidente del "Ateneo PAYSANDÚ";

Ateneístas, Sánduceros, Orientales, amigos, todos, del Brasil y de mi tierra:

Al terminar estas palabras en las que la ausencia de galanura, puede, quizá, estimarse compensada por la unión fervorosa del espíritu que las dictó, mas con el corazón que con el pensamiento, y ante la evocación perdurable de aquel a quien estimo el mas grande brasileiro de todos los tiempos, reencarnación perfeccionada de aquel culminador maravilloso de la peregrina grandeza de su gigante tierra y artífice jurídico del modelo de Tratados que fué el de 1750, — el magnífico Alejandro de Gusmão, o *Avo dos diplomatas no Brasil*, — pero al que, sin embargo, sobrepasó en el talento, la humanidad y el espíritu de equidad americanista, al terminar, repito, mis palabras, os pido que me acompañeis, no a batir palmas en su honor, pues honores y glorias humanas las tuvo sobradas, sinó a inclinarnos, en comunión espiritual, reverentes y agradecidos, ante el recuerdo de quien, como el Barón de Rio Branco, para asombro y ejemplo de América y del Mundo, tuvo el enorme y cívico valor de substituir en la acción diplomática de Itámaratí, aquel concepto de ayer, de un Brasil agresivo y frío, tan temido por grande como por fuerte, por este otro de hoy, — *el suyo*, — tan cálido y cordial, de un nuevo *Gran Brasil*, tan amado por noble como por justo, capaz de dar, como hermano, lo que podía exigir y conservar como acreedor, y de reparar, por acción del corazón, lo que la angustia de antaño nos habia obligado a consentir como legal, definitivo e irreclamable...

Y dándole a mi invocación el sentido oracional en que en este instante mi espíritu la encuadra, permítame que la cierre invitandóos a repetir conmigo la hermosa expresión ritual con que culminan todas las oraciones, expresión que además de ser consagración ferviente de un próximo pasado que al conjuro de Rio Branco supo ser JUSTICIA, es, también, FÉ esperanza en un próximo futuro que aún puede serlo mas...

Que así sea...

Sí, que así sea, por los tiempos que ya fueron y por los que aún vendrán... *Amén!!!*

La Revolucion de los Farroupilhas. — (1835 - 1945).

por **Carlos E. Grez Pérez**

AL LECTOR

Es gracias a la amistad con distinguidos intelectuales del Brasil, en general, y del Rio Grande do Sul, en particular, que podemos presentar el tema, muy especial, de los Farroupilhas.

Los Farroupilhas fueron los pioneros, puede decirse, de la idea republicana, en el Brasil, y su accion a traves de un decenio (1835-45) merece el respeto de la posteridad y la admiracion de los estudiosos.

Sin grandes medios para contrarrestar la accion imperial, con el peligro vivo y latente de la ambicion de un osado caudillo Platino, con mil dificultades de todo orden, los Farroupilhas mantuvieron el estandarte revolucionario y republicano hasta que, convencidos que peligraba la base misma del Brasil, cedieron, patrióticamente en sus miras, consiguiendo un acuerdo honroso gracias a ser, entonces, jefe de las armas imperiales el noble Caxias.

En otra oportunidad remitimos a un Congreso de Historia del Rio Grande do Sul una tesis como prueba de simpatia y admiracion a esa tierra heroica, hoy queremos rendir un homenaje al recuerdo de los heroes del *decenio heroico* como se podria llamar sin herir susceptibilidades de ninguna especie, el periodo de lucha de los farrapos, sin

otro afán que rendir culto a la verdad histórica y presentar, en Chile, en forma de vulgarización, una página y de las más brillantes, de la historia Sulriograndense que es también Brasileña, o sea del país que, los hijos de esta tierra quieren espontáneamente desde sus primeros años.

Carlos E. Grez Pérez

Santiago, junio 1937.

CAPÍTULO 1.º

CAUSAS DE LA REVOLUCION

1. — Anarquía. 2. — Una Provincia Democrática. 3. — Manifiesto de Bento Gonçalves. 4. — El 20 de Setiembre de 1835. 5. — Conspiradores principales. 6. — El Papel de la Prensa. 7. — Las Sociedades literarias. 8. — La Masonería. 9. — El Clero en la Revolución.

1. — Mal cariz presentaba la política interna del Brasil a raíz de la abdicación de don Pedro 1.º, el 7 de abril de 1831; la Regencia, instituida por la minoridad del heredero, que solo tenía cinco años, debió defenderse con energía de los ataques de los *reaccionarios*, afectos a la vuelta de don Pedro, y de los *federalistas*, en su mayor parte republicanos, y ya en su carácter de *provisoria* que lo fué hasta el 17 de junio de 1831 con los senadores Marquez de Caravellas y Campos Vergueiro, y el general don Francisco de Lima e Silva, o en su carácter de *definitiva*, con los diputados Costa Carvalho y Braulio Muniz y el general Lima e Silva, desde esa fecha al 12 de octubre de 1835 debió apoyarse en el partido liberal monarquista o *moderado* que, dirigido por Vasconcellos y Evaristo da Veiga estuvo en el poder desde 1831 a 1837.

El 12 de octubre de 1835 entro, como Regente unico el P. Diego A. Feijó, dimitiendo el 19 de setiembre de 1837 pasó la regencia a Araujo Lima, uno de los jefes de una fusión política que paso a denominarse partido conservador y que venció en las elecciones de 1836 fecha que marca el principio de la lucha entre este y el partido liberal.

En todo el Imperio se manifestaba el ambiente de fronda e indisciplina; en Rio Janeiro, hasta julio de 1831 en que Feijó, simple ministro, entonces, sofocó con energia; en Ceará, hasta 1832; Amazonas, hasta 1833; Pernambuco, entre 1832 y 1835; Pará, entre 1831 y 1833, y 1835-37; Minas Geraes, tras ligera asonada, de marzo a mayo de 1833, se tranquilizó.

2. — Posiblemente, lo mas peligroso para la regencia era la propaganda de ideales federalistas ya que, como lo reconocen los historiadores del Brasil, eran sus componentes francamente republicanos en su mayoria, y campo especialmente apto para recibir la semilla de estas novedades era la Provincia de San Pedro de Rio Grande, pues por haber sido tierra de lucha entre España y Portugal, se habia desarrollado allí, una poblacion sufrida a base de colonos de las islas Azores y de regiones vecinas del mismo territorio del Brasil, poblacion fatalmente aguerreda como consecuencia del medio, y por ende, *netamente democratica* por la forma patriarcal en que se desenvolvía. Esta poblacion que ya en 1778 pasaba los 22 mil hos, ostentaba en los albores del siglo XIX varias poblaciones, y numerosas estancias ricas en ganado.

Por desgracia, el gobierno central, de Rio Janeiro no tenia miramientos para esa poblacion que, siempre, sufría las consecuencias de los sucesos historicos.

En las luchas Platinas, ellos eran los primeros en recibir los golpes o tener que irlos a dar al vecino, su enemigo; sus haciendas quedaban arruinadas, su economia perturbada, el comercio semi paralizado y los hombres lejos de sus hogares formaban la mayor parte de los cuadros del ejercito.

Fue precisamente en el final del drama del Plata, con referencia a la Cisplatina (1825-28) que la region Sulriograndense sufrió ruda desilusion al no ser encomendado el mando de las tropas a uno de sus hijos, lo que vino a exaltar los ánimos cuando se tuvo conocimiento de la accion de Paso de Rosario o Ituzaingó, el 20 de febrero de 1827 que hizo peligrar la dominacion brasilera hasta las márgenes del Plata. Por otra parte, en 1832 hubo una sequia y, en 1833 las lluvias torrenciales ocasionaron crecidas en los rios destruyendo las cosechas, y en 1834 aparecia la plaga de la garrapata aumentando el malestar y la de-

sesperacion de los agricultores y ganaderos de la region, finalmente, a fines de ese año se formaba la "Sociedad Militar" cuyo fin encubierto era trabajar por el partido conservador, para contrabalancear la cual formaron, elementos liberales, la "Sociedad Defensora de la Independencia y de la Libertad".

3. — Mucha luz arrojan, sobre los sucesos de Rio Grande do Sul, los dos Manifiestos de Bento Gonçalves da Silva, uno de los principales leaders de la revolucion.

El primeiro esta fechado en Porto Alegre, a 25 de setiembre de 1835, o sea poco despues de haber estallado el movimiento y es muy vehemente como que vió la luz publica en plena efervescencia politica. En el, al dirigirse a sus compatriotas, hacia recaer la culpa de la revuelta a la ineptia "de una mala y odiosa administracion"; negaba que tuveira propositos anti nacionales, llamaba la atencion a la violacion de los derechos individuales por parte de las autoridades, y declaraba que "cumplia-con sus parciales-un sagrado deber repeliendo las tentativas de arbitrariedad en el pais y alejando una autoridad inepta, y restableciendo el imperio de la ley".

El segundo Manifiesto, es de Piratiny, de 29 de agosto de 1838 y lleva, fuera de la firma de Gonçalves, entónces Presidente de la República Riograndense, la del Ministro del Interior Don Domingo José de Almeida.

En el hace presente que "desligado el pueblo riograndense de la comunion Brasileira reasume todos los derechos de la primitiva libertad, y la consecuencia de esta declaracion no es otra que su constitucion en Republica Independiente; declara que esta decision no fue fruto de capricho sino la logica resultante de la politica de intrigas y de agitaciones en que estaba sumido el Brasil, y luego cita diversas quejas de orden jeneral contra el Gobierno Imperial. Agregaba que esos males los sufrían en silencio junto con las otras provincias; pero, ya otras vejaciones se hicieron insoportables, a saber: desde luego una manifiesta indiferencia con que se miraba a la provincia de Rio Grande, a pesar de los enormes sacrificios y servicios prestados a la comunidad brasileira. Con elocuencia, dice: "eramos el brazo derecho y tambien la parte mas vulnerable del Imperio". En los cupos militares,

se cargó con injusticia a la provincia; no pagó el gobierno lo tomado a los sulriograndenses a título de préstamos, ni menos resarcó las cuantiosas pérdidas sufridas; en vez de ayudar a la postrada economía provincial sureña, el gobierno recargó los derechos a la carne, grasa, sebo y cuero, lo que por otro lado fue aun mas odioso ya que enotras aduanas del Imperio debian pagar un impuesto de 15%, es decir, en buena cuenta se colocaba al Rio Grande en la misma situacion que las mercaderias venidas del extranjero lo que contribuia a desnacionalizarlo. Todas las reclamaciones fueron inútiles. Aun cuando se retiro el diezmo sobre el ganado caballar y mular, fue variado por impuestos en ciertos puntos de tránsito para otras provincias, dificultando asi, el comercio. Hacia ver el contraste que Rio Grande, provincia importante para las contribuciones, era la ultima en lo que se referia a representacion general. En un solo año habia obtenido el gobierno "ochocientos contos de reis" de la provincia, y montaban a "vienticuatro contos de reis el suplemento anual que haciamos a Santa Catalina"... "El tesoro de la provincia de San Pablo nos debia una gruesa suma", y con razon, agrega: "alimentabamos a los otros en la abundancia y perecíamos en la miseria", y despues, dice: "Preciso fuera haber renunciado a todo sentimiento de honor, dignidad natural y decoro, haber descendido al ultimo escalon de una raza embrutecida y humillada para sufrir tantas injurias sin repelerlar"... "Un solo recurso nos quedaba, un unico medio se ofrecia a nuestra salvacion y este recurso y este medio unico era la Independencia Política y el Sistema Republicano..."

"Perdidas, pues, las esperanzas de concluir con el Gobierno de S. M. Imperial una conciliacion fundada en los principios de justicia universal, los riograndenses reunidos en sus Municipalidades, solemnemente proclamaron y juraron su independencia politica, bajo los auspicios del Sistema Republicano, dispuestos aun, a federarse cuando en eso acuerden las provincias hermanas que vengan a adoptar el mismo sistema".

"Bien penetrados de la justicia de su causa, confiando, antes que todo, en el favor del Juez Supremo de las Naciones, ellos han jurado por este mismo Supremo Juez, por su honor, por todo lo que les es mas caro no aceptar del Gobierno del Brasil una paz ignominiosa que pueda desmentir su soberania e independencia".

4. — El movimiento liberador, se habia fijado para el día 7 de setiembre de 1835; pero, hubo que postergarlo hasta el 20 del mismo, quedando todo ultimado en la noche del 18 al 19, en medio de la inquietud del Presidente de la provincia señor Fernandes Braga que tomó sus disposiciones frente a los rumores de un levantamiento armado. A todo esto José Gomes Jardim, con fuerzas reunidas en Pedras Brancas, atravessaba el Guayba y se juntaba con Onofre Pires que con gente armada venia desde Viamão y fue a ocupar uno de los cerros en las cercanias de la capital. En la noche del 19 al 20 de setiembre, chocaba parte de la fuerza revolucionaria con una partida leal, en el puente de Azenha, siendo los ultimos rechazados, quedando varios muertos y heridos entre ellos, contándose en los últimos el propio jefe de la partida, mayor José Egidio Gordilho de Barbuda 2.^o vizconde de Camamú (1808-67).

Al tener nuevas de este encuentro poco feliz y sintiendo la soledad en que iba quedando, huyó a Rio Grande el Presidente, abandonando Porto Alegre en la que entraba Bento Gonçalves, el 20 de setiembre de 1835 en medio de la alegría de los que estaban en el secreto del movimiento y de aquellos que esperaban un nuevo orden de cosas en San Pedro de Rio Grande. Así empezó la epopeya de diez años que ensangrentaría el Rio Grande do Sul, hasta febrero de 1845.

Los *revolucionarios* fueron tildados de Farroupilhas, Farrapos, Exaltados, Anarquistas, Pies de Cabra, y los *leales*, recibian los mote de: Gallegos, Caramurús, Restauradores, Absolutistas, Esclavos del Duque de Braganza, Corcundas, Camellos, Carimbotes, etc.

5. — Mantenian vivo el fuego sagrado de la esperanza en un levantamiento general que, para los Sulriograndenses se presentaba como el principio de una era mejor, de mas justicia e igualdad, y cuya iniciacion, todos esperaban ansiosos, los siguientes ciudadanos:

Bento Gonçalves da Silva, Dr. Marciano Pereira Ribeiro, Dr. Francisco de Sá Brito, Domingos José de Almeida, José de Paiva Magalhães Calvet, Manoel Antonio de Magalhães Calvet, mayor Juan Manoel de Lima e Silva, mayor José Mariano de Mattos, Francisco Modesto Franco, Manoel Antunes de la Porciúncula, Marcelino José de Carmo, Teniente coronel José da Silva Brandão, Teniente coronel Rafael Fortunato da Silva Brandão, Teniente Luiz José dos Reis Alpoim;

Vicente José da Silva França, Alfonso José de Almeida Corte Real, Serafim dos Anjos França, Pedro José de Almeida, José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco X. Ferreira, mayor Joaquim P. Soares, Manoel de Macedo Brum, Silvano J. Monteiro de Araujo e Paula, Conde Tito Livio Zambecari, Vicente Ferreira Gomes.

Alegrete. — Coronel Bento Manoel Ribeiro.

São Gabriel. — Teniente coronel Juan Antonio da Silveira.

Piratiny. — Manoel Lucas de Oliveira, Joaquim Teixeira Nunes, Antonio de Oliveira Nico.

Bagé. — Antonio de Souza Netto, Pedro Marques, Ismael Soares da Silva.

Herval. — Camilo dos Santos Campello.

Jaguarão. — Domingos Crescencio de Carvalho.

Cangussú. — Florentino de Souza Leite.

Viamão. — Manoel Vaz Ferreira.

Povo Novo. — José Jeronymo do Amaral.

Mostardas. — Domingos Gonçalves Chaves.

São Antonio de Patrulha. — Dr. Marcos Fioravanti.

Triumpho. — Luiz José Ribeiro Barreto, Coronel José Manoel de Leão.

Cachoeira. — Mayor Antonio Vicente da Fontoura.

Caçapava. — Coronel Oliverio José Ortiz.

Pedras Brancas y cercanias de Porto Alegre. — José Gomes de Vasconcellos Jardim, Onofre Pires da Silveira Canto, José Alves de Moraes, Antonio Coelho de Souza, Manoel Vieira da Rocha, José Luiz Soares, Felix José Bernardes.

Rio Pardo. — Coronel Francisco J. de Amaral Sarmento Menna y sus hijos; Fco. de Paula, Antonio Manoel, Sebastian Javier, Fco. Antonio, Joaquim Pinto de Castro, y José do Amaral Ferrador.

6. — La *prensa* fue uno de los medios para preparar el camino a la revolución. En esa epoca, los periodicos casi eran semanarios, aparecian en su mayoria en la ciudad de Porto Alegre y llevaban una vida efimera, uno o dos años, por excepcion algo mas.

Eran de tendencia francamente revolucionaria, de acuerdo con la cronologia: *Constitucional Riograndense*; *Amigo do Homem e da*

Patria; O Vigilante; A Sentinela da Liberdade, etc.; Continentino; Compilador en Porto Alegre; Idade de Pau; Inexoravel; Republicano Federal; Sete de abril; Democrata Riograndense; Eco Portoalegrense.

Los periodistas que hacian brillar su talento, eran: Lorenzo Junior de Castro, de nacimiento portugues; pero, brasilero de corazon, que bajo el pseudonimo de Manoel Laudez escribia en el *Constitucional Riograndense*, en contra del despotismo, colaborando, tambien en otros periodicos de la época.

Vicente Ferreira Gomes, que dirigió el *Constitucional Riograndense*, mantenía vivo el anhelo liberal de la provincia.

Apolinario Pereira de Moraes, ya periodista en Rio Janeiro, lo fue en Rio Grande en el *Vigilante* en cuyas columnas sostuvo vivas polémicas.

Pedro José de Almeida, mas conocido como *Pedro Boticario*, por ser farmaceutico, o tambien como *Vaca Brava*, por su temperamento exaltado, era mordaz, satirico y terrible, especialmente contra los portugueses a los denominaba *monstruos*, etc, escribia en el periodico *Idade de Pau*, en donde aseguraba que la libertad se regaba con sangre y no con estiércol.

Silvano J. de Araujo e Paula dirigió el *Eco Portoalegrense* que fue el primero que circuló tres veces por semana en vez de una como los otros.

Francisco de Sá e Brito, uno de los directores de *O Continentista*, bi-semanal y de formato mas grande, era republicano efectivo. Uno de sus redactores fue José de Paiva Magalhães Calvet, que lo fue tambien del *Recompilador Liberal* que circuló en Porto Alegre entre los años 1832 y 36.

Otros eran: Padre Francisco das Chagas, Antonio Alves Pereira, Isidoro J. Lopes, Davi J. de Estrella, Luis Antonio da Silva, Manoel Martins da Silveira Lemos, Felipe José dos Passos de Alencastre, Francisco J. Ferreira.

El papel de la prensa fue importantísimo ya que contribuyó a robustecer la tendencia democratica de la provincia, preparó y orientó la revolución, permitiendo dar vida al sentimiento republicano de la mayoría de los habitantes.

7. — Valiosa fue la ayuda que a la revolucion de los Farrapos dió

la accion lenta; pero, efectiva, de las *sociedades literarias* que permitian el desarrollo de una labor intensa sin despertar sospechas de parte de las autoridades. En realidad eran simple disfraz para la agitacion revolucionaria.

Las Sociedades Literarias de mayor prestigio estaban en Porto Alegre, Rio Grande y Rio Pardo.

Una de las mas influyentes fue la *Sociedad Continentino* cuyo presidente fue el sacerdote Francisco das Chagas y el secretario el Padre Juliano Lobato, y en ella figuraban prohombres revolucionarios como Pedro J. de Almeida, Sebastian Menna, Corte Real, Apolinario de Morais, etc.

La *Sociedad do Teatrinho*, de Porto Alegre era escenario de los mismos desvelos. La juventud dominaba en otra sociedad que editaba *O Vigilante*.

Habia otras sociedades literarias en P. Alegre; pero, estas citadas y la do Compilador, eran las mas importantes.

Rio Pardo, rival de Porto Alegre tenia tambien sus sociedades literarias, lo mismo que Piratiny, Caçapava, Alegrete, Viamão, Pelotas, etc.

En apariencia estas sociedades hacian representaciones teatrales, editaban diarios, etc.

Lo curioso es que en estas sociedades literarias, dominaban al principio los miembros de las logias masónicas que, aliados a representantes del clero prepararon la revolucion; pero, llevando ellos la iniciativa que, transformada en preponderancia, fueron poco a poco cediendo al clero, al estallar la accion misma y para conseguir la consolidacion de la obra revolucionaria y evitar el caos.

8. — La *masoneria* prestó un gran servicio en la preparacion de la revolucion, asi como en la divulgacion de sus ideales con los Clubes de los que, las sociedades literarias fueron a veces simple pantalla.

La influencia masónica se nota hasta en el escudo de los farroupilhas: en el centro, en fondo azul dos columnas del templo masónico. Buen numero de jefes eran masones empezando por Bento Gonçalves da Silva que lo era del grado 33.

Las logias inflamaron las masas de campos y ciudades y robuste-

cieron los ideales por los que campeaba la mayoría de la población riograndense.

9. — El *clero* va a representar un papel muy importante para la revolución de 1835. El fue su aliado y supo no solo ayudar en la preparación y estallido sino también contribuyó a consolidar la obra y mantener el entusiasmo público, encontrando en las autoridades el mas amplio apoyo, de lo que da fe la serie de fiestas de carácter religioso en la naciente república riograndense.

La figura religiosa mas interesante es la del Padre Francisco das Chagas Martins Avila e Souza, cuya personalidad tenía ya ribetes de valer cuando advino el 20 de setiembre de 1835 siendo el nombrado vicario Apostólico de la República de Piratiny.

Su popularidad era tal que le valió la primera mayoría en la elección de diputados a la Constituyente, con un total de 3025 votos, siendo por esto el Presidente de la sesión preparatoria.

Otros cuatro clérigos fueron electos para esa Asamblea.

El sétimo lugar en la votación popular dio un asiento al Padre Hildebrando de Freitas Pedroso con 2753 votos. Este sacerdote fue elegido Presidente de la Constituyente.

El treceavo lugar en la elección de 1842 dio un asiento al Padre João de Santa Barbara con 2481 votos, y en fin, otro sacerdote, el Padre Francisco Leite Ribeiro, alcanzó a la Constituyente con 1221 votos.

Otros elementos de la iglesia eran. Thome Luis de Souza, Juliano de Faria Lobato, Antonio Pereira Ribeiro, Feliciano Rodrigues Prates, Sebastian Pinto de Rego, João T. Cabral Diniz, Fidencio J. Ortiz, Miguel Justino Garces Moncada.

Rodrigues Prates seria mas tarde el primer Obispo de Rio Grande do Sul, y Pinto de Rego seria Obispo de S. Paulo.

No deja de ser curioso que a la par que una demostración viva de fe religiosa de los revolucionarios de 1835 se notaba, claramente, una decisión de tolerancia de cultos que los clérigos farrapos eran los primeros en acatar.

Asi pues, la influencia de la iglesia católica, apostólica y romana en el farroupilhismo fue grande, eficaz y moderadora al mismo tiempo.

CAPÍTULO 2.º

SIGNIFICADO DE LA REVOLUCION

1. — *Brasilerismo*. 2. — *Desinterés*. 3. — *Valentía*. 4. — *Patriotismo efectivo*. 5. — *Ideal Republicano*. Proyecto de *Constitucion*. 6. — *La Accion militar*. 7. — *El Aspecto economico*. 8. — *El Factor Internacional*. 9. — *La Campaña cultural*.

1. — Una de las mejores pruebas del *Brasilerismo* de los Farroupilhas, es que en sus filas, no habian solamente Continentinos o Sulriograndenses, sino de muchas provincias del Imperio, como lo indicamos a continuación:

Alagoas. — Padre José A. Caldas, gran periodista y revolucionario de firme tendencia, republicana.

Bahia. — Coronel Rocha, profesor João Rios Ferreira, comerciante Fermino Teles de Menezes.

Minas Geraes. — Ttes. coroneles Srs.: José da Silva Brandão, y Rafael Furtado da Silva Brandão; alferez — José Pinheiro de Ulhoa Cintra, y musico Joaquim J. de Mendanha; doctor Marciano Pereira Ribeiro, comerciante Francisco Modesto Franco, Padre Antonio Pereira Ribeiro, industrial Domingos José de Almeida.

Rio de Janeiro. — Mayor João M. de Lima e Silva, cirujano Mayor Dr. Souza Cabral, capitan José Pimentel, alferez Ferreira de Menezes, mayor José M. de Mattos, coronel Antonio de Araujo Correa, tne. coronel Pedro de Araujo Correa, teniente de artilleria Luiz J. dos Reis Alpoim, teniente José Gomes de Andrade, doctor José C. Pinto, farmaceutico Jesuino Barreto, empleados de hacienda Ladislau Brandau y Prestes Barreto.

São Paulo. — Bento M. Ribeiro, Antonio Coelho de Souza, pintor João de Deus, hacendado Antonio Pereira Lara, y Manoel Cavalheiro de Oliveira, sacerdotes: Sebastian Pinto de Rego, y Pedro J. dos Reis.

Santa Catarina. — Hacendados José M. de Leão, Vicente da Silva Franca, sacerdote Xavier dos Santos Delfino Lorena de Souza.

2. — Nada mas admirable que el *desinterés* de los hombres del decenio farroupilha. Ellos dieron todo por su ideal, sacrificando, a ve-

ces, el fruto del trabajo de años, sin considerar ni la situación de su propia familia. Gestos así nos obligan a meditar acerca de la elevación moral de esos hombres. Jefes de Estado como Bento Gonçalves por ej. debieron, al terminar la lucha, solicitar de amigos algún ganado *para recomenzar* la dura lucha por la vida: el mayor Dionisio Amaro de Silveira facilitó al líder republicano, su amigo, 150 reses para que este recomenzara su vida en su hacienda del Chrystal, en Camaquã; otro jefe ejecutivo de la república: José Gomes de Vasconcellos Jardim, riquísimo y muy generoso antes de la revolución, lo perdió todo, debiendo recomenzar su vida de trabajo a una edad que parecía darle derecho a algún descanso.

El ex-Ministro de Hacienda, industrial inteligente, don Domingo José de Almeida, uno de los mejores cerebros de la revolución sufrió iguales desastres económicos, y así ocurrió con los otros jefes de graduación.

No escapó a esto el ilustre Antonio Vicente da Fontoura cuya vida de trabajo vio seriamente mermadas sus economías con la revolución.

Pero, estos hombres que así sufrieron y todo lo dieron en aras de su ideal conservan un lugar especial en el corazón de sus conciudadanos, y la acción generosa de ellos, al servicio de la República, los eleva ante la imagen de las generaciones actuales.

I no hablemos de remuneraciones de funcionarios de la República, ya que ellas eran ridículas en su monto.

Otra prueba del más elevado desinterés farroupilha es el referente al manifiesto desdén de los mismos jefes de la revolución a los fastos y asuntos de carácter militar, lo que demuestra la superioridad de estos hombres de hierro. El mismo Bento Gonçalves aparecía muchas veces de simple paisano, y en las elecciones de la Constituyente puede verse que de 54 electos había solo 21 militares, lo que viene a indicarnos un espíritu especial, pues los hombres de armas de la revolución jamás presionaron para alcanzar puestos por el solo hecho de cargarlos, como sucedió y aun sucede en diversos países del continente.

Fue ese desinterés a toda prueba, lo que permitió resistir diez años al Imperio y escribir una de las páginas más bellas de la historia del Brasil.

3. — Mas parece una epopeya o leyenda que cosa real, veridica, esta lucha desigual, de un decenio, de un puñado de idealistas armados en cualquier forma, improvisando elementos, cambiando de capital a medida de las circunstancias, agitando un vasto terrotorio y luchando con mil adversidades.

Tanto los jefes farroupilhas , como sus heroicos y sufridos soldados, y los abnegados funcionarios y empleados publicos republicanos y aun, hasta los mismos Ministros a veces, dieron prueba de una intrepidez, de una *valentia* fuera de duda, valentia que los hacia dignos de sus contrarios, los soldados imperiales y que hacia lamentar la incompreension de los hombres del Janeiro hacia el Continente.

Ellos no esperaban cuartel de sus enemigos y no faltaban cuerpos como el perteneciente a Jacyntho Guedes da Luz, que ostentaban sus componentes una divisa en sus sombreros indicando el jefe al cual seguian y que *morian; pero, no se rendian.*

Los altos jefes farroupilhas supieron estimular el valor de sus hombres al dictaminar la libertad de los negros esclavos lo que hizo que estos infelices, al alistarse en sus filas, prefirieran la muerte a la vuelta a su antigua condicion.

Fue tambien ese valor indomable lo que permitio, muchas veces, reponerse a los farrapos de sus desastres militares. Era inutil que se venciera y capturara hasta a jefes distinguidos, pues estos se evadian y volvian con mas brios a la lucha.

4. — Aun cuando los principales farroupilhas y probablemente la mayoria, deseaban la republica, en ningun caso pretendian la destruccion del cuerpo organico Brasileiro. Ellos no eran anti Brasileiros; pero, si anti-Monarquistas, asi como tampoco eran separatistas; pero, si federalistas, y no cedieron hasta convencerse que no debian esperar nada de las otras provincias imperiales, como claramente lo espuso el minero Teofilo Ottoni a Canabarro, en respuesta a consultas de este, y cuando se hizo efectiva la amenaza de intervencion de don Juan Manuel de Rosas, el omnipotente dictador del Plata. Este ofrecio hacer entrar tropas al Rio Grande para ayudar a los farrapos a conseguir la libertad; pero, incontinenti el jeneral en jefe que lo era entonces David Canabarro le hizo contestar: el primero de vuestros soldados de pase la frontera facilitara la sangre con que firmaremos la paz de Piratiny con

los imperiales *pues sobre nuestro amor a la Republica esta nuestro brio de Brasileños*".

"Ayer quisimos la separacion de nuestra patria; hoy anhelamos su integridad".

"Si vuestros hombres osasen invadir nuestro pais encontraran, hombro a hombro, los republicanos de Piratiny y los monarquistas del Señor don Pedro II".

Esta respuesta de Canabarro deberia esculpirse en letras de oro y borra toda duda respecto al caracter de los farrapos. Fue su *patriotismo efectivo* lo que permitio la pacificacion de Rio Grande obra en la que sobresalio el ilustre patricio Antonio Vicente da Fontoura.

5. — Al estallar el movimiento revolucionario, el 20 de setiembre de 1835, posiblemente los jefes no pensaban ir tan lejos, por lo menos asi se desprende del Manifiesto de Bento Gonçalves, de fecha 25 de setiembre de 1835.

En efecto, alli dice el leader farroupilha: "Conozca el Brasil que el 20 de setiembre de 1835 fue la consecuencia inevitable de una mala y odiosa administracion; y que no tenemos otro objeto y no nos proponemos otro fin que restaurar el imperio de la ley alejando de nosotros un administrador inepto y faccioso, sustentando el trono de nuestro joven monarca y la integridad del imperio".

I, agregaba "Si, compatriotas, debemos al Brasil, que en este momento tiene los ojos fijos en nosotros, esta manifestacion tanto mas sincera y pronta cuanto mayor es el deber en que nos hallamos en desvanecer los temores con que nuestros enemigos lo quisieron alarmar, acusándonos de sustentar vistas de desunion y república".

¿Era verdad lo que decia el jefe farroupilha o simplemente se trataba de ganar tiempo? Parece que era sincero pues suponía que la Regencia intentaria hacer justicia a la provincia sureña; pero, por desgracia, no fue asi y hubo que apelar a las armas.

Ya en este terreno, las cosas, naturalmente, van a cambiar y el jeneral don Antonio de Souza Netto despues de vencer el 10 de setiembre de 1836, en Seival, las fuerzas legales de João da Silva Tavares, proclama la República en el campo de Menezes, margem izquierda del rio Jaguarão, el 11 de setiembre de 1836 redactandose el Acta correspondiente al dia siguiente 12.

Se dice que influyeron en la proclamacion los oficiales de Netto, Sres Manoel Lucas de Oliveira y Joaquin Pedro Soares quienes, despues de Seival hicieron presente a su jefe que habia que tomar una decision ya que no se podia combatir al enemigo con la misma bandera, ademas convencieron a Netto que Bento Gonçalves aprobaria tal acto pues Netto no deseaba dar tal paso sin antes consultar al principal jefe.

La nueva nacion se constituia bajo el titulo de *Republica Riograndense*.

La Camara Municipal de Jaguarão adhirió a la independencian en la solemne sesion de 20 de setiembre de 1836 y se eligió a Bento Gonçalves *Jefe y Protector* de la Republica y de la Libertad Riograndense.

Despues se reunia la Camara Municipal de Piratiny, villa en que se habian congregado numerosos revolucionarios, en caracter preparatorio el 5 de noviembre de 1836 y se acordó: que se estableciese la independencian de la provincia bajo la forma republicana; que la nueva nacion se ligaria por lazos federales a las provincias del Brasil que asi lo acordaran; que se eligiera Presidente de la Republica al dia siguiente.

Elegido Presidente Bento Gonçalves (6 de nov.) y cuatro Vicepresidentes en este orden: Paulino da Fontoura, José Mariano de Mattos, Domingo José de Almeida, Ignacio José de Oliveira Guimarães, hubo que encargar a otro la Presidencia pues Bento habia sido vencido y hecho prisionero, recayendo la eleccion en José Gomes de Vasconcellos Jardim, que tomaba posesion de su alto cargo el mismo dia.

En el acto organizó las reparticiones y secretarías de los asuntos del Estado; ordenó firmar los oficios del Estado con el año de la independencian del Rio Grande; creó el escudo de armas del pais; la bandera, etc.

Gomes Jardim decidió, en tanto se buscaba forma de reunir una Asamblea General, establecer seis secretarias de gobierno, a saber: Interior, Relaciones, Hacienda, Justicia, Marina, Guerra, y fueron nombrados ministros, en caracter provisorio, como todo el gobierno: Domingos José de Almeida en Interior e interino en Hacienda; José Mariano de Mattos, Guerra e interino en Marina; José Pinheiro de Ulhoa Cintra en Justicia e interino de Relaciones.

Bento Gonçalves va a tomar el mando el 16 de diciembre de 1837;

pero, ya en 1838 tenia que ocupar su puesto el 2.^o Vice Presidente José Mariano de Mattos que continua hasta 1841, pues el 1.^{er} Vice, renunció a su favor.

El 14 de marzo de 1841 entregaba el Vice su puesto a Bonto Gonçalves, que lo tiene hasta el 15 de noviembre, en que vuelve el 2.^o Vice por ausencia del Presidente al Uruguay por asuntos de Estado. Después de un corto tiempo en que Gonçalves tiene de nuevo la Presidencia, la pasa de nuevo a José M. de Mattos el 13 de febrero de 1842, y definitivamente, tras de volver a su puesto, lo deja el 4 de agosto de 1843, cansado, fastidiado y dolorido por las calumnias y la ingratitud, subiendo el ilustre José Gomes de Vasconcellos Jardim, que lo tuvo hasta la paz, em 28 de febrero de 1845.

Entre los hombre que ocuparon ministerios, durante la epoca republicana, merecen citarse: *Domingos José de Almeida*, en Interior, Justicia y Hacienda; *Ulhoa Cintra*, en Justicia y Relaciones Exteriores; *Francisco das Chagas*, en Relaciones Exteriores; *Antonio Vicente da Fontoura*, Hacienda; *José Mariano de Mattos*, en Guerra, Marina y Relaciones Exteriores.

El 12 de noviembre de 1836, se creaba la *bandera nacional*: verde, escarlata y amarillo, para uso de todos los republicanos, la que se hizo obligatoria por Decreto de 20 de febrero de 1839 para todos los ciudadanos, excepto para los esclavos, quedando considerado como enemigo de la república el que no la usara.

Las vicisitudes de la guerra civil hizo que la Republica de Rio Grande tuviera como capital o sede de su gobierno varias ciudades ya que sus mantenedores debian variar de sede acordes a las circunstancias.

Asi la primera capital farroupilha fue la villa de *Piratinhy*, tomada por los revolucionarios el 8 de octubre de 1835 y elevada al rango de ciudad con el titulo de *muy leal y patriótica*, el 6 de noviembre de 1836. Por haber sido la primera capital farroupilha tomo la Republica su nombre y se le conoce, tambien, como la *República de Piratinhy*.

En febrero de 1839 se traslado la sede republicana, por causas estrategicas, a *Caçapava*, y finalmente, la ultima capital de los farrapos iba a ser *Alegrete*.

El Gobierno tuvo como diarios oficiales, los siguientes: *O Povo*,

en Piratiny, desde el 1.º de setiembre de 1838 al 2 de noviembre de 1839; *O Povo* en Caçapava, desde el 6 de marzo de 1839 al 23 de mayo de 1840; *O Americano* en Alegrete, desde el 24 de setiembre de 1842 al 1 de marzo de 1843, y *A Estrella do Sul*, en Alegrete, que se inició el 4 de marzo de 1843.

La guerra impidió perfeccionar el factor constitucional; pero, el 18 de setiembre de 1838, decretaba Bento Gonçalves la reunion de un Consejo de Procuradores Generales de los Municipios, para poderse asesorar en sus deliberaciones.

En marzo de 1839 ya estaban hechas las elecciones correspondientes en los Municipios de Piratiny, Jaguarão, Rio Pardo, São Borja, Alegrete, Cachoeira, Cruz Alta, Caçapava, Triumpho, Viamão (Setembrina) no pudiendo verificarse por la ocupacion imperial, en Porto Alegre, São Antonio da Patrulha, São José do Norte, Rio Grande, y Pelotas.

Aunque se habia dado como fecha de apertura de la reunion, el 30 de abril de 1839, solo pudo verificarse la primera sesion, el 21 de diciembre de 1839, en Alegrete, estando presentes el Vice Presidente José M. de Mattos, los ministros D. José de Almeida, y Alencastro, y los procuradores: Francisco das Chagas Martins Avila, por Rio Pardo; Antonio José Martins Coelho, Piratiny; Manoel Gonçalves da Silva, por Jaguarão; José Carvalho Bernardes por Cachoeira; Ricardo José Magalhães Filho, por Caçapava; Serafim dos Anjos França, por Setembrina.

En la primera reunion, el 21 de diciembre de 1839, se acordó ir lo mas pronto posible a la instalacion de una Asamblea Constituyente, y despues de dos sesiones mas, el 22 y el 23 y acordar diversas providencias de bien general se puso termino a la reunion de los Procuradores.

Para cumplir el deseo de los Procuradores, el gobierno provisorio, por medio de su Vice Presidente, Mattos convocaba, el 10 de febrero de 1840 a la Asamblea Constituyente, para el dia 30 de abril del mismo año, en Caçapava.

Debían elegirse 36 miembros para una asamblea de doble caracter: constituyente y legislativa; pero, la guerra obligo a retrasar las elecciones hasta octubre de 1840, y luego la misma instalacion de la Constituyente, hasta 1842, pues el 3 de agosto de ese año se fijaba el dia 6 de noviembre para la apertura de las sesiones, no pudiendo, sim em-

bargo, tener lugar aquel solemne acto de tanta trascendencia, hasta el 1.º de diciembre de 1842 en la villa de Alegrete.

En las elecciones de 1840 fueron electos, los siguientes ciudadanos:

1. — Vicario Apostolico — Francisco das Chagas Martins Avila e Souza — 3025 votos.
2. — Teniente coronel Manuel Lucas de Oliveira — 2987 votos.
3. — Teniente coronel Serafim Joaquim de Alencastro — 2892 v.
4. — Coronel Silvano J. Monteiro de Araujo Paula — 2890 v.
5. — Dr. Francisco de Sá Brito — 2874 v.
6. — Abogado. Serafim dos Anjos França — 2823 v.
7. — Sacerdote Hildebrando de Freitas Pedroso — 2753 v.
8. — Coronel José M. de Mattos — 2694 v.
9. — Hacendado Severiano Antonio da Silveira — 2643 v.
10. — Luiz José Ribeiro Barreto — 2627 v.
11. — Hacendado José Gomes de Vasconcellos Jardim — 2534 v.
12. — Ministro de Justicia José Pedroso de Albuquerque — 2522 v.
13. — Sacerdote João de Santa Bárbara — 2481 v.
14. — Antonio Vicente da Fontoura, Ministro de Hacienda — 2474 votos.
15. — Dr. Antonio José Martins Coelho — 2435 v.
16. — General João Antonio da Silveira — 2068 v.
17. — José Pinheiro de Ulhoa Cintra — 1964 v.
18. — General Bento Gonçalves da Silva — 1897 v.
19. — Domingos José de Almeida — 1842 v.
20. — Teniente coronel Sebastian J. do Amaral Sarmento Menna — 1837 v.
21. — Hacendado Ignacio José de Oliveira Guimarães — 1812 v.
22. — Cirujano José Carlos Pinto — 1773 v.
23. — Coronel Olivero José Ortiz — 1765.
24. — Comerciante Joaquin dos Santos Prado Lima — 1747 v.
25. — Manuel Martins da Silveira Lemos — 1626 v.
26. — Coronel Onofre Pires da Silveira Canto — 1607 v.
27. — Mayor Ismael Soares da Silveira — 1451 v.
28. — Mayor José Maria Pereira de Campos — 1442 v.
29. — Hacendado Fidelis Nepomuceno Prates — 1372 v.
30. — General Antonio de Souza Netto — 1653 v.
31. — Sacerdote Francisco Leite Ribeiro — 1221 v.
32. — Comerciante Luis I. Jacques — 1211 v.
33. — Hacendado Vicente Lucas de Oliveira — 1185 v.
34. — Coronel Joaquim P. Soares — 1116.
35. — Comerciante Francisco Modesto Franco — 1106.
36. — Teniente Coronel José Alves de Moraes — 1072.

Fueron declarados suplentes otros dieciocho ciudadanos que obtuvieron menor votación.

Cabe insistir que en esta eleccion, los Sulriograndenses eligieron

sus representantes en la forma siguiente: militares 21, hacendados 9, medicos 4, comerciantes 4, politicos 4, funcionarios publicos 4, clerigos 4, abogados 2, propietarios 2, esto con los suplentes. Total 54.

Despues de una sesion preparatoria en Alegrete, el 29 de noviembre de 1842, y algunas festividades de caracter religioso y civil: se dirigia a los Constituyentes, en sobrio discurso, el Presidente Bento Gonçalves el 1.º de diciembre de 1842, declarando abiertos los trabajos de la Asamblea.

Presidió esa sesion inaugural Francisco das Chagas Martins Avila; pero, verificada la votacion para Presidente de la Asamblea resulto electo, el P. Hildebrando de Freitas Pedroso.

Por desgracia no se mantuvo la unidad en la Constituyente Farroupilha. Un bando estaba encabezado por Francisco das Chagas, y Fontoura, en tanto la mayoria seguia al P. Hildebrando, Mattos, Almeida, Ulhoa Cintra, etc.

Se nombró una comision para presentar un proyecto de Constitucion, y formaron en ella los Sres: José Pinheiro de Ulhoa Cintra, Francisco de Sá Brito, José Mariano de Mattos, Serafim dos Anjos França, Domingos J. de Almeida. Esta comision trabajó con entusiasmo y el dia 8 de febrero de 1843 presentaba el proyecto de Constitucion a la Asamblea.

El *Proyecto de Constitucion Farroupilha* constaba de diez titulos y 241 articulos.

Los titulos eran. 1.º — De la Republica de Rio Grande, su Territorio, Gobierno y Religion. 2.º — De los Ciudadanos Riograndenses. 3.º — De la Soberania, Poderes y Representacion Nacional. 4.º — De las Ramas del Poder Legislativo y sus atribuciones. 5.º — Del Poder Ejecutivo. 6.º — Del Poder Judicial. 7.º — Del Gobierno y Administracion Interior de los Municipios. 8.º — Disposiciones generales y garantias de los Derechos civiles y politicos de los Ciudadanos Riograndenses. 9.º — De la Observancia de las Leyes Antiguas. 10.º — De la Publicacion, Juramento, Interpretacion, Reforma y Observancia de la Constitucion.

En el preámbulo se invocaba la Santisima Trinidad y luego se establecia que al dar el cuerpo de disposiciones siguientes, se perseguia satisfacer la voluntad de los ciudadanos, afirmar la justicia y promover

la felicidad publica, asegurando el goce de todos esos bienes para ellos y la posteridad.

El art. 1.^o estatua la *república*, y la definia como la “asociacion politica de todos los ciudadanos riograndenses “formando una nacion libre e independiente, que solo se uniria por lazos de federacion, en caso de no oponerse a su libertad interna.

Su *territorio*, era el de la provincia, al proclamar su independencia, dejando para mejor ocasion la division de el.

La *religion*, era la catolica, apostolica, romana; pelo, quedaba permitido el culto domestico de otras confesiones religiosas.

La *soberania* residia en el pueblo que la manifestaba por medio de elecccion. Habrian tres *poderes*: *legislativo*, *ejecutivo* y *judicial*, y los representantes de la nacion eran, la *asamblea general*, y el *presidente de la República*.

La Asamblea General, se componia de *dos cámaras*: Senado y Diputados. Los Senadores se elegian en forma indirecta y duraban *doce años*, teniendo esa alta cámara el caracter de permanente. Los diputados duraban *cuatro años*, se elegian en forma directa a razon de uno por 6 mil h y fraccion no menor de 5 mil h. La primera Asamblea General debia tener 12 senadores y 24 diputados, todos los cuales gozarian de *dieta*.

La legislatura debia abrir sus sesiones el dia 30 de abril y los cerraba el dia 30 de agosto pudiendo prorrogarlas por un mes a propuesta de ella o del Presidente de la Republica.

El Poder Ejecutivo lo tendria un magistrado con el titulo de *Presidente Constitucional de la Republica Riograndense*, cuyo mandato era de *cuatro años*, pudiendo ser reelegido una vez.

Seria asesorado por un *Consejo de Estado*, de siete miembros, para los asuntos graves y de orden general, y gobernaria con un ministerio de *tres* miembros que se hepartirian las secretarias del Estado.

El Poder Judicial tenia a su cabeza un *Supremo Tribunal de Justicia*, con sede en la capital, con varios *Tribunales de Apelaciones*, en la capital y ciudades importantes, Jueces de Derecho, en las villas, y finalmente Jueces de Paz.

Los *Municipios* tendrian a su cabeza un Director y habrian *Camara Municipal*, en las villas, para los asuntos comunales.

La Constitucion aseguraba a los habitantes la igualdad ante la ley, aboliendo todos los privilegios que no fueran de provecho publico; garantizaba el derecho de propiedad; la libertad de peticion; de pensamiento y de prensa; el derecho a entrar y salir del territorio; el derecho a ser juzgado antes que castigado; se prohibian los azotes, la tortura y marcas de fierro para los delincuentes, etc.

Por desgracia, los acontecimientos, hicieron suspender las sesiones de la Constituyente cuyas entrañas corroia la disension interna.

La revolucion, en tanto, seguia su curso.

Uno de los adversarios de Bento Gonçalves, Antonio Paulino da Fontoura, Vice Presidente de la Republica, que no habia aceptado ocupar su puesto en ausencia de Bento, sufria el tres de febrero de 1843, como consecuencia de su Donjuanismo, un atentado que lo llevo a la tumba diez dias despues. Por cierto que la oposicion culpó a Gonçalves creciendo la tempestad de odios contra este jefe.

Uno de los mejores amigos, de los primeros dias de la revolucion, del Presidente: Onofre Pires de Silveira Canto, era el que mas pregonaba publicamente la culpabilidad de este en este asunto, por lo que, habiendo Gonçalves solicitado explicacion o reparacion por las armas, estando ambos en el ejercito, se batieron a espada, junto al arroyo Sarandy, el 27 de febrero de 1844 quedando herido Onofre Pires, falleciendo poco despues, el 3 de marzo.

Todos estos hechos, solo enflaquecian a la revolucion.

Cierto es que hubo el patriotismo suficiente para impedir una explosion interna frente al enemigo; pero, en el animo de muchos imperaba la idea de no verse tan cerca, como en 1835, la finalidad de la revolucion.

La idea de la paz flotaba en el ambiente.

6. — Las armas fue el recurso principal en que hubo que confiar para asegurar el triunfo de la revolucion farroupilha.

La extension territorial, los escasos recursos belicos de los revolucionarios, la dificultad para recibirlos y la escasa capacidad de los jefes militares imperiales, hasta la llegada de Caxias, van a permitir que esta lucha fratricida llegue a diez años.

Resumamos los hechos.

1835. — Caída de Porto Alegre, el 20 de setiembre, en manos de Gomes Jardim y Onofre Pires. El Gobernador huye dejando su puesto al leader Bento Gonçalves.

Los farroupilhas actúan rápidamente y el 8 de octubre ocupan Piratiny, en tanto el 9 un numeroso grupo de farrapos, mandados por Francisco de Paula y Sebastian Sarmento Menna, Antonio Vicente da Fontoura y Candido Azambuja, cercaban Rio Pardo, obligandola a rendirse luego.

El jefe imperial Silva Tavares atacó a los revolucionarios en Arroyo Grande, el 13 de octubre, vencéndolos, lo que no impidió a Bento Gonçalves ocupara la ciudad de Rio Grande, el día 21 del mismo mes.

1836. — Corte Real mandando a los rebeldes y Bento Manuel a los leales, se encuentran en Paso de Rosario el 16 de marzo; pero, al día siguiente se une al ultimo, Silva Tavares, con lo que, atacados de nuevo son destrozados los farrapos perdiendo 120 muertos y 200 prisioneros, entre los cuales estaba el mismo Corte Real.

El 11 de abril intentan los imperiales la reconquista de Porto Alegre; pero, son rechazados, y once días despues Onofre Pires desbarataba a los imperiales en Mostardas tomando 253 h. y 2 cañones.

El 2 de junio, intentaba una flotilla imperial tomar Pelotas, para lo cual atacó a los rebeldes en San Gozalo; pero, fueron desbaratados, despues de seis horas de combate. La flotilla farroupilha, que tomó parte en esa accion, ayudando a esta victoria, estaba compuesta por la escuna *Farroupilha*, brique *Bento Gonçalves*, y navios menores: 20 de setiembre y 24 de octubre.

El 15 de junio hay una reaccion en favor de los imperiales en Porto Alegre, quedando la ciudad de sus manos por lo que ya el 17 la sitian los rebeldes que intentan, en el curso del mes, ataques para su captura; pero, sin resultado, en tanto los imperiales atacaban y tomaban Itapua, cerca de P. Alegre, matando a sus escasos defensores.

El 6 de setiembre se encuentran en Viamão los ejercitos de Bento M. Ribeiro y Bento Gonçalves, consiguiendo este ultimo rechazarlo.

El 10 de setiembre bate Antonio Netto, las tropas de Silva Tava-

res en Seival y llevado de su entusiasmo, proclama la *república*, al día siguiente.

Entre tanto, el ejército de Gonçalves tenía que defenderse de las tropas de Bento Manuel y tentaba la juncion con otros elementos farroupilhas, lo que ocasionó choques el 27 de setiembre y al día siguiente, hasta que al fin tuvo lugar el choque decisivo en el morro de Fanfa, margen izquierda del Jacuí, y en la isla del Fanfa; este choque empezó el día 2 de octubre y siguió el 3, terminando el 4 con la derrota de los republicanos, la prision de Gonçalves, Onofre Pires, 900 h. y 15 cañones.

Por su parte David José Martins al frente de un cuerpo revolucionario batía y apresaba al legalista Silva Tavares el 17 de diciembre. Poco después de este éxito empezó a firmarse Canabarro en vez de Martins.

1837. — Cae Rio Pardo el 10 de enero en poder de los farrapos de Agustin de Melo, y el 1 de abril, Antonio de Souza Neto cercaba a Caçapava, que luego se rindió, marchando después a establecer por segunda vez el cerco de Porto Alegre, batiendo el 12 de agosto una fuerza enemiga en Triunfo.

1838. — El día 30 de enero, levantan los rebeldes el segundo cerco de Puerto Alegre, que mantenían desde el 11 de mayo de 1837.

Un cuerpo de ejército farrapo marcha contra Santa Catarina, para extender la revolución, ocupa Lages el 9 de marzo comandando José M. de Mattos.

En otro de los teatros de lucha, los republicanos abandonaron Rio Pardo que ocuparon los imperiales estableciendo su *gran cuartel general* y 1400 h. por lo que van a buscarlos los farroupilhas dirigidos por Souza Neto, trabase la acción el día 30 de abril siendo vencidos los imperiales; luego los vencedores tratan de capturar Puerto Alegre, nuevamente, siendo rechazados, y finalmente el 30 de julio era desbaratado Pedro J. de Abreu, jefe imperial mas conocido por Chico Pedro o Moringue, volviendo a batirlo el 30 de agosto.

1839. — El 22 de julio, Canabarro mandando en tierra, a los farrapos, y José Garibaldi dirigiendo las fuerzas navales de la Republi-

ca, tomaban Laguna, lo que les permitió proclamar la Republica de Santa Catarina o Republica *Juliana* (24 de julio) nombrandose a la villa de Laguna, *Ciudad Juliana* y quedando por metrópoli.

La poblacion no secundó a los riograndenses, sino en pequeña escala, lo que facilitó la reconquista imperial, cuyos elementos, ya el 15 de noviembre vencian en Laguna esfumandose el sueño de la Republica Juliana.

1840. — El 12 de enero son batidos los republicanos en Curitiba-
nos, y el 29 entre Viamão y Puerto Alegre, tenia lugar en Sauza de Bananeira, un choque favorable a los imperiales, gracias a la astucia y dotes de su jefe: Moringue, que ademas, el 7 de marzo tomaba Tacuari que trato de reconquistar Bento Gonçalves el 3 de mayo sin conseguirlo.

El 12 de junio y batidos los farrapos en Paso de Salso, abandonaron San Gabriel a los imperiales, y el 16 de julio Bento Gonçalves atacaba San José do Norte sin resultados decisivos, mientras el celebre Moringue sorprendia el 18 de junio y luego el 6 de agosto en diferentes puntos.

1841. — El 17 de enero ganan los farrapos la accion de Rincon de la Cruz, pierden la del Bañado de Inhatium el 22 de junio, y el 5, 6 y 20 de agosto tienen lugar sorpresas del Moringue, finalizando este triste año con la derrota de Pequiri (Rincon Bonito en las nacientes del Pequiri, el 25 de noviembre, con el triunfo de los imperiales.

1842. — Hay encuentros sin mayor importancia.

1843. — El 25 de mayo hay un grande encuentro de los ejércitos republicanos al mando de Bento Gonçalves, y leal al mando de Bento M. Ribeiro, en Ponche Verde sin vencedores ni vencidos; ambos se retiran del campo; luego los republicanos, el 5 de julio, fracasan en su intento de tomar Alegrete y el 25 de octubre es batido Bento Gonçalves en Cangassú; finalmente el 19 de diciembre atacan los republicanos Jaguarão; pero, sin éxito.

1844. — El 20 de junio atacan Jaguarão los republicanos por segunda vez, sin éxito.

El 7 de julio en Pirajá, afluente del Piratiny, son rechazados los republicanos; se repite el desastre de Santana, el 8 de octubre, y el 14 de noviembre en Porongos, es sorprendido el cuartel general de Canabarro por el incansable Moringue, lo que no impide que este, salvando restos de sus tropas entre en Encrucijada el 7 de diciembre en su busca; pero, sin encontrarlo; finalmente el 29 de diciembre son batidos los republicanos en Quaró.

1845. — El día 28 de febrero es aceptada la paz por los republicanos, que deponen las armas en el campamento de Carolina, en Ponche Verde, proclamando Canabarro a su gente.

De los jefes militares imperiales, se destaca, por su noble actuación don Juan da Silva Tavares (16 de marzo de 1790-28 de marzo de 1872) jefe distinguido del que dice Walter Spalding: "derrotado en varios encuentros, preso y engrillado, Silva Tavares no abandono nunca sus ideales monarquicos y estuvo siempre y mas que cualquiera otro jefe militar, dispuesto a la lucha, sin pretender superiorizarse y sin haber tenido jamas esa mania de ser jefe unico que persiguió a otros oficiales de las huestes del Imperio".

Silva Tavares fue el primer Baron y primer Vizconde de Cerro Alegre. Casado con Umbelina Nunes, dejó diez hijos.

Pero, no hay duda que el primer plano en los jefes imperiales debe asignarse al ilustre Luis Alves de Lima e Silva, nacido el 25 de agosto de 1803 y entrado al ejercito por disposicion y caso de ser descendiente de servidores del Estado, muy pequeño. Cadete en 1808, alumno de la Academia Real en 1818, Baron en 1841, Vizconde en 1843, Conde en 1845, Marques en 1852 y Duque en 1869 es mas conocido por el titulo que tenia: DUQUE DE CAXIAS. Espiritu conciliador, patriota a carta cabal, fue pacificador de Marañon en 1840 y de San Pablo y Minas en 1842; nombrado en 1842 (24 de setiembre) jefe de operaciones en Rio Grande do Sul, y el 28 de setiembre del mismo año Presidente de esa Provincia, uso de suma destreza, consiguiendo apaciguar los espíritus, lo que mereció el reconocimiento de sus propios ex enemigos: los farroupilhas.

Pacificado el Rio Grande do Sul fue hecho Conde em 1845.

Lima e Silva fue senador por Rio Grande do Sul (1845), Ministro de Guerra (1853) Presidente del Consejo (1856-1861 y 1875) Consejero de Estado (1870) y tuvo animos para dirigir, desde 1868 las tropas brasileiras en campaña, en territorio paraguayo.

Los jenerales farroupilhas fueron: João Manoel de Lima e Silva (1805-37) Bento Gonçalves da Silva (1788-1847) el gran animador del decenio heroico; Antonio de Souza Neto (1803-66) Bento M. Ribeiro (1783-1855) espiritu extraño que sirvio, primeiro al Imperio, luego a la revolucion, passandose otra vez al Imperio, en cuyo servicio lo encontro la paz. João Antonio de Silveira, y finalmente, David J. Martins, mas conocido como David Canabarro (1796-1867) que tuvo que dirigir, como jefe supremo del ejercito, las armas de los farroupilhas entre el 7 de agosto de 1843 y el 28 de febrero de 1845, o sea el peor de los periodos de la revolucion.

El ejercito farrapo no contó jamas con elementos encuadrados en una disciplina que permitiera mantener la lucha en regla; eran hombres valientes y guerreros de nacimiento; pero, tras de luchar un tiempo, se iban a sus hogares volviendo despues a la lucha.

A si no es de extranar que sus cuadros varien. En el cerco de Puerto Alegre, en 1838, se ven cuadros que alcanzan a un total de 4230 hombres y ya un mes despues con 2500 (cuadros de 6 y 30 de abril de 1838); en 1839 se calculaban en 10 mil h. las fuerzas revolucionarias, contadas primera linea y guardias nacionales; en 1840, en marzo por ej. un cuerpo en marcha tenia en lista 1100 hombres, y finalmente, en noviembre de 1840, en Viamão habian 2400 h.

La *escuadra* farrapa fue siempre debil y producto de circunstancias. El dominio del mar de los imperiales contribuyo a quebrantar el entusiasmo farroupilha.

No podemos dejar de mencionar a Garibaldi, en estos cortos apuntes. José Garibaldi, nacido en Niza en 1807, se afilió desde joven a sociedades secretas que deseaban la libertad de Italia, por lo que debio huir a otras tierras llegando a Rio Grande do Sul cuando ardía la guerra contra el Imperio. Participó en la campaña a Santa Catarina, y allí conoció, a mediados de 1839, a una agraciada joven: Ana de Jesus Ribeiro, mas conocida como ANITA, nacida en Mirim en 1821, pren-

dándose en el acto de ella y a su vez consiguiendo atraer su atención pero, por oposicion de sus padres, legalistas acérrimos: Bento Ribeiro da Silva y Maria A. de Jesus, hubo de proponer y consiguió un rapto.

Anita fue el brazo derecho de su marido y a pesar de su sexo peleó a su lado en los combates en que tuvo que actuar el inquieto italiano.

El 16 de setiembre de 1840 nacia Menotti, el primer hijo, y poco despues, y retirado Garibaldi al Uruguay se casa con Anita en Montevideo, en la iglesia de San Francisco el 16 de marzo de 1842.

Nacieron, mas tarde, del matrimonio, dos hijos: Ricciotti y Tere-sita. Ya en Europa, Garibaldi se mezcló en la politica que envolvía a los hombres de su temple y de su tiempo.

No sabemos mucho mas de su mujer, solo que falleció en Niza el 4 de agosto de 1849.

7. — El *factor económico* ha sido el nervio de todo movimiento armado, y para los farroupilhas era imprescindible contar con el no solo para sustentar su ejercito, sino tambien para mostrar al Imperio su resistencia en ese aspecto.

Por suerte, contó la revolución, con un cerebro privilegiado que algunos han llamado el *Colbert de los farrapos*: Domingos José de Almeida.

Como Ministro de Hacienda, su labor puede concretarse así:

1. — Creó un Tesoro.
2. — Fijó una moneda.
3. — Lanzó un empréstito de 300.000\$000, el 29 de mayo de 1837.
4. — Secuestró los bienes de los enemigos de la revolucion.
5. — Estableció contribuciones personales.
6. — Incorporó a la Republica, para los efectos fiscales, a los riograndenses que vivían en el Uruguay.
7. — Creó impuestos.
8. — Con su ejemplo de sacrificio pecuniario estimuló a los republicanos a dar auxilios espontaneamente al Estado.

Los farroupilhas se resistieron a establecer papel moneda, recurso a que siempre han recurrido los pueblos en caso de feligro, y la moneda que pronto quedó como principal *fué el propio ganado vacuno*, con lo que, por ej. se pagó a Garibaldi por sus servicios, en 1841.

El ganado vacuno representa, pues, un papel importante: alimento, vestido, movilidad y moneda. Se calcula que entonces habia 5 millones de cabezas, en la provincia.

En cuanto al ganado equino, que servia admirablemente para las guerrillas y remonta de las tropas, en su mayoria a caballo, se calculaba en 1 millón de cabezas. La cantidad considerable de equinos, permitió a los farroupilhas, prolongar la guerra en forma interminable.

Con respecto a los secuestros, se decretó, el 11 de noviembre de 1836, hacer la relacion de las haciendas y villas abandonadas por el elemento contrario a la revolución para subastarlas.

En un principio, las órdenes de carácter económico emanaban de un poder casi absolutamente discrecional, por lo que el Ministro se preocupó de organizar el sistema (14 de agosto de 1838).

Estableció un Tesoro, a cargo de un Inspector General, que lo fué Serafim dos Anjos França, al cual seguia el Tribunal, que podriamos llamar de Hacienda, presidido por el Ministro del ramo, y finalmente la Caja de Amortización.

Subordinadas al Tesoro, estaban las Oficinas Recaudadoras, que luego fueron agrupadas a cargo de oficiales especiales, encargados de supervigilar el dinero recolectado. Estos oficiales recaudadores fueron: Antonio V. da Fontoura, para Cachoeira, Rio Pardo, Caçapava, San Gabriel, Santa Maria, Cruz Alta, Vaqueria. Serafim dos Santos Prado Lima, para Alegrete, San Borja, Itaqui, y Santa Ana do Livramento, y Antonio E. Bandeira para Triunfo, Viamão, y San Antonio de Patrulha.

Hacia 1840 se habian recolectado, en un año: 128,694\$864 que, poco mas de la mitad, consumió el ejercito.

En diciembre de 1839, se organizaba en Caçapava, el Impuesto Personal en forma de Pasaporte: 1. — Para *blancos*, capataces de carretas y tropas fuera del Estado — 1\$600; 2. — Para *peones* y *esclavos*, fuera del Estado — \$800 rs. 3. — Para *peones* de un Municipio a otro — \$400 rs. 4. — Para personas dentro del Municipio — \$080 rs.

En abril de 1839, consideró Almeida que tenian igual deber para con la República los riograndenses emigrados y con bienes en el territorio. A estos se les dirigió misivas invitandolos a suscribir cantida-

des para el Tesoro de la República, que serian devueltas en plazo estipulado, asi como conminándolos con la pérdida de la nacionalidad y confiscacion de sus bienes en el pais, en caso de negativa. A los riograndenses que carecian de bienes se les ordenaba comparecer, ante las autoridades, en el plazo de cuarenta dias. Estas ordenanzas tenian especial interes para los que estaban en Corrientes, Entre Rios y sobre todo, Uruguay.

El 30 de marzo de 1837 se establecia el impuesto de semovientes exportados.

Hacia el 9 de abril de 1838 se prohibia las requisiciones gratuitas reglamentándolas en esta forma: por vaca — 4\$000, y por novillo — 6\$400.

Otro recurso de guerra de la revolucion fué establecer las patentes de corso, hacia el 12 de noviembre de 1836, contra el comercio imperial.

En abril de 1838 quedaba establecido el impuesto sobre mercaderias entradas de Corrientes, Entre Rios, Uruguay, etc. que era el 10% ad valorem, y 20% para las bebidas espirituosas.

No faltaban hombres generosos que organizaban colectas espontaneas, para dar a las guarniciones farroupilhas muchos de los elementos de que carecian, entre ellos, amen de los particulares, habria que citar a los mismos jefes de la revolucion, y sobre todo, al desprendido Almeida, que todo lo dió en aras de su ideal.

Por cierto que el estado de guerra en que estaba la provincia y el sistema de hacerla, viviendo del propio pais, tenia que hacer mermar las entradas del gobierno farroupilha y por ello su Ministro de Hacienda debia imaginar todo lo que pudiera dar recursos, asi se acudió a establecer fábricas de yerba mate; se cuidó de los cueros de las reses muertas para el consumo, cueros que servian para exportarlos y conseguir elementos diversos o para vestir, simplemente, a las tropas; se recojieron las monedas de cobre del territorio republicano, entregandose a sus dueños 1/4, pasando otro 1/4 al Fisco y los dos cuartos restantes se devolvian tambien al dueño; pero, en forma de *bonos* o *billetes* llamados *conocimientos* que el Estado se comprometia a rescatar antes de dos años y medio.

Por otra parte, el propio ejercito imperial, favorecia a los farrou-

pilhas con magníficos elementos diversos de orden bélico en las sorpresas o guerrillas, o toma de defensas y ciudades, en especial al jefe leal Silva Tavares se le conocia como “almacen de los farrapos” pues grande era la cantidad de armas y municiones que, en diversas oportunidades, dejó en manos de los contrarios.

Almeida fue un gran Ministro; pero, desilusionado dejó su puesto sustituyéndolo Antonio Vicente da Fontoura, que no duró mucho (septiembre de 1841 — 12 de diciembre de 1842) y trató de dar al ejército los elementos que tanto precisaba. Quizas un error de Fontoura fue haber chocado con su antecesor en la cartera que tenia, por apreciaciones encontradas que tomaron cierto caracter violento.

La labor economica del periodo decenal, fue gigantesca, y los hombres que llevaron sobre sus hombros la tarea de organizarla, en especial Domingos José de Almeida, merecen el respeto de la posteridad.

8. — Reviste dos formas, para los republicanos, el *factor internacional*, a saber: el realizado *cerca de los países vecinos*, y la labor realizada en *otras provincias imperiales*.

Respecto a la labor desarrollada en otras provincias imperiales, debemos aclarar que no tenia mas razon que enflaquecer la defensa imperial y aumentar el poder total farroupilha; pero, tanto la accion planeada en Santa Catalina, cuando la República Juliana, como la paciente espera de un pronunciamiento de los hombres influyentes de Minas Geraes y São Paulo, van a sufrir rudo fracaso, en el primer caso por la indiferencia de los Catarinenses y la rápida acción imperial, y en el otro por la ruda franqueza del leader minero *Teofilo Ottoni*, que hizo presente a los farroupilhas, en su correspondencia, que no esperasen un levantamiento parecido al de ellos y que, por el contrario, depusieran las armas, pactaran con el Imperio y de esa manera pudieran sumar sus fuerzas a las del partido liberal.

En las relaciones internacionales, propiamente tales, los republicanos buscaron robustecer su posicion, de alli la mision especial llevada al Paraguay por don *Antonio Manoel Correa da Câmara*, hombre de gran cultura y capacidad y cuyo decreto es de 24 de abril de 1839, asi como los tratados, firmados con el Uruguay y la convencion con Corrientes.

Con el Uruguay, o mejor dicho, con el general Rivera, se firman tres acuerdos, de fecha 21 de agosto de 1838, 28 de diciembre de 1841

y 6 de marzo de 1844, en los puntos llamados: *Cangué, San Fructuoso, y Puntas de Quaraí.*

En esos acuerdos se estipulaban los auxilios que debían darse ambas partes contratantes, siendo los negociadores farroupilhas: José M. de Mattos, del primero, Domingos J. de Almeida, y del último Daniel Gomes de Freitas.

La convención con Corrientes se hizo el 29 de febrero de 1842 y el negociador farroupilha fue José Pinheiro de Ulhoa Cintra. El interés de los revolucionarios riograndenses no era tanto la letra de carácter económico de esta convención como poder alcanzar pactos similares con Entre Ríos y Santa Fé, por intermedio de Corrientes.

Un punto interesante de la diplomacia farroupilha es la lucha enérgica que sus dirigentes debieron sostener entre sus ideales de redención provincial y de sacar a flote su revuelta y las ambiciones de los caudillos extranjeros, por ej. Rivera, del Uruguay.

Se ha llegado a decir que se pensó, muchas veces, absorber el Río Grande en un poder más grande, territorial y políticamente hablando; pero, tanto esto como aquello del llamado *cuadrilátero* — Uruguay, Río Grande, Entre Ríos y Corrientes — se ve que no era otra cosa que un pretexto de los jefes farroupilhas que oían y asentían, de seguro, para obtener elementos de los cuáles carecían.

Su patriotismo, su brasileroismo, está tan patente que llama la atención la integridad moral de esos leaders que, antes que nada no olvidaban su condición de brasileiros.

9. — El gobierno colonial portugués, poco interés había demostrado, en dar al Río Grande do Sul siquiera un rudimento de *enseñanza*, y a pesar que la población gaucha había alcanzado cerca de veinte mil almas, en 1774, sobre sesenta mil en 1803, ciento veinte mil en 1822 y doscientos mil en 1835, el descuido en esta materia era asombroso.

Hacia 1803, el gobernador Paulo Gama, hacía presente al gobierno central, que los habitantes de Río Grande do Sul tenían en conocimientos e instrucción: "*tanto como las tribus que los rodean*", y cinco años después, funcionaban en Porto Alegre, apenas un curso de gramática latina, y dos escuelas, de leer y escribir.

Aunque el gobernador Gama tenía un proyecto muy interesante, en

materia de instruccion publica, no contó con apoyo oficial, y solo hacia 1820 se creaban ocho cursos publicos de primeras letras en Porto Alegre, Cachoeira, Rio Grande, Rio Pardo, San Antonio de Patrulha, Pelotas y Piratiny; pero, por lo exiguo de los sueldos que se pagaban a los maestros nadie interesó, y a poco, en 1822 la region carecia de ensenanza en forma absoluta.

Solo en 1832 hallamos seis cursos en pleno funcionamiento, y en 1835 habia cuarenta cursos; pero, muchos nominalmente.

La revolucion farroupilha, comprendiendo la importancia que tiene la preparacion y capacidad de los hombres y del pueblo, en general, se preocupó, desde el principio, de la enseñanza.

El Ministro Almeida fue el alma del movimiento que revistió dos formas: la creacion y estimulo a las escuelas de primeras letras que poco a poco hubo en Caçapava, San Gabriel, Piratiny, Rio Pardo, Cachoeira, Santana de B. Vista, San Borja, Alegrete, Itaqui, Livramento, Lages, Cruz Alta, Santa Maria, Encrucijada, Bagé, Setembrina, Mostardas; y por otro lado, el establecimiento, a firme de una *Biblioteca Nacional*, sentida necesidad que fue recibida con jeneral aplauso.

De esta manera, el farroupilhismo hizo mas en diez años, por la enseñanza, que lo que los gobiernos centrales habian hecho en un siglo, pues para los revolucionarios la cultura, el saber eran la llave de la libertad y del progreso.

CAPÍTULO 3.º

EL CENTENARIO DE LOS FARROUPILHAS

1. — En Rio Grande do Sul. 2. — En Rio Janeiro. 3. — En otros Estados del Brasil. 4. — La Gran Exposicion de Porto Alegre. 5. — El Primer Congreso de Historia Sulriograndense.

1. — Vibró de entusiasmo el Brasil, y en particular el Rio Grande do Sul, para festejar dignamente el *centenario farroupilha*. (1935).

En Rio Grande do Sul el programa oficial del Gobierno Estadual, en Porto Alegre, comprendia festividades desde el dia 17 al 26 de setiembre; conciertos, recepciones, banquetes a SE Getulio Vargas, para-

da militar, sesion solemne de la Asamblea Legislativa del Estado, misa solemne en la catedral, inauguracion de obsequios de colonias extranjeras, inauguracion de la estatua de Bento Gonçalves, etc.

El Presidente doctor Getulio Vargas, viajo en el avion Caiçara, de la Cia. Cóndor, en compañía de su Sra. y familia. Tambien iban con el el Ministro de Hacienda y su secretario, el jefe de la casa militar, el secretario de la Presidencia, un funcionario del ministerio de Hacienda y un oficial a las ordenes del Presidente.

El dia 19 de setiembre de 1935, a las 5 pm. llegaba a Porto Alegre, siendo recibido con los honores correspondientes a su alto rango en medio del jubilo de los habitantes y visitantes, que deseaban exteriorizarle sus afectos.

El dia 20 amanecia embanderada Porto Alegre. El dia era magnifico pues hasta la naturaleza se asoció a las festividades llenando de alegria a los sulriograndenses. En la parada militar efectuada ante el Excmo. Sr. Getulio Vargas formaron 4 mil hombres y la marineria de los barcos surtos en el puerto, nacionales y extranjeros. Se asoció, tambien, la aviacion y poco despues se inauguraba la exposicion farroupilha.

En un lugar bastante visible y como dominando el conjunto de esta magnifica demostracion potencial de las fuerzas creadoras de Rio Grande, se inauguró la *estatua ecuestre de Bento Gonçalves da Silva*, el heroe maximo si se pudiera asi llamar, de la revolucion decenal; obra del escultor brasileiro, natural de Pelotas: *Antonio Caringi*, que estudió en Munich, en la Academia de Bellas Artes. Hablando de este monumento, para "*A Nação*", decia don Mateo de Fontoura: Como conjunto arquitectonico, el monumento farroupilha es una obra de arte perfecta raramente igualada y que no encontré similar aun en la moderna Alemania ta llena de grandiosos monumentos".

La prensa Portoalegrense conmemoró dignamente el centenario asociándose al júbilo general.

Por su parte, el Gobierno Estadual, recibió congratulaciones de todas partes del Brasil, y de muchas partes del exterior.

Contribuía a la animacion general, el caracter de fiesta de la capital de Rio Grande do Sul, cuyas calles veianse mas animadas por los numerosos visitantes que habian afluído a ella para apreciar, de cerca, los actos del centenario.

En la tarde del día 20, hubo sesión solemne en la Asamblea Legislativa, de Porto Alegre. El doctor Vargas, acompañado del general Flores da Cunha, gobernador del Estado llegó a la Asamblea siendo recibido con honores militares y con estruendosos aplausos de la muchedumbre. Dirigióla palabra el gobernador, inaugurandose una placa que decia: LA ASAMBLEA LEGISLATIVA DE 1935 RINDE CULTO A LOS CONSTITUYENTES DE LA REPUBLICA DE PIRATINI EN CONMEMORACION DEL CENTENARIO DE LA GRAN REVOLUCION.

Después tomó la palabra el Sr. Coelho de Souza, quien se refirió a la revolución de 1835, y le siguió don Adroaldo Costa, demostrando que la revolución no tuvo intenciones separatistas.

Al retirarse el Excmo. Sr. Vargas, fué objeto de nuevas manifestaciones de simpatía, de parte de la apinada multitud.

De noche, el señor Flores da Cunha, ofreció una brillante recepción en el Palacio de Gobierno.

2. — El 20 de setiembre de 1935, en sesión especial, el *Senado Federal*, en Rio Janeiro, rindió homenaje a los hombres del decenio farrroupilha, hablando los representantes Sres. José de Sá, Artur Costa, Alfredo da Mata y Pacheco de Oliveira.

El señor Sá, se asoció a los heroicos farrapos, en nombre de Pernambuco, don Arturo Costa lo hizo por Santa Catarina; el senador Mata por Amazonas, y el señor Pacheco de Oliveira por Bahia, y pidió congratulaciones para el Presidente de la República y para el Gobierno del Rio Grande do Sul, aprobados los cuales se levantó la sesión.

En la sesión de 21 de setiembre de 1935, de la *Camara de Diputados Federal*, habió el Sr. Raul Bittencourt para rendir homenaje a los farrroupilha. Hizo presente que usaba de la palabra en la tribuna mas importante del país y luego pasó revista a la acción de los rebeldes del decenio que escribieron una página de gloria, sin pensar jamas en deshacer la nación sino que idearon teorías continentales; estableciendo que Bento Gonçalves podia ser mirado como el Simon Bolivar del Brasil.

El 20 de setiembre, a las 5 pm., tuvo lugar, en Rio Janeiro, el homenaje de la Secretaria de Educación y Cultura del Distrito Federal, en el local del Teatro Municipal, presidiendo el Prefecto del Dis-

trito Federal doctor don Pedro Ernesto, al que acompañaban otros funcionarios entre los que estaba el diputado don Victor Russomano quien, usó de la palabra, refiriéndose conceptuosamente de los farroupilhas llegando a tocar el sentimiento de los asistentes, como lo puso de manifiesto la prensa carioca.

El mismo 20 de setiembre tenia lugar, en el seno del Instituto Historico y Geografico de Rio de Janeiro la sesion solemne para rendir homenaje a los farrapos. Presidió el doctor don Manuel Cicero, en ausencia del titular, Conde Affonso Celso. Entre los asistentes, estaban los hombres de mayor capacidad intelectual del Brasil, como los Sres. Helio Lobo, Souza Docca, Rodrigo Octavio, hijo, Monseñor Frederico Lunardi, etc. Hizo uso de la palabra el diputado federal por Pernambuco doctor Barbosa Lima.

A las 10 de la mañana tenia lugar, el mismo 20 de setiembre, en el local de la escuela Bangú, por no estar terminada la escuela Getulio Vargas, una reunion solemne en conmemoracion del decenio. En el auditorio se esplicó a los alumnos la trascendental acción de los héroes cuyo recuerdo reverenciaba el pais.

3. — El día 20 de setiembre de 1935, en la Cámara, de *São Paulo*, despues que varios oradores se refirieron al acontecimiento, el Sr. Enrique Bayma, leader de la mayoría, presentó el siguiente voto, que fue aprobado: "La Asamblea Legislativa del Estado de S. Paulo, expresando el sentimiento del pueblo paulista, congratúlase con el noble pueblo de Rio Grande do Sul por la conmemoración nacional del movimiento historico del 20 de Setiembre".

En *Minas Geraes*, se rindió homenaje a los heroes farroupilhas, en la Asamblea, de su capital: Bello Horizonte, aprobandose un voto de congratulacion al bueblo del Rio Grande do Sul.

En *Pernambuco*, los diarios de Recife, su capital, dieron el 20 de setiembre, columnas enteras llenas de noticias de la revolucion decenal.

En *Santa Catarina*, la Asamblea con sede en Florianópolis, capital del Estado, celebro sesion especial en homenaje a los farroupilhas, hablando los diputados Barreiros, hijo, y Trinidad Cruz, y el mismo dia partia el Gobernador del Estado para Porto Alegre acompañado de una cantidad de miembros de la Asamblea Legislativa.

4. — Posiblemente uno de los números mas interesantes del centenario farroupilha, fue la *Gran Exposición* de Porto Alegre.

La gran exposicion del centenario farroupilha tiene lugar en el campo de la Redempção, en Porto Alegre.

El Comisariato General de la Exposicion se instaló el 11 de junio de 1934, para preparar todo lo relacionado con ella. Componian este organismo: Comisario General-Mayor Alberto Bins, Prefecto de Porto Alegre. Secretario General-Dr. Mario de Oliveira. Tesorero General — Ricardo Völcöers. El Escritorio Tecnico quedó a cargo del Dr. Oscar de Freitas.

Se invitó a todos los Estados del Brasil a hacerse representar, y el Secretario General visitó a los Interventores de diez de ellos, lo que dió buenos resultados.

Se hizo um *pórtico monumental* de 21,50 mts. y se arregló de manera que el edificio que tenia anexo contuviera salas espaciosas para la parte directiva de la exposicion, con um gasto de \$209 mil.

El Pabellon de Industrias de Rio Grande, quedo al fondo de la Avenida de las Naciones, con 230 mts. de frente y 60 mts. de fondo, con un hall central de 60 por 28 mts. y 19 de alto. En este edificio no se dejaron ventanas sino que la luz era toda artificial. Su costo total fue de \$ 1.062.000.

El Pabellon de Agricultura con 1.000 m2, para semillas, plantas y muestrarios, costó \$135 mil.

El Pabellon de las Industrias Extranjeras, con 2 mil m2, de estilo cubista, costo \$307 mil.

El Pabellon de Pecuaria, con un costo total de \$271 mil y toda clase de romanas, para animales, lavaderos, amplia pista de desfile y once pabellones de madera para los animales, a saber: 2 para bovinos, 1 para ovinos, 2 para equinos, 1 para suinos, 1 para aves, 1 para pecuaria extranjera, 1 para forraje, etc.

El *casino* que representaba una sentida necesidad, costó \$288 mil.

El *Auditorio*, para conciertos, donde la Banda Municipal y la Orquesta Sinfonica harian las delicias de los visitantes, costó, con los servicios higiénicos anexos \$63 mil.

Servicios sanitarios tuvieron dos grandes instalaciones.

Se hizo un lago artificial con 300 m², de extension, y capacidad de 21 mil m³ con un costo de \$57 mil.

Frente al Pabellon de las Industrias del Rio Grande se establecio la Fuente Luminosa que se importó de U. S. A. alcanzando su parte central 20 mts., con un costo total de \$202 mil.

Fuera de los pabellones descritos habian otros mas pequeños.

El Director de Parques y Jardines de Porto Alegre, doctor Gaston de Almeida Santos, dirigio el trazado de los jardines que ocupaban 25.656 m².

En materia de iluminacion, se siguió el principio de la luz indirecta y que el recinto fuera una verdadera orgia de luces, resultando asi, un gasto diario de 12 mil kw. teniendo 7 veces mas lamparas, la Exposicion, que la propia ciudad de Porto Alegre, normalmente. La Compañia Electrica, fijó precios minimos para el consumo lo que facilito la tarea de los organizadores de la Exposicion.

El costo de la instalacion de luz fue de \$757 mil.

El flete de los animales, para a Exposicion, fuel gratuito, de ida y vuelta, en ffcc; lo mismo hicieron la Cia. Nacional de Navegacion Litoral, y el Lloyd Nacional, y Cias de Navegacion Fluvial concedieron un 50% de rebaja en los pasajes.

Siete Estados construyeron pabellones especiales: el de *Santa Catarina*, tenia 300 m²., el de *Paraná*, también 300 m²., el de *S. Paulo* 1400 m²., con fachada de 20 m. de alto; el del *Distrito Federal*, 500 m²., el de *Minas Geraes* igual dimension, el de *Pernambuco* tenia 600 m²., y el de *Pará* 400 m².

Los FFCC de Rio Grande do Sul levantaron un pabellon de 1500 m². y el Departamento Nacional del Café otro de 400 m²., y la Inspeccion Federal de Caminos uno de 300 m².

— El dia 20 de setiembre de 1935, a las 10 am fue inaugurada la Gran Exposicion de Porto Alegre, en forma oficial, teniendo lugar la ceremonia en el gran hall del Pabellon de las Industrias Riograndenses, presidiendo SE el Dr. Getulio Vargas y el Sr. Flores da Cunha, gobernador del Rio Grande do Sul.

Asistieron el Ministro del Interior del Uruguay, y de Educacion del Paraguay, los comandantes de los buques de guerra de Argentina y Uruguay, Cuerpo Consular de Porto Alegre y otras autoridades.

Fue orador oficial del acto, el Secretario de Educacion y Salud Publica del Rio Grande do Sul, señor Othelo Rosa, pronunciando el señor Flores da Cunha el discurso de honor.

A la 1 pm. se abria al público la Exposición, y a las pocas horas, ya se habian vendido 40 mil entradas.

Otros aspectos de la Exposición.

Palacio Cultural — Se aprovechó el espacioso local de la escuela "General Flores da Cunha" recién construida para reunir los elementos de las actividades culturales y confiada la organizacion de ella al señor Walter Spalding, quedando dividida en trece secciones.

Bastará decir que se reunieron 773 cuadros pictoricos, 228 proyectos y cuadros de arquitectura, 1200 diarios y revistas publicados entre 1829 y 1935, mil volumenes editados entre 1827 y 1935, en fin, de otros elementos culturales, para que se encuentre no exagerado decir "que el Pabellon Cultural" fue una de las completas demostraciones de cultura hasta hoy realizada en el Brasil.

Expositores — En el Pabellon de Industrias se notaron 905 expositores, en el de Agricultura 778; en el hall del Pabellon se hizo un certamen de flores al que concurrieron 26 floricultores; el Pabellon de Industrias Extrangeras alojó 177 muestrarios, de los que 132 del Uruguay; los Estados del Brasil presentaron en sus pabellones 655 expositores; el total de expositores fue de 3122.

Pecuaría — Fueron presentados 1512 animales sobresaliendo los bovinos; las aves fueron 808.

Los criadores uruguayos enviaron una numerosa delegacion representativa.

Alojamientos — Hubo necesidad de preocuparse en alojar a mucha gente que deseaba participar en las festividades, y para ello se dieron ondenes tendientes a dirigir a los viajeros y turistas y se tomaron tales medidas en materia de facilidades contributivas que los precios de los departamentos y piezas de hoteles, etc., fueron rebajados y módicos.

Del diez de setiembre al treinta y uno de diciembre llegaron a Porto Alegre 153.723 personas.

Parque de Diversiones — No se olvido de establecer un Parque de Diversiones en una area de 40 m2. en el que habian numerosas atracciones para los viajeros y asistentes amen de un restaurant y bar.

Puesto médico — Esta necesidad se obvió con un buen servicio que atendió, en total, a 479 personas.

También en la exposición hubo servicios telegráficos y telefónicos, servicio de correos y hasta una oficina de la empresa de fíec en la que se podía no solo adquirir pasajes sino también reservar camas y departamentos.

Los precios, para la entrada a la exposición fueron módicos, y se recuado la suma de \$800.769.

Clausura de la exposición

El 20 de diciembre de 1935 tuvo lugar a las 5 pm. la clausura solemne de la exposición. Se inauguró un pequeño marco de granito en la Avenida Principal del certamen con una placa de bronce que decía: Se realizó en este parque la exposición conmemorativa del Centenario de la Revolución Farroupilha, de 20 de setiembre de 1935 al 20 de diciembre de 1935 siendo Gobernador del Estado el señor General J. A. Flores da Cunha y Prefecto de Porto Alegre y Comisario General de la Exposición el mayor Alberto Bins, y para recuerdo mando el Comisario General del Gran Certamen erigir este bronce”.

En la base de la columna de granito se colocó una caja de cobre conteniendo el acta de clausura de la exposición y la documentación completa de ella.

5. — Para conmemorar dignamente el primer centenario de la revolución farroupilha, el Instituto Histórico y Geográfico de Rio Grande do Sul preparó el *primer* Congreso de Historia y Geografía de Rio Grande do Sul.

Se encargó oportunamente, a los miembros Sres. João Maia, Othelo Rosa y Darcy Azambuja, la formación de las tesis para el certamen, y estos presentaron su trabajo el 27 de enero de 1934.

Estas fueron: *Sección primera.* A — Formación del Rio Grande do Sul. B. — Formación Etnica. C. — Formación Social. *Sección segunda.* Historia Política. *Sección tercera.* Historia Militar. *Sección cuarta.* Administración y Economía. *Sección quinta.* Ciencias, letras y artes.

Estas indicaciones generales para las tesis estaban divididas en 21 temas.

En setiembre de 1934 el Presidente señor Francisco R. Simch y

el secretario don Eduardo Duarte, daban a conocer, a los interesados, el Reglamento del Congreso.

Se nombró una *comision de honor* que quedo constituida por el Sr. Gobernador del Estado, por el Sr. Presidente del Instituto Historico y Geografico Brasileiro, y por el Sr. Presidente de la Sociedad de Geografia de Rio Janeiro, quedando la *Comision Organizadora del Congreso* compuesta por la mesa directiva del Instituto Historico y Geografico de Rio Grande do Sul.

En cuanto a la mesa del Congreso quedo asi. Gobernador del Estado como Presidente Honorario, Presidente del Instituto Historico y Geografico del Rio Grande do Sul como Presidente efectivo, Vice Presidente del Instituto Historico y Geografico del Rio Grande do Sul como Vice Presidente efectivo, Señor Secretario Perpetuo del Instituto Historico y Geografico de Rio Grande do Sul como Secretario efectivo.

El *reglamento* del Congreso constaba de 18 articulos y en el 10 quedaba estipulado el idioma portugues para los trabajos, tesis, memorias, discusiones, etc.

Acudieron al certamen escritores como Fernandes Bastos, Pinto Soares, Resende Silva, Fernando Osorio, Manuel Duarte, Dante de Laitano, Aurelio Porto, d'Abreu Prates, Henriqueta Galeno, De Paranhos Antunes, Castillos Goycochea, Walter Spalding, Alcindo Sodré, Setembrino Pereda, etc.

El secretario señor Eduardo Duarte fue auxiliado por dos secretarios, los miembros efectivos del Instituto Sres. Jaci Tupi Caldas, y De Paranhos Antunes.

De diversas partes del Brasil se enviaron telegramas solidarizando con el Congreso de Rio Grande do Sul.

El dia 1.º de actubre de 1935 se abrio la sesion solemne de apertura del Congreso, a las 21 h. declarándola tal, el profesor don Leonardo Macedonia, con un hermoso discurso en donde puso de relieve la importancia y trascendencia del acto cultural al que se daba comienzo.

Despues el señor secretario dio lectura a las 32 tesis presentadas, dandose conocimiento de los relatores que debian informar de ellas. Todas fueron aprobadas menos una en español, presentada por un intelectual uruguayo, por ir contra una disposicion reglamentaria del Congreso.

En los días 2, 3, 4, 5, hubo treinta y dos sesiones de las distintas comisiones y en los días 7 y 8 hubo sesiones plenarias, en el salón de honor de la Biblioteca de Porto Alegre, para oír y discutir los pareceres sobre las tesis presentadas, teniendo lugar el día 9 de octubre la sesión final del Congreso.

Durante las sesiones últimas hubo presentación y se aceptaron, mociones de agradecimiento y honor a diversas entidades, de personas o prensa, por miembros del Congreso.

En la sesión de clausura (día 9) habló el señor Macedonia, siguiéndole don Eduardo Duarte que alabó la labor desarrollada por los secretarios auxiliares; también hablaron don Cicero Peregrino, don Herminio Pessoa tras de lo cual se disolvió la reunión.

En 1936 se publicaron los *anais do Primeiro Congresso de Historia e Geografia Sul-Riograndense*, en tres gruesos tomos con un total de 1200 p. detallando la labor del Congreso y las tesis presentadas, con los pareceres de sus relatores.

Este torneo vino a demostrar:

1. — El verdadero sentimiento patriótico de los hijos del Rio Grande do Sul.
2. — Una potencia intelectual que hace honor al Rio Grande do Sul y que lo coloca muy por encima de muchos países del Continente.
3. — Un resurgimiento de los estudios históricos y geográficos que llama la atención, destacándose plumas de primer orden, honra del Rio Grande do Sul, del Brasil y de América.

Fue en esta forma como celebraron, el Brasil y el Rio Grande do Sul, Gobierno y pueblo, la festividad magna de la revolución farroupilha en su primer centenario, reviviendo en la memoria de sus intelectos de todo orden los sufrimientos y vicisitudes pasados por aquellos próceres que soñaron con el ideal republicano, para su patria, medio siglo antes que el fuera una realidad.

BIBLIOGRAFIA

LIBROS Y FOLLETOS

1. — Alfredo Varela — Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1897. 507 p.
2. — J. Pandiá Calogeras — Res Nostra. São Paulo. 1930. 290 p.
3. — J. Pandiá Calogeras — Formação Histórica do Brasil. Rio Janeiro. 1930. 505 p.
4. — Florencio de Abreu — A Constituinte e o Projecto de Constituição da Republica Rio-Grandense. Porto Alegre. 1930. 83 p.
5. — Herbert Canabarro — Bento Gonçalves. Porto Alegre. 1932. 269 p.
6. — J. Pandiá Calogeras — Da Regencia a Queda de Rozas. São Paulo. 1933. 590 p.
7. — Othelo Rosa — Os Amores de Canabarro. Porto Alegre. 1933. 173 p.
8. — De Paranhos Antunes — Historia de Rio Pardo. Porto Alegre. 1933. 78 p.
9. — Herbert Canabarro — David Canabarro. Rio Janeiro. 1934. 221 p.
10. — Olyntho Sanmartin — Bento Manoel Ribeiro. Porto Alegre. 1935. 261 p.
11. — De Paranhos Antunes — Antonio Vicente da Fontoura. Porto Alegre. 1935. 171 p.
12. — De Paranhos Antunes — Episodios e Perfis de 1835. Porto Alegre. 1935. 112 p.
13. — Othelo Rosa — Vultos da Epopeia Farroupilha. Porto Alegre. 1935. 222 p.
14. — Emilio Fernandes de Souza Docca — O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha. Porto Alegre. 1935. 147 p.
15. — Walter Spalding — Caxias e Bento Manoel Ribeiro. Porto Alegre 1936. 87 p.
16. — De Paranhos Antunes — O Combate de Rio Pardo. Porto Alegre. 1936. 12 p.
17. — Dante de Laytano — Historia da Republica Riograndense. Porto Alegre. 1936. 352 p.
18. — A Exposição do Centenario Farroupilha. Porto Alegre. 1936.
19. — Walter Spalding — João da Silva Tavares.

REVISTAS

1. — Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. Brasil. Anais do Primeiro Congresso de Historia e Geografia Sul Riograndense. Porto Alegre. 1936. 3 tomos.
2. — Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1935. III Trimestre. Año XV.

3. — Id. Porto Alegre. 1935. IV Trimestre. Año XV.
4. — Id. Porto Alegre. 1936. II Trimestre. Año XVI.
5. — Id. Porto Alegre. 1936. III Trimestre. Año XVI.
6. — Id. Porto Alegre. 1936. IV Trimestre. Año XVI.
7. — Revista Militar Brasileira. Anno XXVI. 25 de Agosto de 1936.

Rio Janeiro.

8. — Homenagem da Revista Militar Brasileira ao Duque de Caxias. Rio Janeiro. 1935.

9. — Revista da Camara de Commercio e Industria do Brasil. Rio Janeiro. Dezembro 1935.

10. — Revista da Academia Riograndense de Letras. Anno 1.º Julho de 1936. N.º 1.

11. — Revista da Semana. Rio Janeiro. 1935. Agosto. 17, y 31.

13. — Revista da Semana. Rio Janeiro. 1935. Setiembre. 21, y 28.

15. — Sul America. Rio Janeiro. Outubro 1935.

16. — Brasil paiz de Turismo. Rio Janeiro. Agosto-Setebbro 1935.

PRENSA

1. — O Colono Allemão. Porto Alegre. 1836. Febrero — 3, 11, y 18.

4. — Diario do Poder Legislativo. Rio Janeiro. 28 de setiembre de 1935.

5. — Jornal do Commercio. Rio Janeiro. 1935. Setiembre — 20, 21, 22 y 24.

9. — Jornal do Brasil. Rio Janeiro. 1935. Setiembre — 21.

10. — A Nação. Rio Janeiro. 1935. Setiembre — 20.

11. — Correio da Manhã. Rio Janeiro. 1935. Setiembre — 20, y 22.

13-15. — A Noite Illustrada. Rio Janeiro. 1935. Setiembre — 25. Outubro — 5 y 19.

Aspecto Geomorfológico do Estado do Rio Grande do Sul

Pelo *Professor J. Tupi Caldas*

A observação atenta do mapa orográfico do Estado do Rio Grande do Sul, a par da leitura dos dados hipsométricos, permite concluir que o aspecto fisiográfico do território gaúcho é caracterizado pela existência de duas zonas diferentes: a zona alta e a zona baixa.

I — ZONA ALTA

O princípio fundamental da orognósia, ciência que estuda a origem e formação das montanhas, conforme foi sistematizado por Mallet, Suess, Neumayer, Macpherson e Caldéron, explica o aparecimento de todos os acidentes orognósticos da superfície da Terra pela perda do calor que esta experimenta desde os primeiros tempos geológicos e, que se traduz na diminuição do volume, com enrugamentos da crosta, que sofrendo uma tensão horizontal (ou tangencial) à superfície deu nascimentos às *dobras* e uma tensão vertical produziu as fraturas.

Assim, o relêvo do Estado não resultou de um levantamento vulcânico, mas de dobramento imenso e fratura colossal da crosta primitiva, onde a elasticidade dos materiais que constituem os nossos terrenos arqueolíticos oferecem grande resistência.

As primitivas formações de gneisse e micaxistos se encontram hoje com uma inclinação média de 60°, o que indica que foram, no começo, depositadas horizontalmente; — tomaram inclinação pela diminuição do raio terrestre, fator que tem importância maior do que se póde acreditar à primeira vista.

O território do Estado do Rio Grande do Sul está situado numa zona rígida do Globo terrestre, na qual a contração das massas mais flexíveis determinaram as dobras e a resistência dos materiais mais rígidos as fraturas.

Daí, predominar na Serra do Mar e na Serra Geral uma estrutura monoclinal, isto é, as dobras têm disposição unilateral, formando colossal sinclinal para o ocidente americano, na qual se encontram os depósitos sedimentários das épocas primárias e secundárias.

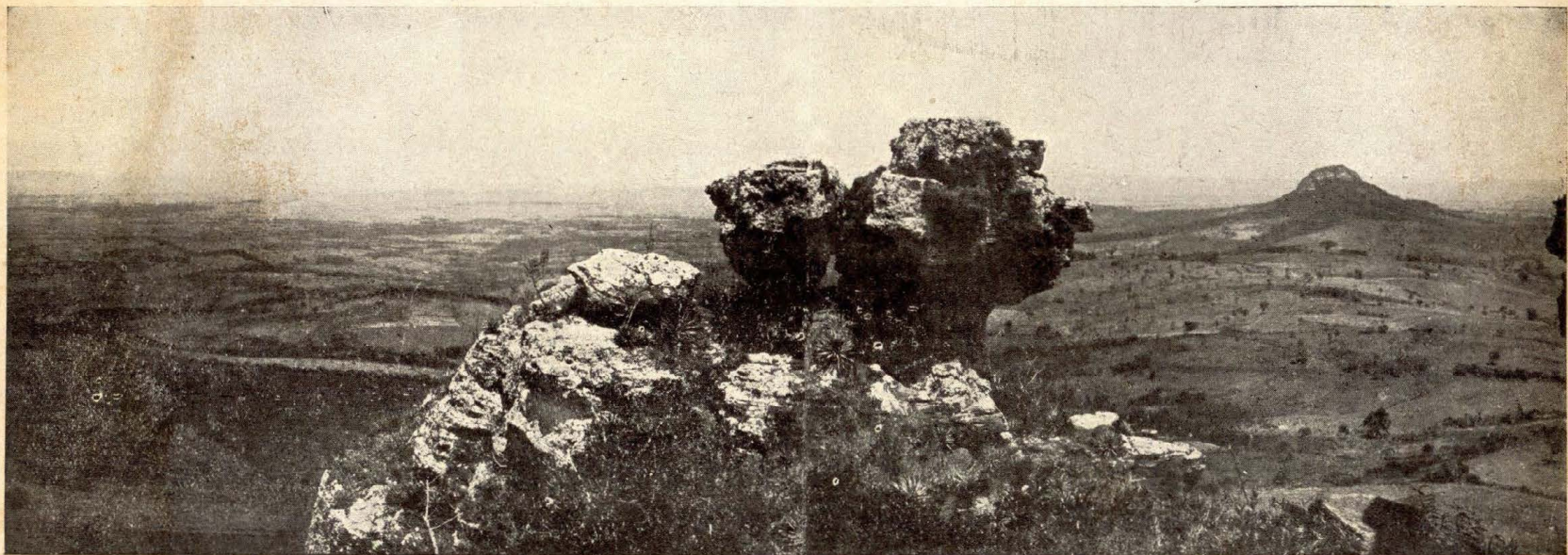
A zona alta é formada de um planalto, que tem a caracterizá-lo o facto de estar cortado, ao norte pelos vales dos rios Pelotas e Uruguai, correndo para a bacia do Prata, com orientação inicial de leste para o oeste e, depois, descrevendo uma grande curva para o sul, de modo a constituir limite natural com o Estado de Santa Catarina e República Argentina.

O planalto sul-riograndense tem maior elevação no oriente, próximo ao Oceano Atlântico, onde se observa uma encosta abrupta (na região dos municípios de Bom Jesús, Tôrres, São Francisco e Taquara); prolonga-se para o ocidente, em direcção à Republica Argentina, deixando observar fracas ondulações; na sub-zona limitada pelos rios Jacuí e Ibicuí deixa observar uma série de “morros isolados”, testemunhos sem dúvida da ação erosiva das águas de superfície.

E’ bem provável que, na época secundária, o planalto sul-riograndense atingisse maior extensão, prolongando-se para o território da actual República do Uruguai, em direcção sudoeste, uma vez que estão identificados, os terrenos situados ao sul do rio Ibicuí, como destroços do planalto primitivo, como é assegurado no estudo geológico da Serra do Caverá e Coxilha de Santa-Ana.

Em trabalho publicado pelo dr. Euzébio de Oliveira, encontramos as seguintes linhas: “Os picos isolados Barabé, Itapecí e outros que se vêm na passagem entre Cacequí e Alegrete, são simplesmente restos desta grande formação deixados pela erosão geral e conservados a uma altitude de 400 a 500 metros acima das planícies”.

No oriente, o planalto primitivo também ocupava maior área, atingindo provavelmente os actuais municípios de São Leopoldo, Novo Hamburgo, Montenegro e Encruzilhada, que deixam observar “cerros isolados”, com toponímia de “morro da Sapucaia”, de “Dois Irmãos”, de “Montenegro” e de “Morro Partido”, respectivamente situados nestes municípios.



Destroços do planalto: Morro das Cabras e Morro de Sapucaia (Fotografia oferecida pelo
prof. Walter Spalding)

O planalto sul-riograndense, denominado pelos estudiosos da geografia de “região serrana”, é limitado ao sul pelos vales dos rios Jacuí e Ibicuí, que cortam transversalmente a superfície do Estado, em direção rectilínea e sentidos opostos, o primeiro para o oriente e o segundo para o occidente.

No planalto sul-riograndense, também conhecido sob a nomenclatura de “zona de Cima da Serra do Rio Grande de São Pedro”, como se verifica de documentos do século XVII, devemos reconhecer a existência de quatro — *planuras* com pequenas ondulações, formando *campos* próprios para a criação de gados, pois são revestidos duma vegetação própria para forragem, oferecendo abrigo e água nos “*capões de mato*”, situados nas pequenas depressões.

Estas planuras são designadas pelos nomes seguintes:

1 — Planura de São Francisco de Paula, com situação mais oriental, limitada pela encosta da Serra Geral, pela Serra do Mar e Rio das Antas. Tem uma altitude variável de 800 a 950 metros; aí, estão situados os “campos de São Francisco de Paula”;

2 — A Planura de Vacaria é limitada pelos rios das Contas e Pelotas, Serra do Mar e rio das Antas. Tem altitude variável de 770 a 1080 metros.

3 — A Planura de Cruz Alta, compreendendo terrenos com altitudes variáveis entre 615 e 690 metros, abrangendo os “campos” de Soledade, Palmeira, Nonoai e parte occidental de Passo Fundo.

4 — A Planura das Missões, que se estende para o oeste, deixando observar os “campos das antigas Missões Jesuíticas”, com uma altitude máxima de 450 metros.

Nos terrenos que formam as quatro planuras sul-riograndenses, encontramos rochas características da serra mesozóica (secundária) e do período triássico, cobrindo as rochas do terreno arqueolítico, em grande espessura.

As rochas do sistema triássico são representadas aqui no planalto, pelos arenitos moles avermelhados (grés), quase sempre associadas às rochas eruptivas do tipo do diabásio e diorito, que se apresentam em diques ou lençóis; é que, durante a era secundária, os movimentos da crosta terrestre primitiva ocasionaram a inclusão de rochas eruptivas. Também, são encontradas rochas vizinhas dos traquitos e dos basaltos, isto é, rochas microlíticas, que demonstram ter existido alguns vulcões.

A flora e a fauna fósseis conhecidas levam aos geólogos a afirmação de que o território do planalto sul-riograndense pertenceu ao “continente Austral ou Terra Gondwana”, no período permiano, da época primária e, posteriormente, ao “continente africano-brasileiro”, na era secundária, o qual teve como limite geográfico a geo-sinclinal dos Andes, a oeste e, a leste a geo-sinclinal de Moçambique.

O continente africano-brasileiro era formado pelo Brasil e pela África, menos a região das montanhas do Atlas, alcançando a Arábia. (Vide Mineralogia e Geologia Tupi Caldas. Mapas das páginas — 272 - 284).

As rochas eruptivas desta zona apresentam uma estrutura amigdalóide, dando origem às diversas formas de geodes de calcedônia, de ágata e de quarzo; é esta, a formação característica da “bacia do Uruguai”, onde o solo é atualmente coberto de “terra-roxa”, resultante da decomposição de rochas eruptivas básicas (diabásios).

Ainda, sob o ponto de vista fisiográfico devemos considerar o planalto como dividido em duas bacias hidrográficas, de grande importância na fixação definitiva da sua topografia e mais condições distintas desta zona do do Estado do Rio Grande do Sul.

A bacia mais importante, sob o ponto de vista de limites naturais, é a do rio Uruguai que recebe rios, que correm para o septentrião e para o ocidente, em terras do nosso Estado.

O rio Uruguai nasce na Serra do Mar; resulta da confluência dos rios Canoas e Pelotas; tem como afluentes principais da margem esquerda os seguintes rios:

- 1 — Forquilha;
- 2 — Lajeado;
- 3 — Uruguai-Puitan;
- 3 — Guarita, também chamada Alberí;
- 5 — Cebolati, conhecido ainda pelo nome de “Rio Ferro”; modernamente é chamado rio Turvo;
- 6 — Santo Cristo;
- 7 — Comandá;
- 8 — Ijuí-Guaçu;
- 9 — Piratini;
- 10 — Ibicuí-Grande, formado pelo Ibicuí da Armada e o Santa Maria;
- 12 — Quaraí.

A segunda bacia é a do rio Jacuí, que drena tôdas as águas da parte oriental do Estado, limitada ao norte pelo paralelo de 28º,5 e ao oeste pelo meridiano de 54º.

A bacia do Jacuí, que constitue uma magnífica via de penetração civilizadora a partir da segunda metade do século XVIII, com a colonização portuguesa, ainda apresenta a mesma característica geográfica humana, pois aí florescem municípios de grande vida agrícola, onde se fixaram grande parte dos colonos alemães e italianos.

O divisor de águas destas duas bacias está situado nos terrenos circumvizinhos do município de Erechim, passando pela estação de Paiol Grande, na Estrada de Ferro de Santa Maria a Marcelino Ramos. É a partir desta região que o terreno começa a cair em leves declives, quase imperceptíveis ao primeiro golpe de vista, para facilitar a captação das correntes fluviais que vão ter às suas respectivas bacias.

Aos poucos as águas fluviais aumentam de volume, crescendo a sua ação de agente geológico externo, de modo que observamos a existência de vales, nos quais distinguimos três regiões: uma região superior, com o máximo de ação erosiva; uma região média, onde se realiza o transporte de materiais desagregados e uma terceira região, que podemos chamar inferior, na qual o material transportado se deposita.

A observação das margens dos rios destas bacias, bem como das encostas das montanhas próximas, nos dão a conhecer a existência de "matas", ricas de vegetação luxuriante, onde o homem criou a indústria da madeira, importante riqueza econômica do Estado.

O rio Jacuí, cujas águas vão lançar-se no Lago Guaíba, tem como tributários principais, à margem direita, o rio Vacacaí, e à margem esquerda o rio Taquarí, êste denominado nas suas cabeceiras de Rio das Antas.

Os rios Caí, dos Sinos e Gravataí, que também lançam suas águas no Lago Guaíba, nascem respectivamente, o primeiro nos banhados do planalto com o nome de "Lajeado de Santa Cruz", o segundo no município de Conceição do Arroio, com o nome de "arroio Dominga" e o terceiro vem do banhado de Chicolomão, situado nas Lombas, cerros que se levantam, como prolongamento da Serra do Mar, nos limites dos municípios de Conceição do Arroio e Viamão.

Os rios Caí e dos Sinos têm os seus álveolos situados entre cama-

das alternadas de diabásios e melafiro, bem como, de arenito vermelho. Querem, no entanto, alguns geólogos que as rochas encontradas nesta região do planalto sejam da classe dos andesitos, isto é, modificações do diabásio contendo hiperestênio (— silicato de ferro, do grupo dos enstatitos).

II.^a — ZONA BAIXA

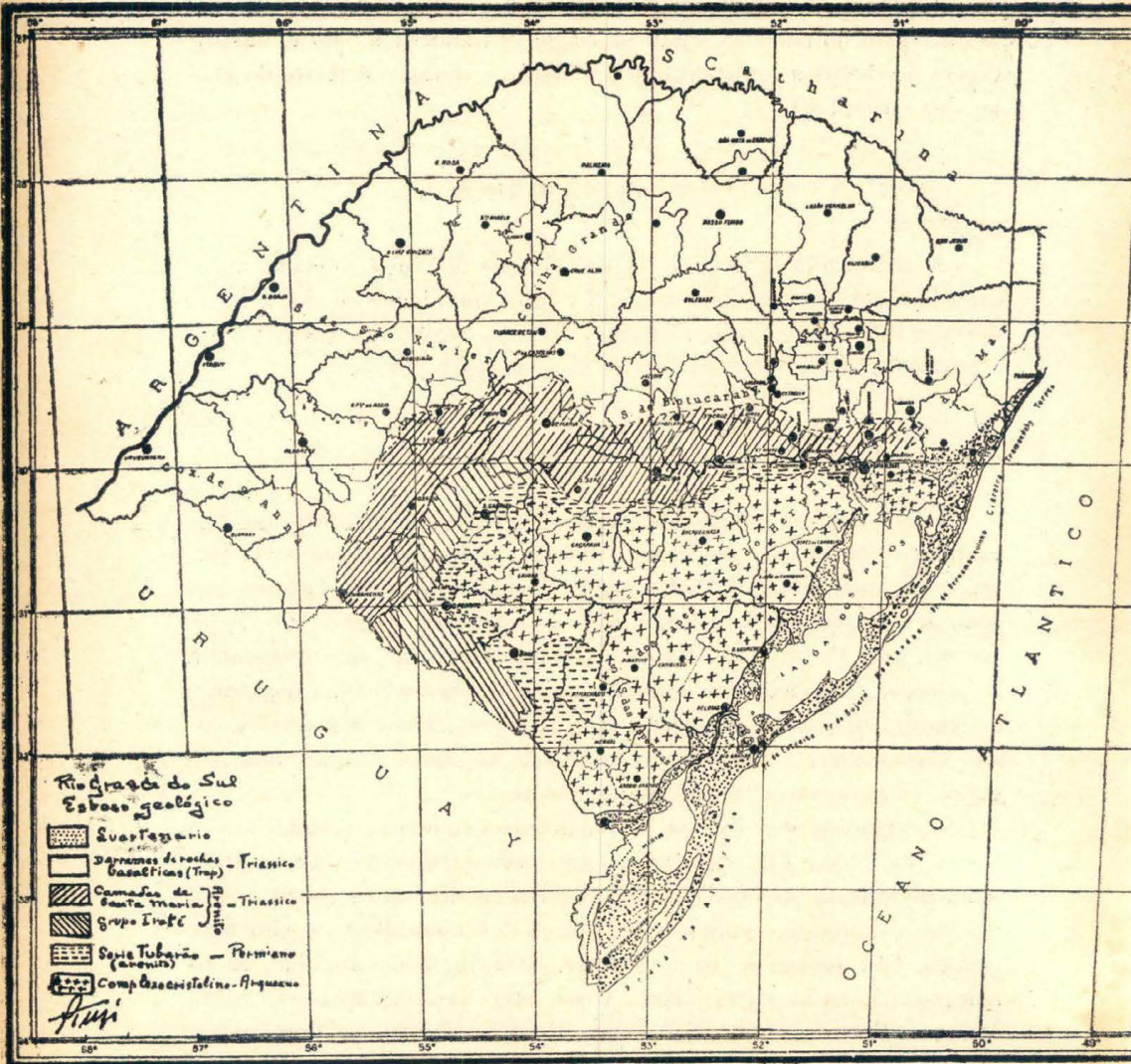
A zona baixa do Estado do Rio Grande do Sul é limitada, aproximadamente, pelo paralelo de 29°,5 e pelos meridianos de 50° a 55°,5, apresentando três regiões distintas: 1 — a região do maciço; 2 — a região da depressão transversal; 3 — a região litórea:

1 — *Região do maciço*

Denominamos “região do maciço” a parte do território sul-riograndense situada ao sudoeste e sudeste do Estado, abrangendo terrenos dos municípios de Pôrto Alegre, Viamão, Gravataí, Guaíba, São João de Camaquã, Encruzilhada, Pelotas, Cangussú, Piratini, São Sepé, Lavras, Don Pedrito, São Gabriel, Herval e Jaguarão, que apresentam no subsolo as rochas mais antigas, que se conhecem, como o granito, o sienito, o gneisse, o micaxisto, bem como, calcários dolomíticos, todas classificadas como características da formação arqueolítica, segundo ensinamentos de geólogos eminentes.

A região do maciço está perfeitamente delimitada, achando-se separada da “zona alta” pela “formação permo-triássica”, que se apresenta em situação de nível inferior, nas bordas do maciço voltadas para o norte e noroeste, ocupando territórios dos municípios de Gravataí, Guaíba, São Jerônimo, Santo Amaro, Triunfo, São Leopoldo, Montenegro, Venâncio Aires, Santa Cruz, Rio Pardo, Cachoeira, Santa Maria da Bôca do Monte, São Pedro, Rosário, Santana do Livramento, São Gabriel, Don Pedrito e Bagé

Admitida a hipótese do planalto sul-riograndense haver atingido, nas épocas primárias e secundárias, maior extensão para sudoeste, o que parece verosímil, dada a existência de sedimentos permotriássicos nos territórios dos municípios fronteiriços da Argentina e do Uruguai, chegando mesmo a atingir os arredores da cidade de Bagé, passando por



Esboço geológico do Rio Grande do Sul

Itaqui, Uruguaiana, Santana do Livramento, Quaraí, Rosário, Alegrete e São Gabriel, bem como o fato destes sedimentos serem encontrados nos municípios da parte central do Estado, como Santa Maria da Bôca do Monte, Cachoeira, e Rio Pardo, atingindo aos municípios de Guaíba e São Jerônimo, estes no vale do Jacuí, podemos afirmar que o “maciço sul-riograndense” se deve ter apresentado, após desnudação lenta, em época geológica mais recente, provavelmente na época terciária.

A região do maciço é caracterizada pela natureza de seu subsolo, que em pequena profundidade deixa observar as rochas cristalinas da crosta primitiva da Terra, as quais algumas vezes se apresentam mesmo à superfície do solo, como se observa em Pedras Altas ou nos arredores de Porto Alegre.

A região do maciço sul-riograndense foi estudada pelo geólogo brasileiro dr. Paulino Franco de Carvalho, que a denominou “escudo rio-grandense”.

Atualmente, os trabalhos de pesquisas realizadas pelo Serviço Geológico da República, permitem dar a conhecer, com relativa perfeição, a importância econômica da região do maciço, onde se encontram as riquezas minerais do nosso Estado.

E' nesta região que vamos encontrar as jazidas de *volframita* (tungstato de ferro e manganês), de *cassiterita* (óxido de estanho), de *mispiquel* (sulfeto de ferro e arsênio), de *calcopirita* (sulfeto de cobre e ferro), de *turmalinas* (silicato de alumínio e bório, contendo ainda sódio, potássio, cálcio, ferro e manganês como impurezas), de *oligisto* (sesquióxido de ferro), bem como de *ouro* e *prata*.

Para o ilustrado engenheiro dr. Euzébio Paulo de Oliveira, honrado diretor do Serviço Geológico da República, devemos as nossas homenagens pelo muito que fez, oferecendo aos estudiosos a mais completa coluna geológica do Estado do Rio Grande do Sul, no que foi auxiliado pelos reconhecimentos e pesquisas realizadas pelo dr. Paulino Franco de Carvalho.

Assim, sobre este maciço cristalino estão depositados terrenos mais novos, como os caracterizados na Estação Ibaré, nas cabeceiras do rio Vacacaí e na Serra dos Porongos, onde foram reconhecidos, respectivamente, as existências de *filitos*, *quarzitos*, *xistos* e *calcáreos*, pertencentes ao algonquiano.

Nesta região do maciço, na parte limitada pelo Camaquã do Hilá-

rio e o Camaquã Grande, foram estudadas diversas rochas sedimentárias, como o *arenito*, contendo mica; — o *folhelho argiloso*, diversamente colorido e de utilidade cerâmica; o *arenito ferruginoso*; o *conglomerado*, contendo seixos de tamanhos diversos.

Do estudo das relações estratigráficas concluíram os geólogos pela existência de uma “série discordante”, que foi denominada “*Série Camaquã*”, com origem anterior ao permiano.

Há existência de folhelhos argilosos e arenito branco na Serra de Santa Tecla, nos arredores de Bagé, como se pode observar ao norte e a leste da cidade, bem como, estas rochas são encontradas nos prolongamentos da serra, quando se orienta para sudeste, formando as Cochilhas de Olho d’água, da Bolena e do Baú.

Estas rochas cobrem os terrenos entre Bagé e Lavras, talvez numa espessura de sessenta metros, constituindo a “*Série de Santa Tecla*”, considerada pelo geólogo Karl Walther, ao serviço da República do Uruguai, como de idade cretácea.

Devemos informar que, a afirmativa do dr. Karl Walther, não é aceita por outros geólogos, que ao contrário, admitem que o *folhelho argiloso* e o *arenito branco*, concorrendo para a formação dos “taboleiros” do nordeste da cidade de Bagé, são do período triássico superior, podendo perfeitamente corresponder ao grupo do Rio do Rastro.

A zona do maciço, cuja altitude máxima pouco excede de quatrocentos metros, é conhecida pelo povo como “zona da campanha”. O sistema orográfico predominante é o da *Serra dos Tapes*, que apresenta ramificações gerais de (N. L. — S. W.) nordeste a sudoeste.

E’ a Serra dos Tapes que nos seus prolongamentos toma as diferentes denominações locais, como Serra da *Boa Vista*, ao norte da cidade de Pelotas, com formação geológica idêntica às montanhas da cidade do Rio de Janeiro, evidenciando que faz sistema com a Serra do Mar; *Serra das Asperesas*, situada à margem direita do rio Piratini; *Serra das Pedras Altas*; *Serra Partida*; *Serra do Velede*, bem como a oeste, destaca-se a *Serra do Caverá*, e os *Cerros de Carcávio* e da *Cruz*.

O exame hidrográfico da região do maciço deixa observar que a mesma apresenta cursos de água, com regime torrencial, das quais o mais importante é o rio Santa Maria, afluente do rio Ibicuí; o rio

Santa Maria nasce na Serra de Santa Tecla, tendo duzentos e quarenta quilômetros de curso.

O rio Camaquã, com mais de duzentos quilômetros de curso, somente é navegável até pouco acima de sua foz.

Como o mais importante rio, que nasce na região do maciço é o Ibicuí, que se vai lançar no Uruguai, tendo orientação geral para o ocidente, concorrendo para a formação da bacia do Prata, podemos neste fato fisiográfico reconhecer a unidade do fenômeno orognóstico da fase do Estado do Rio Grande do Sul, isto é, o maciço tem orientação monoclinal, semelhante à da Serra do Mar. E' a este fato orognóstico que devemos, ainda, a orientação dos rios Quaraí e Rio Negro, todos nascendo na região do maciço sul-riograndense e pertencentes à bacia argêntea.

De pontos diversos das ramificações da Serra de Santa Tecla descem os seguintes rios da bacia de leste: Herval, Jaguarão, São Miguel e Piratini, bem como, os arroios Pavão, Padre Doutor, Fragata, Santa Bárbara.

Todos os cursos d'água, citados no período anterior, lançam as suas águas na Lagoa Mirim.

Os rios Contagem, Correntes, Grande, São Lourenço, Caragua, Baltazar, Jacaré, Duro, Velhaco, Passo Grande são orientados para a Lagoa dos Patos, onde lançam as suas águas pela margem ocidental.

2 — Região da depressão transversal

Fixados os limites precisos da zona alta e da zona baixa do território do Estado do Rio Grande do Sul, fácil será ao observador reconhecer a existência de uma depressão transversal, com orientação aproximada à do paralelo de 30°, melhor à linha tronco da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, onde se deitam os trilhos da linha Porto Alegre — Santa Maria — Uruguiana.

Chamamos “depressão transversal”, porque a característica, desta parte da superfície da terra sul-riograndense, está no fato de ter-se originado numa colossal cuba sinclinal, outrora entulhada pelos sedimentos triássicos e, hoje após ações continuadas das águas fluviais, apresenta um abaixamento de nível tal, que é dominada pelos territórios vizinhos, tendo uma orientação de leste ao oeste.

A parte da “região da depressão transversal” que, no Estado do Rio Grande do Sul, fica localizada nos limites estreitos dos vales dos afluentes do Rio Jacuí, no seu curso médio, e aquelas do rebordo ocidental do maciço têm sido chamadas imprópriamente de “*pampa*”, numa suposta identidade com a *pampa* argentina.

A “região da depressão” é constituída de terrenos permianos, que foram estudados nas Minas de carvão de São Jerônimo e Arroio dos Ratos (vale do rio Jacuí), bem como, de terrenos do período mesozóico, nos municípios de Rio Pardo, Cachoeira e Santa Maria, atingindo o “*divortium aquarum*” dos rios que correm para a bacia do Uruguai, como o Santa Maria e o Ibicuí.

Não devemos esquecer que os territórios do Governo das Missões e da Província de Corrientes, na República Argentina, que fazem limites com o Rio Grande do Sul, têm um solo idêntico aos dos municípios brasileiros vizinhos, isto é, estão cobertos pela formação de São Bento, constituída de rochas eruptivas da Serra Geral (diabásio), arenito de Botucatu e arenito vermelho do rio do Rastro.

A região da “*pampa argentina*” situada mais ao sul, atingindo à Província de Buenos Aires, bem como para o ocidente e interior da República Argentina, está limitada ao norte pelo paralelo de 33° e no oriente pelo meridiano de 64°, toda coberta de “*loess*”, principal componente da formação pampeana. O “*loess*” é uma rocha pulverulenta, com aspecto de terra fina, com cor amarelada parda, de origem terrestre e em grande parte produto de decomposição eólica. Alguns autores admitem que o “*loess*” foi depositado no seio de águas de lagoas ou arrastado pelas águas correntes de épocas mais próximas.

O “*loess*” cobre a grande planura argentina, sendo acompanhado de um manto de “*humus*” ou terra vegetal, dando um solo fertilíssimo.

O aspecto do solo argentino, em Corrientes e Missões, é muito diferente do da “*pampa argentina*”. Nas Províncias argentinas, limítrofes com o Rio Grande do Sul, o solo é formado de produtos de decomposição da formação brasileira de São Bento, isto é, de destroços de diabásio, meláfiro e arenitos vermelhos, alterados profundamente, dando a “*terra-roxa*”, que os argentinos denominam “*lateritas*”.

A nossa “zona de depressão transversal” está situada entre os rebordos montanhosos do nosso território, com inclinações desiguais

e suaves para o leste e o oeste, na qual o relêvo do solo é menos elevado, atingindo altitude superior a pouco mais de 150 metros.

O fato mesmo, desta zona de depressão transversal, ser cortada pelos rios Jacuí e Ibicuí, nos seus cursos médios, com terrenos marginais ligeiramente ondulados, explica a facilidade de comunicação com o interior do Estado, desde a colonização açoriana e colonização lagunense, a par dos sucessos da indústria pastoril e da indústria agrícola.

Já, em 1909, o Barão Homem de Melo, escrevia: "O perfil das estradas de ferro estudadas no Rio Grande do Sul dá uma idéia exata do relêvo geral do solo, na parte baixa do Estado, ou região da coxilha".

3 — Região litórea

A terra sul-riograndense oferece ao oriente uma característica importante, qual seja, a de deixar observar uma extensa costa marítima, de trezentos e trinta e seis milhas, onde podemos estudar as formas de sedimentos de origem mecânica, como as praias, dunas, barras e bancos submarinhos, bem como, orientados pelos princípios de Limnografia, explicar a formação de nossos lagos e de nossas lagoas.

E' sabido que os depósitos mecânicos dos oceanos são realizados de modos diversos, no entanto, subordinados a uma das formas seguintes:

- a) praias;
- b) pontais;
- c) barras;
- d) restingas;
- e) bancos submarinhos;
- f) deltas.

Sem dúvida, na observação da zona litórea registamos a existência de pontais e restingas na longa costa sul-riograndense, que se prolonga desde a foz do rio Manpituba até a do arroio Chuí, com inflexão ligeiramente para sudoeste.

As praias sul-riograndenses devem ser consideradas como verdadeiras "praias barreiras", pois na sua configuração geral constituem

duas penínsulas de grande comprimento e de pequena largura, semelhantes a dois pontais separados pela barra do Rio Grande do Sul, outrora rio Grande de São Pedro do Sul, ou mais remotamente rio de São Pedro ou rio de S. Pero, que era a sua nomenclatura nos mapas do século XVI.

Provavelmente, as costas sul-riograndenses começaram a se formar, em tempos muito remotos, quando fixados os limites do maciço brasileiro (representado, no Estado, pela Serra do Mar e Serra Geral), apareceram os primeiros *baixios*, que recebendo as acumulações de sedimentos constituíram "*bancos de areias*", depois "*ilhas*" e finalmente as duas longas "*penínsulas*", que separaram as águas doces das águas salgadas.

Assim, atendendo aos ensinamentos modernos da Limnografia não podemos admitir que os *lagos* e *lagoas* da zona litórea tenham origem tectônica e, menos ainda uma origem em fenômeno de erosão e de corrosão ou possam ser classificadas como lagos de dissecamento e de evaporação.

As nossas lagoas e os nossos lagos costeiros devem ser classificados na categoria de "*lagos de barragem*", para cuja formação concorreram os bancos de areias, os cordões litorais e sem dúvida as dunas.

As *dunas* têm origem no dissecamento rápido das areias das praias, quando ficam descobertas em maré baixa, de maneira que as areias possam se deslocar sob a ação dos ventos, sendo atiradas pelas rajadas para o interior da praia.

Sem dúvida, pela mobilidade determinada pela ação eólica, as dunas podem invadir as lagoas e lagos costeiros, bem como, os rios e riachos, podendo mesmo aterrâ-los.

Em trabalhos publicados pelos srs. dr. Resende da Silva, nosso ilustrado confrade e dr. Paulino Franco de Carvalho, do Serviço Geológico da República, encontramos a informação seguinte: "No distrito de Taim, no município do Rio Grande, em 14 de novembro de 1878, desabou uma verdadeira avalanche, fazendo crescer rapidamente as águas das lagoas Flores e Cajuvá cerca de quatro metros acima do nível ordinário, ligando-as em alguns pontos com a Mirim, e cobrindo quase todo o terreno elevado que as divide.

Inúmeras foram as vítimas da inundação e enormes os prejuízos em gados, cavalos e carneiros, arrastadas na voragem.

O importante ⁽¹⁾ arroio Taim, ainda representado em algumas cartas geográficas, que partia da margem ocidental da lagoa das Flores, ligando-a com o Merim, depois de ter o seu leito atravancado de escolhos de toda a natureza, foi, nos dias seguintes à enchente, sepultado sob cômoros de areia, que o intenso sudoeste soprava sobre o álveo”.

Podemos, no entanto, declarar que o arroio Taim merece ser indicado nas cartas geográficas atuais; pois, segundo informações pessoais, colhidas por quem escreve as presentes linhas, o arroio Taim é atravessado a-pé enxuto somente no período da seca, no verão; nas épocas invernosas, depois das grandes chuvas, somente dá vau no “passo das Bananas”, conforme testemunho do digno cidadão Antônio Pereira Estrêla, fazendeiro na região; este mesmo informante, que é conhecedor a palmo da região, diz que, mesmo em certas enchentes, o lugar menos fundo é no interior da lagoa Mirim, nas proximidades da foz, onde se forma um baixio.

Em tempos anteriores, a extensão das nossas lagoas devia ser maior, sendo reduzida através das seqüências pelos sedimentos arrastados e depositados pelas correntes fluviais, que descem para elas, vindas da Serra do Mar, Serra Geral e Serra dos Tapes.

E’ bem provável que, no correr dos tempos geológicos vindouros, as nossas lagoas devam ficar completamente aterradas, pasando a terra firme, pois a existência de pontas e pontais, isto é, extensas línguas de terra prolongando-se da costa para dentro das águas, podem ser vistas nas lagoas Guaíba e Patos.

Na lagoa Guaíba notamos a ponta da Cadeia, que se prolonga para a “coroa do Bagre”, as pontas da Tristeza, Baleias, Grossa, Belém Novo, Pôrto Estácio e Fortaleza; na lagoa dos Patos observamos as pontas do Itapoã e Cristóvão Pereira, tôdas com orientação para ocidente.

Ainda na lagoa Guaíba encontramos as pontas denominadas da Ceroulas, Jacaré, Barra do Ribeiro, da Alegria, Figueira e Pedras Brancas com orientação geral para o oriente.

1) Onde fôra colocado um marco da fronteira portuguesa-castelhana, em obediência ao tratado de 1.º de Outubro de 1777 (Santo Ildefonso).

A lagoa ou melhor o *lago Guaíba* recebe as águas dos rios Jacuí, Caí, dos Sinos e Gravataí, os quais formam um verdadeiro *delta*, ao norte da cidade de Porto Alegre, deixando observar diversas ilhas aluviais, entre si, ligadas por canais.

Agora, se considerarmos que o lago Guaíba oferece tôdas as condições de um “poço de descanso”, para as águas fluvias nêle lançadas, fácil é compreender a formação do delta, pôsto que os materiais lodosos e seixos de diversos tamanhos vão se depositar no fundo, a começar na extremidade norte do lago.

Outrossim, foi registado o fenômeno de crescimento do território sul-riograndense, isto é, um avanço para dentro do oceano, alcançando de quatro a cinco metros em alguns pontos da costa, num período anual. As areias trazidas pelo oceano Atlântico e deslocamento de dunas subseqüentes comprovam a afirmativa de serem as nossas lagoas e lagos, da região ocidental, verdadeiros “lagos de barragem”.

O avanço da costa sul-rio-grandense, em direção para o mar, é mais assestado para o recôncavo de grande raio limitado entre o farol da barra do Rio Grande do Sul e o farol do Albardão.

Existem na região do litoral mais de sessenta lagoas; assim, no município de Tôrres a mais importante é a Itapeva, que banha território pertencente ao município de Conceição do Arroio; as outras, são denominadas Jacaré, Forno e Paula; o município de Conceição do Arroio possui trinta e seis lagoas, entre as quais podemos citar: — a dos Barros, Capivari, Cidreira, Estiva, Fortaleza, Itapeva, Negra, Palmitar, Pomba, Quintão, Rincão das Êguas e Chagas; no município de Gravataí, existe a lagoa de Santa Cruz; no município de São José do Norte, existem dez lagoas, da qual a mais importante é a dos Barros, acima citada, com extensão de quarenta quilômetros; no município do Rio Grande são localizadas as lagoas Caicivá, Flores, Jacaré e Mangueira (Albardão), esta última banhando terras do município, de Santa Vitória; no município de Pelotas, encontramos a lagoa do Fragata e, no município de Viamão a do Abreu.

A lagoa dos Patos tem comprimento de trezentos quilômetros, comunicando com a lagoa Mirim pelo canal do São Gonçalo, verdadeiro sangradouro, que oferece navegação franca em tôdas as estações do ano aos navios com seis metros de calado; quando o canal de São Gonçalo recebe as águas da Lagoa Mirim, local denominado “Sangradouro”, oferece na estação sêca uma profundidade mínima de trinta

e tres centímetros, o que obriga a um trabalho de dragagem contínua, para facilitar a navegação lacustre para Jaguarão e Santa Vitória. Na estação seca baixando as águas da lagoa Mirim ao seu nível mínimo e, conseqüentemente o abaixamento do nível do São Gonçalo, as águas da lagoa dos Patos são misturadas com as águas salgadas do canal do Rio Grande, determinando uma corrente em sentido contrário, que passando ao longo de seu álveo atinge a origem do canal de São Gonçalo, tornando salgadas as águas próximas da Lagoa Mirim.

Raras vezes se tem observado fenômeno análogo na lagoa dos Patos, quando as águas salgadas do canal do Rio Grande do Sul, dando entrada às águas do Oceano Atlântico, estas correntes aquosas atingem o canal de Itapoã.

Os terrenos pleistocênios estão perfeitamente representados nesta região oriental do Estado do Rio Grande do Sul, onde podemos observar rochas sedimentárias, com espessura superior a cem metros.

Segundo dados registados na Intendência Municipal de Pelotas, a sondagem realizada pelo geólogo dr. I. C. White, em 1856, constatou naquela cidade, o seguimento perfil transversal:

Camada de areia e argila	0, ^m 74
Camada de arenito, com fósseis	74, ^m 0 — 87, ^m 96
Camada de areia grossa, calhaus solados e granito decomposto	87, ^m 96 — 102, ^m 13

Assim, a formação da crosta primitiva foi constatada a cem metros de profundidade, no subsolo da cidade de Pelotas.

O dr. Paulino Franco de Carvalho, no ano de 1930, descobriu diversos fósseis num barranco situado à margem esquerda do arroio Piratini, afluente do São Gonçalo. Enviado o material descoberto ao dr. Matias Roxo, foi classificado como sendo exemplares de "Ostréa brasileira", isto é, de um molusco de grandes dimensões.

Esta jazida fossilífera está situada a sete metros acima do nível do mar e a mais de sessenta quilômetros da costa marítima, datando do pleistocênio — Tal fato parece testemunhar a retirada do mar (Oceano Atlântico) das regiões outrora submersas, fenômeno que se processou gradualmente e sincrônico a formação da costa, constituindo exemplo de "regressão marítima".

Na região litórea, principalmente na parte situada entre Tôrres

e Conceição do Arroio, foram reconhecidos e estudados diversos depósitos ou jazidas de conchas de moluscos, principalmente lame-librânquios e gastrópodos. Estes depósitos de conchas marinhas foram denominadas "sambaquís", pelos nossos estudiosos da arqueologia.

Os sambaquís, também, denominados "casqueiros", no Rio Grande do Sul, são simples amontoados de conchas de moluscos, depositadas pelas correntes marinhas sobre as praias, cobertas posteriormente pelas areias deslocadas pela ação dos ventos.

Certo, nos sambaquís são encontrados restos de materiais das tribus indígenas, que passaram ou viveram ao longo da costa brasileira. Não devem ser considerados como produto de um trabalho artificial dos ameríndios, como já foi demonstrado pelo dr. João Batista de Lacerda, Von Ihering e outros.

As jazidas de conchas, examinadas na costa sul-rio-grandense, dominam de nível as partes circunvizinhas das praias, daí haver quem admitisse a hipótese da existência, em época prehistórica, de um povo construtor de sambaquís. No entanto, quem examinar as nossas praias, entre o Rio Grande e o Chuí, encontrará para o interior da praia, numa distância de oitenta metros da orla atlântica, depósitos de conchas soterradas, constituindo terrenos pouco consolidados, que se abatem sobre pressão; estes *sambaquís soterrados, em nível inferior ao da praia*, contendo conchas da Ostréa Brasileira, Ostréa Virgínia e Ostréa Pulchenea, moluscos ainda representados na fauna marinha brasileira, confirmam a nossa convicção da origem natural dos casqueiros ou ostreiras.

Importa considerar que, no subsolo da cidade de Pelotas, em profundidade de mais de cem metros, foram encontradas conchas de Ostréa Brasileira, o que confirma a hipótese da regressão marinha do Oceano Atlântico, com a formação das nossas "praias barreiras".

CONCLUSÕES

I

A "face" do Estado do Rio Grande do Sul deixa observar um planalto, uma depressão transversal, um maciço cristalino e uma região litórea.

II

A diferença de altitudes entre o planalto e o maciço cristalino, dando origem a depressão transversal, é unicamente dividida a *erosão*

III

A fragmentação e desgastamento de um manto de sedimentos triássicos deixaram a descoberto o maciço cristalino e, ainda os nossos cerros isolados.

IV

Os rios sul-rio-grandenses têm regime torrencial; são rios novos, ainda não têm álveos definitivos.

V

As lagoas têm função reguladora no fenômeno de erosão. Tendo os nossos rios um regime torrencial, no seu curso superior, apresentam um regime normal depois de tê-las atravessado.

VI

As inundações, no Rio Grande do Sul, têm um caráter de regularidade, processando-se em abril a junho (outono) e de setembro a outubro (primavera).

VII

As populações marginais devem atender ao caráter de periodicidade das inundações para melhor defesa de sua economia, reconhecendo o benefício do "limo fértil" deixado sobre o solo.

VIII

As rochas cristalinas que formam o maciço sul-rio-grandense (terreno arqueolítico) estão amarrotadas como no norte do Brasil.

IX

As riquezas minerais do Rio Grande do Sul estão contidas nas rochas dos terrenos arqueolíticos (região do maciço).

X

No maciço sul-rio-grandense dormem as nossas jazidas de ouro, de prata, de cobre, de tungsteno, de mármore, de talco e de turmalinas.

XI

As nossas jazidas de carvão estão situadas na zona de depressão, acompanhando os rebordos do maciço, — no seio de rochas permianas.

XII

As rochas permianas sofreram fenômenos de metamorfismo, pela injeção de rochas eruptivas do tipo de diabásio.

XIII

As rochas do sistema triássico são arenitas moles avermelhadas (grés), quasi sempre associadas às rochas eruptivas do tipo de diabásio, que se apresentam em diques ou lençóis.

XIV

As rochas do tipo diabásio apresentam uma estrutura amigdalóide, contendo geodes de calcedônia, ágata, quarzo e zeólitos diversos.

XV

As "terras roxas" do planalto (bacia do Uruguai) resulta da decomposição das rochas eruptivas básicas (diabásio).

XVI

Os terrenos terciários não estão estudados no Rio Grande do Sul. No entanto, a paisagem geológica da região de Irai, onde foram encontrados fósseis (*Bunomastodon iraiensis*, de J. Tupi Caldas e *Cenerites*), leva a admitir a sua existência.

XVII

A existência da *Ostréa Brasiliana*, nos sedimentos costeiros, demonstra que as nossas praias foram formadas na época quaternária.

Praça Garibaldi 68

Pôrto Alegre

Janeiro — 1938

ANEXO

DADOS ALTIMETRICOS DAS SÉDES MUNICIPAIS E DOS RAMAIS FERROVIARIOS

QUADRO ALTIMÉTRICO DAS SEDES DOS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL — BRASIL

N.º de ordem	Nomes dos Municípios	Altitude em metros	N.º de ordem	Nomes dos Municípios	Altitude em metros
1	Alegrete	96	20	Estrêla	198
2	Alfredo Chaves.....	705	21	Farroupilha	766
3	Antônio Prado.....	770	22	Garibaldi	640
4	Arrôio do Meio.....	200	23	Getúlio Vargas.....	760
5	Arroio Grande.....	39	24	Gravataí	32
6	Bagé	214	25	Guaíba	4
7	Bento Gonçalves.....	675	26	Guaporé	720
8	Bom Jesús.....	1000	27	Herval	120
9	Caçapava	425	28	Ijuí	498
10	Cachoeira	125	29	Iraí	225
11	Candelária	160	30	Itaqui	66
12	Cangussú	420	31	Jacuí	740
13	Carasinho	592	32	Jaguarão	11
14	Caxias	760	33	Jaguarí	153
15	Cruz Alta	468	34	Júlio de Castilhos.....	507
16	Dom Pedrito	140	35	Lageados	199
17	Encantado	315	36	Lagóa Vermelha	805
18	Encruzilhada	420	37	Lavras	300
19	Erechim	768	38	Livramento	204

N.º de ordem	Nomes dos Municípios	Altitude em metros	N.º de ordem	Nomes dos Municípios	Altitude em metros
39	Montenegro	34	63	São Francisco de Assis..	125
40	Nova-Trento	710	64	São Francisco de Paula..	922
41	Osório	38	65	São Gabriel.....	125
42	Novo Hamburgo.....	35	66	São Jerônimo.....	30
43	Palmeira	578	67	São João de Camaquan..	38
44	Passo Fundo.....	670	68	São José do Norte.....	2
45	Pelotas	7	69	São Leopoldo.....	26
46	Pinheiro Machado.....	360	70	São Lourenço.....	25
47	Piratini	342	71	São Luiz Gonzaga.....	320
48	Pôrto Alegre.....	36	72	São Pedro.....	150
49	Prata	820	73	São Sebastião do Cai....	28
50	Quaraí	100	74	São Sepé.....	175
51	Rio Grande	3	75	São Vicente.....	118
52	Rio Pardo.....	53	76	Soledade	720
53	Rosário	130	77	Tapes	6
54	Santa Cruz	122	78	Taquara	29
55	Santa Maria.....	206	79	Taquari	76
56	Santa Rosa.....	300	80	Torres	66
57	Santa Vitória do Palmar.	6	81	Triunfo	45
58	Santiago	380	82	Tupaceretan	508
59	Santo Amaro.....	16	83	Uruguaiana	75
60	Santo Ângelo	306	84	Vacaria	980
61	Santo Antônio	57	85	Venâncio Aires	210
62	São Borja.....	99	86	Viamão	85

RAMAIS FERROVIÁRIOS DO RIO GRANDE DO SUL
EM 1938

Principal	—	Pôrto Alegre — Santa Maria — Uruguaiana.
A	—	Rio dos Sinos — Taquara — Canela.
B	—	Montenegro — Caxias.
C	—	Carlos Barbosa — Bento Gonçalves.
D	—	Couto — Santa Cruz.
E	—	Santa Maria — Marcelino Ramos.
F	—	Cruz Alta - Santo Ângelo - Pôrto Lucena (à concluir).
G	—	Dilermando de Aguiar — São Borja.
H	—	Rio Grande — Cacequí.
I	—	Entroncamento — Santana do Livramento.
J	—	Alegrete — Quaraí (à concluir).
K	—	São Sebastião — Dom Pedrito.
L	—	Basílio — Jaguarão.
M	—	Quaraim — Itaqui — São Borja.
N	—	Costa do Mar.
O	—	Pelotas — Fluvial.
P	—	Palmares — Osório.

OBSERVAÇÃO: 1) No ramal principal — Pôrto Alegre — Santa Maria existe a variante chamada da "Volta do Barreto", com as seguintes estações: Vasconcelos Jardim, Cai, Pôrto Batista, General Neto e Barreto Novo, cujos dados altimétricos não foi possível obter.

2) As *letras* indicam, quando juntas ao nome duma estação, a existência das "*agulhas*" que dão passagem para os ramaes secundários.

1.º QUADRO DAS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO
DO RIO GRANDE DO SUL

N.º de ordem	Ramal <i>Pôrto-Alegre - Uruguaiana</i>	Altitude em metros	N.º de ordem	Ramal <i>Pôrto-Alegre - Uruguaiana</i>	Altitude em metros
1	Pôrto Alegre	5	25	Arroio do Só	59
2	Gravataí	5	26	Colônia	76
3	Canôas	20	27	Santa Maria (E)	113
4	Sapucaia	32	28	Canabarro ¹⁾	130
5	São Leopoldo	10	29	Dilermando de Aguiar (G)	107
6	Rio dos Sinos (A)	9	30	São Lucas	95
7	Portão	46	31	Umbú	90
8	Capela	38	32	Cacequí (H)	89
9	Parecí	39	33	Entroncamento (I)	86
10	Montenegro (B)	13	34	Saícan	87
11	Fortaleza	33	35	Itapeví	85
12	Gil	41	36	Jacaquá	80
13	Barreto	15	37	Tigre	78
14	Ligação	23	38	Passo Novo	82
15	Santo Amaro	13	39	Palma	131
16	Monte Alegre	16	40	Alegrete (J)	92
17	João Rodrigues	16	41	Capivari	126
18	Couto (D)	29	42	Inhanduí	94
19	Rio Pardo	21	43	Guassú-Boi	116
20	Bexiga	27	44	Ibirocaí	75
21	Cachoeira	70	45	Plano Alto	121
22	Ferreira	32	46	Carumbé	115
23	Estiva	39	47	Pindaí-Merim	73
24	Restinga Sêca	44	48	Uruguaiana	70

NOTA 1) Situada no divisor de águas da bacia do Uruguai e da bacia do Jacuí.

2.º QUADRO DAS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO
DO RIO GRANDE DO SUL

N.º de ordem	(A) <i>Ramal de Rio dos Sinos — Taquara — Canela</i>	Altitude em metros	N.º de ordem	(A) <i>Ramal de Rio dos Sinos — Taquara — Canela</i>	Altitude em metros
1	Rio dos Sinos.....	9	9	Parobé	47
2	Novo Hamburgo.....	27	10	Taquara	28
3	Hamburgo Velho.....	57	11	Igrejinha	38
4	Campo Bom.....	23	12	Mundo Novo	56
5	Sapiranga	32	13	Sander ²⁾	66
6	Amaral Ribeiro.....	52	14	Várzea Grande	615
7	Nova Palmeira	41	15	Gramado	827
8	Campo Vicente.....	33	16	Canela	830

3.º QUADRO DAS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO
DO RIO GRANDE DO SUL

N.º de ordem	(B) <i>Ramal de Montenegro a Caxias</i>	Altitude em metros	N.º de ordem	(C) <i>Ramal de Carlos Barbosa — Bento Gonçalves</i>	Altitude em metros
1	Montenegro	14	1	Carlos Barbosa	679
2	Cafundó	18	2	Garibaldi	648
3	Vitória	27	3	Bento Gonçalves	686
4	Maratá	27	(D) <i>Ramal de Couto a Santa Cruz</i>		
5	Esperança	159			
6	Linha Bonita.....	371			
7	São Salvador.....	486			
8	Barão	650	(D) <i>Ramal de Couto a Santa Cruz</i>		
9	Carlos Barbosa *) (C)...	679			
10	Nova Sardenha	701	1	Couto	29
11	Nova Vicenza (Farroup.)	766	2	Santa Cruz.....	47
12	Forqueta	768			
13	Caxias	759			

NOTA 2) A partir da estação de Sander começa a subida da Serra, que é galgada numa extensão de 37 e meio quilômetros, numa diferença de altitude considerável.

*) De Carlos Barbosa parte, o pequeno ramal de 19 quilômetros, para Bento Gonçalves.

6.º, 7.º, 8.º e 9.º QUADROS DAS ESTAÇÕES DAS ESTRADAS DE FERRO DO RIO GRANDE DO SUL

N.º de ordem	(H) <i>Ramal do Rio Grande a Cacequí</i>	Altitude em metros	N.º de ordem	(I) <i>Ramal de Entroncamento a Santana do Livramento</i>	Altitude em metros
1	Marítima	2	1	Entroncamento	87
2	Rio Grande.....	3	2	São Simão.....	89
3	Junção (N)	3	3	Côrte	94
4	Quinta	7	4	Rosário	114
5	Pôrto-Novo	15	5	Guará	113
6	Pelotas (O)	4	6	Santa Rita.....	167
7	Teodósio	17	7	Porteirinhas	126
8	Capão do Leão.....	27	8	Palomas	186
9	Passo das Pedras.....	29	9	Santana	184
10	Cerrito	26	(K) <i>Ramal de São Sebastião, a Dom Pedrito</i>		
11	Piratini	27			
12	Basilio	50			
13	Herval	63			
14	Cerro Chato.....	99			
15	Nascente	188	(J) <i>Ramal de Alegrete a Quaraí</i>		
16	Pedras Altas.....	368			
17	Candiota	192			
18	Santa Rosa.....	192			
19	Rio Negro.....	181	1	São Sebastião.....	381
20	Santo Antônio.....	180	2	Vauthier	236
21	Industrial	176	3	Leões	251
22	Santa Tereza.....	178	4	D. Pedrito.....	138
23	Bagé	209	(J) <i>Ramal de Alegrete a Quaraí</i>		
24	S. Martins	273			
25	S. Domingos.....	307			
26	S. Sebastião (K)	381			
27	Três Estradas.....	358			
28	Ibaré	193			
29	Suspiro	161			
30	Vacacaí	107			
31	Passo do Pinto.....	96			
32	São Gabriel	109			
33	Gabrielense	98	1	Alegrete	92
34	Bela Vista.....	150	2	Vasco Alves.....	184
35	Azevedo Sodré.....	101	3	Rivadavia Corrêa	191
36	Cacequí	89	4	Severino Ribeiro.....	199
			5	Baltazar Brum.....	1
			6	João Marcelino.....	
			7	Mancarão	

1) Inauguradas em 1937.

10.º, 11.º, 12.º, 13.º e 14.º QUADROS DAS ESTAÇÕES DAS
ESTRADAS DE FERRO DO RIO GRANDE DO SUL

N.º de ordem	(L) <i>Ramal Basílio - Jaguarão</i>	Altitude em metros	N.º de ordem	(N) <i>Ramal Costa do Mar</i>	Altitude em metros
1	Basílio	50	1	Junção	3
2	Carvalho de Freitas.....	73	2	Vieira	2
3	Airosa Galvão.....	200	3	Senandes	2
4	Visconde de Mauá.....	80	4	Bolaxa	2
5	Herculano de Freitas.....	?	5	Vila Siqueira.....	2
6	Joaquim Caetano.....	?			
7	Presidente Barbosa.....	?		(O) <i>Ramal Pelotas - Fluvial</i>	
8	Jaguarão	?			
	(M) <i>Ramal de Quaraim - Itaqui - São Borja</i>		1	Pelotas	3,54
			2	Fluvial	3,22
				(P) <i>Ramal de Palmares a Osório</i>	
1	Quaraim (Cais)	71	1	Palmares	4
2	Quaraim	81	2	Rancho Velho	8
3	Guterres	118	3	Passinhos	26
4	Umbú	113	4	Osório (ant. C. do Arroio)	13
5	Itapitocaí	56			
6	Uruguaiana	106			
7	Imbaá	113			
8	Toro Passo.....	96			
9	Braz	102			
10	Las Rosas.....	110			
11	Ibicuí	94			
12	Charqueadas	98			
13	Itaqui	94			
14	Cambaí	100			
15	Tuparaí	123			
16	Sociedade	110			
17	Recreio	130			
18	Boróro	151			
19	Quilômetro 277.....	128			
20	São Borja.....	118			

Origens da Raça Mediterrânea Ocidental

Pelo cap. Henrique Oscar Wiederspahn

Quantas afirmativas errôneas seriam evitadas se os que tratam dos assuntos raciais brasileiros considerassem, como Mendes Corrêa, que “a determinação da origem e dos movimentos de um povo exige, por conseguinte, uma tarefa preliminar de especificação das variações do condicionalismo físico e de triagem entre os antigos habitantes e os atuais, quer dizer, uma separação nítida de tôdas as estratificações étnicas existentes na área estudada. E’ preciso isolar o que Morgan chama os distritos de sobrevivência, as regiões em que a vida se conservou sem interrupção e das quais as ondas de povoamento secundárias teriam partido. Não se deve entretanto confundir estes povoaamentos com a dispersão primitiva das remotas tribus paleolíticas, talvez menos intensa do que as migrações neolíticas seguintes.”

Este é o trabalho insano que encontramos ao tratar dos prováveis e dos comprovados formadores da primitiva raça mediterrânea ocidental, animadora e obreira da cultura e da civilização de seu nome. Sobrepondo-se seus troncos mais selecionados às estratificações primitivas, habitantes pre-históricos de origem vária, os elementos mediterrâneos predominaram desde as Ilhas Britânicas, a França e a Ibéria neolíticas, espalhando-se pelo litoral do mar Mediterrâneo até se cristalizar, no transcorrer dos séculos, nas artes e cultura pre-históricas que parcialmente assinalaram as dos egípcios, norteafricanos, etruscos e da Grécia prehelênica.

Sobre a formação desta raça e de sua obra cultural devemos ao arqueólogo Schuchhardt ⁽¹⁾ um dos melhores trabalhos modernos. Mostrou seu desenvolver pela seleção cósmica, antropológica e psíquica na formação e orientação da mentalidade característica daquela raça. Escreveu Schuchhardt que não de Leste, como em geral se quer crer, e sim de Oeste, da antiga civilização paleolítica da França e da Espanha, recebeu o mar Mediterrâneo o impulso para o seu desenvolver. Tal se prova nas obras da construção de moradias e túmulos, na escultura, na confecção de utensílios e na cerâmica. As camadas culturais mais remotas estão localizadas no Mediterrâneo ocidental e daí a importância dos estudos, de Mendes Corrêa para a marcha dos mediterrâneos. As estações mais adiantadas, na sua fase culminante, se desenvolveram, em regra, no ciclo de Micenas.

Foi Sergi quem denominou este grupo racial de *mediterrâneo* e Guenther, um dos mais destacados na moderna antroposociologia europeia ⁽²⁾, preferiu a designação de *occidental* para ligá-lo mais aos seus atuais descendentes. Nos dias de hoje alguns antropólogos, como Ripley, procuram caracterizar na mesma raça mediterrânea, duas sub-raças, a *ibero-insular* de estatura média, bruna e dolicocefala e a *atlanto-mediterrânea* de maior estatura, bruna e mais mesocéfala que dolicoide. As semelhanças existentes entre ambas, nos habitantes da Ibéria, Sul e Oeste da França, da Itália, das ilhas mediterrâneas e das regiões nortafricanas de Tunis ao Atlântico dão mais razão a Sergi e Guenther.

Acham-se ligados aos povos cimóticos dolicoídes da classificação do inglês Haddon ⁽³⁾ de coloração bruna e cujas migrações acusam

⁽¹⁾ — K. Schuchhardt — *Alteuropa* — Eine Vorgeschichte unseres Erdteils — 2.^a ed. — Leipzig, 1926.

⁽²⁾ — Hans F. K. Guenther — *Rassenkunde Europas* — 3.^a edição — Munich, 1929.

id. — *Rassenkunde des deutschen Volkes* — 18.^a edição — Munich, 1934.

id. — *Rassenkunde des juedischen Volkes* — 2.^a edição — Munich, 1930.

⁽³⁾ — A. C. Haddon — *Les races humaines et leur répartition géographique*. Trad. van Gennep. Paris, 1930.

uma marcha do Oriente, onde os tipos étnicos mais remotos parecem ser os pre-drávidas da Indo-China e os pre-australóides da Malásia. Seus traços surgem entre os indonésios brunos ainda não mongolizados e evoluídos já entre os drávidas do Hindostão, entre as populações hamitas e no sangue dos indo-afgãs. Menos brunos tornam a aparecer entre os hodiernos persas, semitas, berberes e mediterrâneos. Suas primeiras vagas penetraram nas terras européias de Oeste, em pleno ciclo Cro-magnon, no paleolítico superior com os tipos raciais ditos de Combe Capelle, portadores de um ciclo cultural de pequenos sílex que tomou o nome de sebiliense no Egito, capsense da África do Noroeste à Ibéria e tardenoiense na França.

Há uma ligação remota entre estas culturas que penetraram na Ibéria, na Itália, e no Sul da França e em outras terras no chamado paleolítico superior e as anteriores chelense, arqueulense e mustierense do ciclo neandertalóide e as do aurignacense, provenientes de uma origem afastada comum. As regiões portuguesas poucos vestígios apresentam de haver seu paleolítico superior acompanhado as novas influências culturais, pois se acha fora da linha de trânsito afro-europeia. Nesta época se desenvolvia de maneira notável a cultura franco-cantábrica, evoluída do madalenense, que se estendia das Astúrias até a Galiza, cujas estações principais na França do Sudoeste, nos Pireneus e na Espanha do Norte atestam a herança das migrações marítimas Cro-Magnons dos primeiros elementos Chancelade, vindos das regiões sub-árticas. Do encontro da obra cultural do ciclo Cro-magnon, dominante das ilhas Canárias até o vale do Elba e do Nilo, aproximadamente, com a cultura capsense que começava a penetrar na Ibéria pelo estreito, levada por novas ondas étnicas norte-africanas, iria se desenvolver uma brilhante fase cultural, o ciclo mediterrâneo.

O capsense tomou seu nome de uma estação paleolítica superior dos arredores de Túnis, derivado de Gafsa, e apresenta tendências iniciais bastante próximas do aurignacense. Teve seu período mais característico no centro, Sul e Leste da Espanha até a região do Ebro e no chamado epipaleolítico seus traços culturais foram levadas pela Europa toda com uma verdadeira invasão que se alastrou "em direções revelando-se no tardenoiense francês, no tardenoiense das Ilhas Britânicas, na vaga influência tardenoiense sobre o maglemosiense nórdico, no azilense de Ofnet (Baviera), na Itália, na Bélgica, na

Rússia, etc. A indústria de sílices pigmeus e geométricos aparece fora da Europa e da África, na Síria, na Índia, na própria Austrália.” (4)

Ante estas invasões norte-africanas os descendentes dos Cro-magnon e aurignacenses do período madalenense europeu se viram aniquilados, submetidos ou então se refugiaram em abrigos escassos onde nunca mais sua cultura pôde volver ao brilho anterior. As grandesavas haviam seguido a rena, em suas caçadas, para o Norte, acompanhando os limites meridionais dos gelos. Entre os submetidos e os vencedores capsenses em choque cultural surgiu o ciclo aziliense, sem as formas típicas e o brilho do madalense. Embora naturalista a inferioridade da arte capsense vai se acentuando, como refere Mendes Corrêa, cada vez mais e no neolítico é apenas “uma verdadeira degenerescência do sentimento estético, equivalente à do exagerado simbolismo e do cubismo dos nossos tempos.”

A respeito dos tipos raciais portadores destas avançadas se tem procurado identificá-los com os aurignacense de Combe Capelle, o negróide de Grimaldi, o dolicoide do capsense final de Muge e um suposto proto-vedaico, dos quais iria surgir o *proto-mediterrâneo Baumes-Chandes*. Também os achados da estação azilense de Ofnet, na Baviera Oriental, apresentam traços dos hodiernos mediterrâneos pela face alongada, parecida em parte com o tardenoisense dolicocefalo de Muge, no vale português do Tejo, com poucos braquioides numa maioria dolicocefala, conforme os *Kjoekkenmoeddings* ou restos de cozinha estreminhos.

Este homem fóssil de Muge foi denominado por Mendes Corrêa de *homo afer taganus var.* E incluído nas raças inferiores com os negróides e australóides. De tendências mesossínicas, era este tipo dolicoide, de estatura baixa, arcadas supraciliares desenvolvidas, fronte por vezes inclinada, crânio alto e de fraca capacidade, achatamento posterior da região parieto-occipital, face moderadamente alongada, órbitas em geral baixas e acentuado prognatismo. Deveriam estes selvagens do Muge ser populações pacíficas, sedentárias, miseráveis, vivendo da caça e da pesca, num grande atraso cultural e, como expõe Mendes Corrêa, “estavam longe de conhecer os requintes da civi-

(4) — Mendes Corrêa — *Os povos primitivos da Lusitânia* — Geografia, Antropologia — Porto, 1924.

lização madalenense, sua antecessora.” Seus restos de cozinha tem afinidades com os abrigos dos arredores de Gafsa, de certas estações da Sicília, da Espanha meridional e assim sua civilização é de origem mediterrâneo-meridional. A cerâmica destes tejanos era quase sempre grosseira, sem ornatos ou então muito simples, sem asas, feita a mão e sem a roda do moleiro. As atividades industriais se restringiam ao sílex. Atribuem-no cultos da lua, do sol, do mar, dos animais, dos espíritos e dos mortos, num verdadeiro feitichismo terrorista equatorial. ⁽⁵⁾

Os braquióides que aparecem nas estações de Mugem e seu correlato bávaro de Ofnet fazem crer numa corrente migratório dolicoíde com numerosos braquióides ao longo da costa setentrional da África, enquanto outra, mais forte em braquióides avançava pelo vale danubiano até a Europa Central onde sua passagem se balisou na Baviera oriental. Estes braquicéfalos vieram da Ásia, através do núcleo anatólio de seleção armenóide, e de lá “teriam passado ao Norte da África e, agregando-se a populações dolicocefalas, teriam, pela costa africana, trazido o seu atraso cultural até ao extremo ocidental da Europa”, como afirma Mendes Corrêa. Correspondem à primeira invasão braquióide na Europa, podendo pois remontar ao mesolítico.

No limite oriental da expansão dos proto-mediterrâneos mais caracterizados, na região palestiniiana do Geser, surgira no período paleolítico desta, entre 5.000 e 2.500 A. C., uma população de baixa estatura e pouco dolicoíde que Christian classificou entre os de raça mediterrânea. Eram estes geserianos prehistóricos lavradores e empregavam em seu comércio e em seu culto os suínos. Embora cremassem seus mortos, não devem ser confundidos por isto com os nórdicos que somente mais tarde passaram a êste uso funerário. Nada tem ainda que ver estes geserianos com os troncos dos povos semitas, ocupantes posteriores de terras palestiniianas.

Entre os restos de cozinha estremenhos, em Portugal, aparecem posteriormente tipos que se identificaram com a chamada *raça de Baume-Chandes*, de nariz alongado e estreito, de fronte vertical ou quase vertical e de grande capacidade craniana. É no Baume-Chandes

(5) — Mendes Corrêa — *Raça e Nacionalidade* — Pôrto, 1919 — Páginas 41 a 49.

dolicocéfalo que se pretende ver o tronco da raça mediterrânea hodierna, pois Mendes Corrêa assinala de maneira notável sua semelhança com o tipo médio português popular dos nossos dias. Assim se procedeu a seleção natural e psíquica que nas regiões ibéricas do Oeste e do Nordeste e Sul de França veio eliminando aos poucos e quase inteiramente o *homo taganus*, embora sua estratificação possa ser verificada em diversas regiões de Portugal e Espanha. Na formação da raça mediterrânea Giuffrida-Ruggeri aventou mesmo a possibilidade da origem daquela da seleção de tipos protoetiópicos por sobre um proto-nórdico.

Constituindo a Ibéria uma região de trânsito da África para a Europa, não possuiu nunca homogeneidade antropológica, nem psíquica notáveis. Assim se desenvolveu no centro da península a cultura das cavernas com sua cerâmica ornamentada e de vaso campaniforme onde os tipos mediterrâneos se acham mais mesclados com os tipos braquióides vindos desde o capsense mesolítico. Ao Sudeste nova onda norte-africana vem afluir de Alméria para a Andaluzia e para a Catalunha, para onde iria levar o seu adiantamento cultural metalúrgico. Enquanto estes penetram, com alguns espécimes mais ou menos negróides, pela região de Alméria, os dolicocéfalos do tipo de Baume-Chandes refluíam pela região pirenaica sobre a Catalunha e as terras ocidentais e galegas onde exerceram grande domínio. Podem ser consideradas os verdadeiros iniciadores do neolítico ibérico, pois trouxeram consigo a pedra polida, a agricultura de enchada, a domesticação de animais e os rudimentos da modelação cerâmica. Este refluxo era uma consequência bem nítida das penetrações que a França começava a sofrer pelas gargantas alpinas de elementos braquióides. Data de então o desenvolver do tipo mediterrâneo como elemento predominante nas culturas neolíticas ocidentais, donde irradiaria o ciclo mediterrâneo cultural até atingir as fases mais adiantadas micênicas. E dêste mal, isto é dos fluxos constantes de etnias diversas que perturbaram a homogeneidade cultural e espiritual da raça mediterrânea num ritmo uniforme, provêm as qualidades dispersivas e um tanto indisciplinadas dos seus representantes modernos no Sul da Europa, representantes estes conhecidos parcialmente pela designação errada de latinos, designação de origem linguística apenas e não de sangue.

Impulsionados pelos ditames das antigas migrações Cro-magnon se desenvolveu de Portugal e da Bretanha para Leste a chamada cul-

tura megalítica com os seus dólmens, símbolos da difusão de uma mística religiosa trazida pelos marítimos atlantes e caracterizada como um dos primeiros grandes movimentos espirituais de salvação de que se tem indícios. Seus mistérios perderam-se a-pesar-de tudo o que os grandes colégios teocráticos egípcios, região de influência daquela mística prehistórica, conseguiram guardar, mas os seus ditames morais vivem até nossos dias através de tôdas as crenças e religiões espiritualistas e de caráter da mística masculina e solar. Estes dolomitas podem ser acompanhados das costas bretãs para a Irlanda, Inglaterra, Escócia, Holanda, rio Oder, Alemanha do Norte, Dinamarca, Escandinávia do Sul e litoral báltico, e de Portugal pela Ibéria, França do Sul, Córseica, Etrúria, Otranto, Bulgária, Criméia, Cáucaso, Pérsia do Norte, Índia e mesmo a Coréia e do Sul da Ibéria para a África do Norte do alto bronze, Tripolitânia, Baixo Egito, Palestina e Síria. Todos os indícios atribuem estas obras megalíticas, dólmens e menhires, aos mestres do ciclo Cro-magnon com influxos mediterrâneo e mesmo protenórdicos, como um grande movimento de unidade religiosa que pode nos conduzir ao centro de difusão cultural subártico, talvez do Labrador norteamericano, contido êste movimento nas explanações feitas pelo simbolismo do “Quarto Império” de Gustavo Barroso, nos ensaios cultural-raciais do alemão báltico Alfredo Rosenberg e no esoterismo de Schuré.

Estes dólmens evoluíram para os sepulcros de falsa cúpula que devem ser considerados como as mais remotas manifestações ibéricas dos túmulos reais da acrópole de Micenas. Prossegue na idade do bronze evoluindo para a forma de caixa quadrangular de pedra, com tampa do mesmo material e sem a abertura lateral dos dólmens. No Egito se transformaram nas pirâmides sepulcrais e nos obeliscos e nas Índias nos típicos templos monolíticos e suntuosamente de forma piramidal ou cônica. Não serão os monólitos polinésios e os da ilha da Páscoa e também as pirâmides solares do Jucatan os reflexos mais longínquos dêste movimento irradiante das partes bóreas da América com as expansões marítimas dos mestres cultural-religiosos do Cro-magnon primeiro e do Chancelade depois?

Schuchhardt admite o início do uso do bronze aos povos da raça mediterrânea estabelecidos em Comwall, na Inglaterra, região onde até hoje há predominância de traços raciais daquela e um dos poucos lugares de co-existência próxima de minérios de zinco e cobre. Para o

espanhol Bosch-Gimpera foram os povos norte-africanos da Alméria que desenvolveram em seus núcleos mais rapidamente os progressos metalúrgicos, substituindo a pedra pelo metal no período correspondente a 3.000 A. C. É provável terem levado consigo os bens culturais das levas nórdicas dólico-louras que em 6.000 A. C. haviam avançado do litoral atlântico africano até os confins da Arábia pétrea. São os antepassados líbios que até hoje deixaram seus traços físicos e psíquicos entre os mouros guerreiros e alourados. Os mesmos povos da Alméria levaram para o Sul da Itália, Sicília, Malta, Sardenha e as Baleares os traços culturais e usos que passariam a constituir a cultura mediterrânea ocidental a partir do final do neolítico. São estes povos que iriam dar importante parcela de sangue na constituição dos chamados íberos, povos de supremacia mediterrânea. Também os povos lígures receberam correntes étnicas da Alméria.

Os refluxos dos proto-mediterrâneos Baume-Chandes dalém Pirenéus trouxeram usos adotados dos braquióides que invadiram em grandes levas a França montanhosa no início do bronze, como o dos estacionamentos fortificados circulares e situados nas elevações. Era um imperativo da penetração insidiosa dos braquicéfalos entre povos de maioria mediterrânea e de quem receberam quase toda bagagem cultural nas zonas palafitas da Europa Central. As influências norte-africanas ou equatoriais surgem nos usos funerários de inumação dos mortos em posição acorçada, onde o rito incinerado da mística dolomita não fizera dominar aqueles usos ancestrais. Assim a avançada étnica e cultural do ocidente mediterrâneo foi levando às camadas submetidas o emprêgo das casas redondas em volta de um pátio interior, origem do *domus romanus*, dos mausoléus e dos túmulos redondos, cultos colunares conseqüentes da deturpação feitichista-materialista das crenças dolomitas, esperança numa vida futura feliz e independente do modo de viver nesta terra. Estes traços culturais podem ser acompanhados arqueologicamente desde a Escócia até as primeiras camadas de Tróia e são a evolução no âmbito hispânico do concurso franco-cantábrico, do azilense-tardenoisense, dos diversos capsenses com as diversas interferências de ciclos locais primitivos ou asiáticos das levas braquióides de origem armenóide e anatólia.

A-pesar-da propagação dos usos metalúrgicos do cobre levadas ao ocidente pelos povos de Alméria e de um novo ciclo, o de El Agar, o bronze ibérico teve desenvolvimento próprio e livre de influências es-

tranhas a partir de 2.500 A. C. Espalhado o trabalho do bronze pela França e Espanha, esta foi se tornando um verdadeiro empório produtor e exportador de utensílios e armas bastonadas, pois desde então a riqueza dos dois metais do bronze era fartamente explorada. Seus vestígios são encontrados em utensílios das escavações feitas na Alemanha e só mais tarde, ao surto do gládio, é que o punhal-bastão perdeu sua preponderância comercial.

Caminhos de intercâmbio existiam desde a era neolítica entre as terras francesas e ibéricas e o Sul da Inglaterra, principalmente da foz do Loire à Irlanda. Esta ilha parece haver recebido forte influência de Portugal pré-histórico, provado pela potonomia e designação de tribus e povos daquela. Para Fleure ⁽⁶⁾ as populações brunas da Inglaterra pertencem ao tronco mediterrâneo. Seus traços culturais se evidenciam de maneira notável nas descobertas arqueológicas de 1934 e 1935 na localidade irlandesa de Bush, onde um complexo único de fortes circulares e trincheiras datando do período do médio e novo bronze, com os primeiros influxos da cultura nórdico-céltica de La Tène, foram o feliz sucesso dos esforços conjugados das Obras Públicas do Estado Livre Irlandês e do Museu Nacional de Dublin. ⁽⁷⁾

A estes caminhos devemos acrescentar os inevitáveis que desde longínquas eras ligavam por mar e terra o Báltico e Mediterrâneo que no neolítico eram percorridos pelos negociantes do âmbar, resina fóssil das grandes florestas de pinhos antigos. Completavam-se pelos da zona das estepes da Mongólia ao Turquestão e ao Cáucaso, do país dos Kirghiz à bacia do Danúbio e daquele à planície polonesa. Assim vemos o uso do cobre vir das Índias para a Mesopotâmia e daí irradiar pelo Mediterrâneo até a Ibéria através da cultura líbio-egípcia e pela Europa Central através da Hungria até a Suíça. Este ciclo abrange o período de 2300 a 2100 A. C. e se espalhou pela bacia mediterrânea após a expulsão dos líbios do Egito pelo rei Menes.

Ao nos referirmos aos achados de Mugem e Ofnet mencionamos

⁽⁶⁾ — H. G. Fleure — *The peoples of Europe* — Londres, 1922.

⁽⁷⁾ — Sean P. O'Riordain — *A Unique Complex of Bronze Age Irish Ling-Forts* — New discoveries of unusual interest, at Cush, in County Limerick — *The Illustrated London News*, 14 Dec. 1935.

já o primeiro fluxo migratório mesolítico dos povos braquióides na generalidade dolicocefala das diversas raças paleolíticas européias e da região atlante da África ocidental que caldeavam a raça mediterrânea de tipos proto-etiópicos com tipos proto-nordicos dentro do proto-mediterrâneo Baume-Chandes. Como Mendes Corrêa, também Guenther afirma não possuírem então ciclo cultural próprio e sim terem assimilado as civilizações dos povos sob cujo domínio se achavam, ora apresentando adaptações, mais ou menos grotescas, mediterrâneas ora nórdicas ora mesopotâmias. Foi seu segundo empuxo no neolítico que aos poucos obrigou os proto-mediterrâneos a refluir sobre as regiões pirenaicas dando assim origem ao âmbito favorável à cultura ibérica, mas separou da lusitana a cultura megalita bretã. Pretendeu Sergi atribuir a estes braquicéfalos a chamada civilização neolítica ou robenhauseana e em geral à cultura palafita da Europa Central, principalmente a lacustre suíça. Mas é inegável a influência recebida por estes das culturas mediterrâneas dos vales renano e danubiano. O antropólogo italiano o denominou de *homo euranático*, expressão que nos nossos dias se presta a confusões.

É inegável que os hodiernos representantes alpinos, sudetos e baltos orientais estejam ligados a um tronco comum de tipo braquióide de rosto largo e estatura abaixo da mediana. Este tronco comum deve ser originário da Ásia Central e a maioria dos antropólogos vêm naqueles traços característicos mongolóides, talvez devido a algum parentesco originário por sua vez de uma provavel origem comum dos braquicéfalos em questão e das raças amarelas ou mongólicas, aos quais seria lícito também mencionar o grupo sumero, alicerce da cultura caldaica. Os seus representantes asiáticos dos primeiros dias do século são, segundo Poisson ⁽⁸⁾, os pamirianos, tadjicks, turcomanos, caucásicos, armênios e anatólios. Entre os chamados dináricos, a terceira invasão que penetrou na Europa na idade do bronze pelos Bálcans até a Suíça e contrafortes alpinos da França oriental, dominando ainda desde os Alpes Bávaros até a Albânia, encontram-se traços da proto-raça braquicéfala central asiática. Estão isolados do Pacífico pelos povos da raça amarela já referida, deixando ao Norte os povos sibe-

(8) — Georges Poisson — *Les Aryens* — Étude linguistique, ethnologique et préhistorique — Paris, 1934.

rianos e esquimóides de grande percentagem dolicóide, aparentados aos nórdicos ou arianos. Penetraram estes braquicéfalos como uma cunha entre os povos equatoriais e nórdicos desde o mar Cáspio até as extremidades da Bretanha, de Cornwalles e de Cork, na Inglaterra e Irlanda respectivamente.

A primeira que Ripley chamou de *raça alpina*, Deniker de *raça ocidental* ou *cenévola* e Guenther de *oriental* (*ostische Rasse*), de grande braquicefalia e estatura mais baixa que média, penetrou pelos colos dos Alpes na Europa ocidental não pela conquista guerreira e sim através de uma infiltração que Lapouge denominou de “*invasion intersticielle*”, chegando a dominar no período inicial neolítico sobre grupos mediterrâneos dos antigos habitantes. Contudo foi depois cedendo aos poucos às pressões vencedoras das migrações nórdicas dos celtas com quem se mesclaram e depois dos germanos francos e godos e obrigada a se refugiar nas regiões montanhosas do planalto francês e dos Alpes ocidentais. Suas características psicológicas se enquadram perfeitamente no que hoje chamamos espírito burguês, isto é, no egoísmo comodista e despreocupado, sumamente adaptável às situações as mais diversas, econômico, igualitário para baixo, hostil e invejoso para com os verdadeiros valores morais e intelectuais que se destacam da mediocridade das massas. Suas qualidades heróicas são quase restrictas à tenacidade defensiva e pouco afoitas às operações ofensivas que exigem audácia e desprendimento. Aferrados à legística de conceitos jurídicos e filosóficos escritos, se enquadra bem no marasma cultural e moral dos sistemas políticos que favorecem aos medíocres e sufoca os valores. Seu subconciente místico se revela bem no pragmatismo das seitas cristãs ditas protestantes e no dogmatismo fechado do católico-romano, pois falta ao alpino, em regra, certa flexibilidade mental. De visão quase restrita ao âmbito familiar próprio, pouca compreensão denotam no que diz respeito ao sentimento do bairrismo de vila ou cidade e menos ainda ao do nacionalismo do povo a que pertence. Entre os alpinos não se vêem, por isto, medrar os dotes que fortalecem personalidades sem que sejam hostilizados. Assim somente produzem chefes medíocres, salvo quando mesclados com tipos superiores.

Estes alpinos, que talvez melhor seriam designados como *raça oriental-européia*, depois de vencidos pelos celtas nórdicos adotaram o linguajar dêstes e abandonaram o seu primitivo de origem finês-ugrica ou altaica. Seus vestígios raciais aparecem ainda na parte montanhosa

da França, cuja população é hoje de apenas 25% mediterrânea ou néo-latina, 25% nórdica e cêrca de 50% alpino-dinasico, com traços ne-gróides e sarraceno-orientálicos no litoral meridional. Algumas estratificações alpinas subsistem na Áustria e na Itália Central. Sua mestiçagem com os elementos nórdicos celtas e germanos é bastante comum desde a época dos gauleses e seus influxos espirituais nos nossos dias têm originado o tresplante do fanatismo asiático que foi aí batizado de “chauvinismo” francês. Na França seus núcleos de concentração demográfica se acham na Savóia, no Delfinado, na extremidade da Bretanha e nos Pirenéus ariegenses. Entram também na constituição étnica do povo basco onde mais claro se nota a afirmativa feliz de Poisson, de que “uma língua não é um fenômeno abstrato e sem fundamento humano, pois sua sorte está forçosamente unida a causas étnicas. Mesmo adotando um idioma estrangeiro, um povo lhe imprime certas modificações devidas ao seu gênio próprio. Assim à complexidade das línguas corresponde geralmente a complexidade racial dos povos que a falam.”

Quanto à chamada *raça dinárica*, um tanto imprópriamente chamada de adriática também, deveria ter penetrado na Europa pelo vale do Danúbio já no início da época do bronze, numa corrente migratória que seguiu a dos alpinos e dos braquióides de Ofnet. Embora de traços que a prendem no tronco comum da raça amenóide, do Oriente próximo, muito se diferencia física e espiritualmente dos também armenóides hititas, armênios e alguns grupos judaicos. Mesclados talvez com grupos mais altos, constituíram na Bélgica até o vale do Sena a selecção da qual surgiu a raça dinárica, assim denominada porque sua presença é mais abundante nos Alpes dinaros. De porte alto e mesmo bastante alto, alcançando 1,74 m. até, é o dinárico esbelto, apresentando juntas um tanto grossas e braços pouco curtos. Braquióide, apresenta como uma das características físicas mais notáveis, o nariz longo e pontudo, rosto comprido, queixo arredondado, tendência para orelhas grandes e carnosas e sobranceiras e barba espessas de cor bruna. Os olhos também são castanhos dando a impressão de grandes. São de atitudes decididas e turbulentos. De profunda dedicação nacional e pátria, de noção elevada de honra e dignidade e um quase exagerado amor próprio, são pois os dináricos completamente opostos aos amenóides e oriental-europeus ou alpinos. Habitantes dos Alpes, não devem pois ser confundidos com os de denominação impró-

pria de raça alpina que se restringem aos Alpes franceses onde vivem mesclados com aqueles, seu ritmo espiritual se preocupa mais com o presente e sua bravura é mais impelida no sentido da força física. Nas regiões de predominância dinárica, como no vale do médio Danúbio, no litoral do Adriático, na Itália do Nordeste e certos pontos das ilhas britânicas seu ânimo rigento origina elevada percentagem criminal de ferimentos corporais e homicídios. Cultores do valor físico e do atletismo, não se têm dedicado, em geral, aos dons intelectuais e assim não se apresentam como os hamitas, os mediterrâneos, os sumeros e os arianos ou nórdicos no campo da construção de culturas e civilizações. Seu idioma primitivo era do ramo caucásico alaródico e desapareceu ante o dos povos que o subjugaram no passado. Hoje falam sem exceção idiomas indoeuropeus.

Penetrou esta raça na Europa pelo domínio das armas desde o mar Egeu e espraindo-se da região Bélgica-Sena invadiu, numa verdadeira migração guerreira de povos dináricos ou de supremacia racial e política dinárica, da França do Nordeste a Alemanha Central, propagando consigo os elementos da cultura hispano-mediterrânea que haviam absorvido, como a cerâmica calciforme, armas e outras manufacturas de bronze. Povoaram as regiões bávaras e no período dito de Hallstadt novas leva penetraram na Alemanha do Sul e na Boêmia. Cêrca de 2.000 A. C. os povos dináricos penetraram na Inglaterra, deixando seus vestígios materiais nos chamados túmulos redondos (round barrows) e conhecidos aqueles pelos historiadores britânicos como povo fabricante de cerâmica calciforme (beaker peoples ou beaker makers). Na verdade estes constituíam já, em regra, uma mistura dínaro-alpino-nórdica. Embora Poisson e alguns círculos pretendam negar, a cultura dos dináricos não era própria e sim uma mera adaptação da mediterrânea como afirma de maneira clara e cabal Schuchhardt. Foram os portadores do ciclo cultural mediterrâneo além do vale do Sena, do Reno e do Tâmsa e assim levaram a chamada cultura de Aunjatitzer, cultura mestiçada e estrangeira que Poisson teima em denominar de civilização alpina ou proto-ligúrica confundindo mais uma vez a raça alpina ou oriental-européia com a raça dinárica ou adriática, desde a Boêmia até a Baixa Áustria, a Hungria e a Ucrânia, onde também hoje se verificou seus vestígios raciais. Foram eles que repeliram os alpinos diante de si na direção geral Suíça-Alemanha do Sudoeste-França oriental.

Dotados de pendores musicais, até hoje são os centros demográficos dináricos os mais férteis em canções populares e seu bom humor rumoroso os torna alegres e comunicativos. Seu influxo migratório no Brasil provém, em geral, de tipos mesclados com o nórdico ou o mediterrâneo provindos do Tirol austríaco e italiano, do Sul da Baviera e, em menor escala, da Boêmia, da Ucrânia e dos Bálcans. Quanto ao de origem alpina ou oriental-européia tem vindo entre imigrantes da região pirenaica, da região Leste e Sul de França e dos Apeninos centrais italianos, também mais ou menos mesclados com mediterrâneos, nórdicos e oriental-asiáticos dolicóides.

A concordância de certas manifestações de cultura e de tendências espirituais entre estas migrações braquicéfalas de origem remota central-asiática e afim do ramo finês-úgrico e do mongólico com os portadores da civilização ocidental mediterrânea se manifesta claramente pelo reino da *matria* ou do matriarcado, isto é o domínio do direito materno em face da quase poliandria existente. Na verdade êste estado social não pode ser considerado como o normal, pois o conhecimento da vida social dos antropóides torna verosímil a hipótese de Castelhanos, ⁽⁹⁾ segundo a qual a promiscuidade das sociedades humanas foi precedida pela união natural monogâmica. Na opinião de Mendes Corrêa, “a família, sob variadas formas, mas essencialmente fundada nas afinidades sexuais e afetivas e sobre as relações de descendência, existiu desde a aurora da evolução humana”. De fundo patriarcal teria evoluído para o matriarcal nos tempos das atividades caçadoras e de excesso de seres masculinos sobre o feminino das eras equatoriais. Êste desequilíbrio e as diretrizes materialistas da vida forçaram a poliandria que logicamente teria que caracterizar a família como uma pequena tribo onde os direitos e descendência teriam que partir da “mater geratrix” e não do pai duvidoso em face de uma quase promiscuidade, tipo do amor livre das campanhas igualitárias bolchevistas, embora aquela limitada pelos moradores do mesmo tóldo. O princípio feminino e lunar de suas divindades era propícia ao império teocrático que dominava as massas mantidas na ignorância propositada para um domínio do terror e dos baixos instintos, considerando-se na mulher apenas o ente propiciador do prazer. Mais tarde o

(9) — Alfredo Castellanos — *La familia primitiva* — Rosário, 1923.

excesso de mulheres gerou a poligamia deixando contudo os traços indeléveis monogâmicos do direito da primeira mulher em face da família já patriarcal. Embora seja a família monogâmica a normal, todo desequilíbrio demográfico tende infalivelmente ou à poliandria ou à poligamia disfarçada pelas uniões ditas clandestinas ou então reconhecidas.

Mas nos povos em questão o casamento apresentava bem frágeis elos e a noção da fidelidade conjugal mútua não podia ter sentido algum, pois eram freqüentes e usuais quaisquer relações sexuais da generalidade dos homens com as mulheres casadas e solteiras. Estes usos de fundamentos matriarcais foram caracterizados entre os pictos da Escócia, entre os etruscos da Itália e seus vestígios ainda lá estão entre as normas do direito dos bascos e nas tendências irrefutáveis de certas correntes de origem mediterrânea para o chamado amor livre, embora peado pelo respeito humano e pelo temor do escândalo e não pelos conceitos religiosos de ordem filosófica contrários a alma daquelas raças professoras da matria.

Estes povos que iriam deixar profundos traços entre os franceses e sua cultura fisiocrata e liberal têm tomado o nome errado de raça ligúrica, raça inexistente pelas razões já expostas, vão encontrar ponto de contacto num outro povo braquióide pre-romano. São evidentes as estratificações da herança psicológica dèste, os etruscos da antiga Itália, nas diretrizes ditas latinas, mas na verdade mediterrâneas, que empolgaram o egoísmo do direito romano e o dogmatismo do cristianismo católico-romano. Chamados de *tusci* pelos romanos, donde a denominação de Toscana ao seu país, e também conhecidos pela designação de rasenas, êste povo atingiu em 500 A. C. o auge cultural e pode ser considerado como o mais fiel guardião da antiga cultura mediterrânea. De origem ainda controversa, os etruscos surgiram no vale do Pó impelidos, talvez, pelas migrações dos povos nórdicos ou arianos proto-helenos. Absorveram então os grupos nórdicos dos úmbrios que os haviam precedido e habitavam o vale referido e se foram estabelecer inicialmente desde o rio Adige até os Apeninos. As imigrações que os proto-etruscos haviam recebido no século IX A. C. de elementos asiáticos da raça armenóide, também conhecida por assiróide ou próximo-asiática, levaram Heródoto a considerar os etruscos como de origem anatólia, o que vem sendo confirmado. Estas migrações, derradeira leva pre-histórica braquióide, deveriam se ter

realizado por via terrestre com todos os seus haveres e famílias atrás dos dináricos desde a Ásia Menor, através da Grécia para a Itália e daí mesmo até a Ibéria, desde a fase inicial do bronze após os progressos da expansão da cultura mediterrânea para Leste. Antes já, assinalou Wilke, existia um intercâmbio mercantil intenso entre as costas ibéricas, ricas em estanho e cobre, e o Oriente próximo. Nas costas de Almería núcleos e feitorias fenícias e cretenses há muito exerciam a mineração dos dois metais do bronze e uma larga exportação destes para a bacia oriental do Mediterrâneo.

O mérito cultural criador atribuído aos etruscos perdeu bastante com as conclusões do Congresso Internacional Etrusco, realizado em Bolonha de abril a maio de 1928, uma vez que se constatou seus traços psíquicos oriental-armenóides de apenas aproveitar com adaptações e transformações obras culturais de civilizações estranhas. Parece no entanto que os nossos culturais da história desconhecem estas conclusões, bem assim como certos meios franceses e judaicos. Mas o brasileiro Ulisses Paranhos ⁽¹⁰⁾ reconhece êste aspecto da arte etrusca, notando uma imitação grosseira do esplendor helênico e os argumentos de “trágicos sacrifícios humanos, cenas e ritos funerários, lutas fraticidas, um verdadeiro sadismo mórbido”, pois tudo aí “respira o desespero, a luta e o sangue. É uma tragédia eterna, buscando emoções de terror, evocações de sofrimento”. Os motivos mais alegres são reflexos artificiais copiados de motivos da mitologia grega. Na arquitetura também foram medíocres, como também na escultura onde também os motivos são quase sempre as cenas violentas e trágicas ou figuras monstregas.

Mercadores, percorriam as costas mediterrâneas desde a Ibéria, alcançavam por terra e mar o Báltico rico em âmbar e mantinham o *contrôle* da navegação adriática até a Grécia. Ligados aos cartagineses, se dedicaram, aliados a estes, à navegação e ao corso mercadejando e pirateando entre os povos livres costeiros no rapto de mulheres e arrebanhando homens para o tráfico de escravos. Seu intercâmbio com o ciclo do esplendor helênico fizera com que os etruscos levassem à Itália a escultura, a cerâmica, a pintura e mesmo o alfabeto

(10) — Ulysses Paranhos — *Palas* — Síntese de História da Arte — S. Paulo, 1935. — Páginas 91 a 101.

gregos. Este intercâmbio era animado pelos mercadores semitas, sírios, fenícios e judeus que “invadiram a Etrúria com seus produtos constituídos especialmente de ricos tecidos, vasos de ouro e prata cinzelada, estatuetas, pequenos ídolos, jóias, placas de marfim” etc. e mais os vasos pintados de procedência helênica. De uma tentativa de imitação destes vasos os etruscos deram início a uma cerâmica regional e bastante imperfeita, os *buchero-nero*, fabricados com argila preta. Mas uma vez dificultadas ou rotas as interferências diretas gregas obras culturais e estéticas decaíram num estilo cada vez mais grosseiro que faz lembrar os desvios mentais da abjeta corrente futurista, expressionista ou cubista do segundo decênio do nosso século. Conclue Paranhos que “seu cérebro era por demais materialista para ser alumiado pela centelha do gênio; seu fatalismo excessivo para ser iluminado pelo sentimento criador dos artistas gregos”.

As classes dirigentes etruscas eram em regra de baixa estatura, cabeça grande, membros curtos e fortes e de formas desproporcionadas em face da esbeltez característica dos antigos gregos, dos úmbrios, dos ilírios e dos latinos clássicos, todos de raça nórdica. Seu idioma não era de tronco indo-europeu e sua escrita primitiva até agora permanece indecifrada. Como apresenta pontos de contacto numerosos com os usos e costumes anatólios dos lídios, pois sua indumentária e suas insígnias reais são iguais, é de se supor também seu linguajar fôsse aparentado. De instintos pouco elevados, lascivos, sanguinários e refinadamente cruéis levaram os etruscos uma herança triste aos pósteros romanos da fase da decadência racial e, em consequência, moral, quer no que diz respeito ao afrouxamento da moral sexual em relação à matrona, quer na homossexualidade e pederastia, quer ainda nas cenas plebéias e repelentes dos circos, acelerando a queda dos valores morais do Império dos Césares após uma lastimosa seleção negativa nas classes dirigentes política e espiritualmente.

A religião etrusca era bem o refluxo de sua alma utilitária, feiti-chista e sádica. Envolta num profundo misticismo, sentia-se arrastada à astrologia, adivinhação e sombrias superstições. Seu culto era cruel como seus instintos e dado a sacrifícios humanos como entre todos os povos professos da matria e das crenças irradiadas dos centros dos antigos equatoriais das teocracias absolutas, baseadas no predomínio dos sacerdotes respeitados e temidos como seus deuses terríveis sôbre as massas amordaçadas pela mais crassa ignorância, sem famílias re-

conhecidas e com suas mulheres escravizadas pelo pan-sensualismo inoperante sem freios. Sobre a religião etrusca declara Hertzberg ⁽¹¹⁾ que reconhecia um “inferno, um mundo subterrâneo cheio de horrores e de tormentos para as almas dignas de castigo, que podiam no entanto livrar-se a custo de misteriosos sacrificios. O sistema religioso dos rasenas estava apropriado, até nos seus mais ínfimos detalhes, às práticas da vida pública e privada. Seus livros sagrados ensinavam a maneira de atrair o favor dos deuses, conhecer o futuro e render culto às almas e seus rituais continham a aplicação dos usos sagrados à vida prática. Mas o mais importante era a explicação dos augúrios e dos casos maravilhosos com o exame das entranhas dos animais sacrificados e do raio, pelo que o etrusco esperto podia prognosticar aos crédulos o futuro nos seus menores detalhes”. Desta escola feiticista-cabalista, êmula das atribuições dos pagés indiáticos ou “medizim-men” dos peles vermelhas, dos pais do santo africano e dos feiticheiros polinésios, se manteve no mundo romano os áugures que intensificaram nas aristocracias as superstições e a prática dos amuletos que foram causas morais da decadência das famílias patricias, ao par do desaparecimento do sangue viril dos descendentes dos nórdicos latinos, salinos e úmbrios na massa híbrida do povo da plebe romana, minado pela invasão do sangue e da psique orientálica, mórmente síria e pelo renascer da alma etrusca na fase do aparecimento do cristianismo.

Ao Norte dos etruscos se achavam povos que se conhecem com o nome de lígures, cruzamento já referido dos oriental-europeus ou alpinos e alguns elementos dináricos com os remanescentes da raça Cro-magnon e de tipos mediterrâneos, de cultura acentuadamente ocidental-mediterrânea e aos quais pretende Poisson separar como portadores de um ciclo caracterizado pela hacha polida em pedra dura, estações fortificadas terrestres ou lacustres e cerâmica de superfície lisa ou de decoração plástica. Contudo êste ciclo é perfeitamente mediterrâneo adotivo e não próprio dos lígures. Estes se alastraram até a Córsega e ficaram sendo os derradeiros mediterrâneos da França me-

(11) — G. P. Hertzberg — *História da Grécia e Roma* — Tomo VI da *História Universal de Guilherme Oncken* — Barcelona, 1934.

ridional, do Ródano ao lago Como, Pavia e o pôrto de Luna, aproximadamente.

Mas dentre estes povos plasmadores dos hodiernos mediterrâneos, o que mais nos interessa historicamente é o povo ibero, descrito por Tito Libio como de tez escura e cabelos ondulados. Estes iberos hispânicos não constituíam uma unidade étnica, pois eram no centro da península mais braquicéfalos de baixa estatura, constituindo um cruzamento dentro da raça mediterrânea desde as correntes dolicoídes capsenses norte-africanas e mais tarde as do ciclo cultural de Alméria. Esta heterogeneidade das populações ibéricas do início do bronze, a minoria posterior braquióide na Ibéria ocidental vem sendo suplantada pelo "dolicocefalo do tipo Baume-Chandes, que parece ser o tronco originário da raça mediterrânea, dolicocefala, morena e de estatura um pouco inferior à mediana, raça que se identifica no tipo médio português", na opinião de Mendes Corrêa.

Portadores do Centro e do Sudeste da cultura do vaso campaniforme, anterior a 2500 A. C. e do emprêgo do bronze os elementos iberos, embora mais que sedentários e pouco progressistas, avançaram na direção das Baleares, da Sardenha e da Sicília ocidental. Atrás destes iberos, aparentados dos lígures pelos seus componentes braquióides de tipo alpino que até hoje ocupam as províncias vascongadas montanhosas, vieram os grupos de supremacia antropológica dolicocefala dos quais fizemos já referências, caracterizando desde o neolítico os traços raciais semelhantes ao hodierno mediterrâneo que levou sua obra do ocidente ao ciclo minóico cretense e ao micênico. Apesar de todas as ondas invasoras itálicas, celtas, germânicas, sarracenas mourescas as camadas inferiores dos vencidos nas regiões de antiga predominância de sangue mediterrâneo se mantiveram em pequenos núcleos. O que desapareceu quasi completamente foi o seu idioma, mas o sangue e a mentalidade não. Com o decorrer dos séculos as guerras internas, a sífilis e a mortalidade infantil ceifava grande parte dos dirigentes políticos e morais dos invasores triunfantes e do cruzamento e entrecchoque nórdico-mediterrâneo ou ázio-mediterrâneo surgiu a mentalidade que chamamos erradamente de latina ou romana, esquecendo-se de que os latinos antigos foram apenas um ramo dólico-louro do grupo itálico-ilísio, do tronco racial nórdico ou ariano. Contudo este reforço bóreo, cujas características não se afasta muito do antigo tronco comum Heinheim e Cro-magnon dos quais o Baume-Chandes é ape-

nas um descendente selecionado meridional, veio firmar o tipo racial mediterrâneo já muito asiaticado pelos braquióides de diversas origens.

Era bastante grande o contraste que existia entre a civilização e a cultura mediterrânea antiga e a dos nórdicos que breve dominariam todos os povos europeus, eliminando da maneira a mais completa o linguajar dos mediterrâneos em proveito dos idiomas e costumes indo-europeus de origem bórea, isto é nórdica ou ariana. Enquanto o sentir nórdico encontra no germanismo seu descendente mais unido e pujante dentro de um centro favorável cheio de vitalidade, na Alemanha a chamada latinidade apenas evoca a mística do romanismo traduzido pelo linguajar evoluído do latim bárbaro para o português, o italiano, o castelhano, o francês e o rumeno e pelas irrupções locais do subconsciente dos povos de predominância racial mediterrânea, cuja área de expansão vai da França de Oeste e Sul, da Irlanda meridional até as orlas do Saará e de Portugal até o Sul da Itália e isolado no baixo Danúbio, sôbre a herança sabino-italica dos tempos brilhantes de Roma imperial e celta-germânica do fenômeno da Renascença. O aferramento ao solo é uma consequência da agricultura do sedentarismo extremo dos antigos mediterrâneos, em contraposição ao nórdico migrante, sem nada de nômade, como guerreiro e agricultor, como dominador das forças da natureza, como espírito dinâmico. O ciclo agrícola mediterrâneo é o da enchada, em contraposição ao nórdico que é o do arado.

O mediterrâneo hodierno sofreu na Ibéria as influências celto-romanas e germânicas a princípio árabe-mourescas depois, na França as galo-francas germânicas, na Itália as lombardas germânicas ao Norte e mouresco-sarracenas ao Sul com alguma normanda germânica e na Rumânia as eslavas nórdicas. O tipo médio do português dos nossos dias é dolicoíde, de cabelos brunos, de cutis branca e estatura mediana, aparecendo seus tipos mais braquióides na região do Minho. No âmbito das crenças religiosas o catolicismo-romano é a mais fiel tradução da alma mediterrânea, pois é a coletânea de todos os seus mitos religiosos, principalmente os etruscos a que nos referimos, como o protestantismo é a tendência mais próxima da germânica e o catolicismo-ortodoxo o espelho fiel das tendências místicas dos povos eslavos.

Fisicamente o mediterrâneo, chamado por Lapouge de *homo me-*

ridionalis, por Sergi *homo mediterraneus var. eurafricana*, é de estatura pouco abaixo da mediana, dolicoide e em alguns casos mais que os nórdicos, de rosto estreito com o queixo menos pronunciado que nestes. De nariz estreito com base alta, seus cabelos são castanhos ou negros e os tipos puros não apresentam em hipótese alguma a tonalidade dourada sob os reflexos solares ou mesmo alourados nas crianças que atestam uma ascendência racial nórdica mais ou menos remota. Os olhos são castanhos, geralmente castanhos escuros sem reflexos esverdeados ou azulados que também acusam mesclagem bórea. De cutis branca de tonalidade bruna leve, não deixam os mediterrâneos transparecer o rosado das faces nem o azulado das veias. Os homens apresentam aspecto mais agradável e comunicativo que os nórdicos, embora sejam menos audazes e persistentes. São contudo mais tratáveis e loquazes. Atingindo mais cedo à maturidade sexual, também os homens e as mulheres mediterrâneas envelhecem mais cedo que os bóreos arianos. As ancas feminis são mais largas que suas iguais dólico-louras e bramitas, não se devendo contudo confundir aquelas com os traços hereditários orientálicos bastante comuns na Espanha e que nos dão a impressão “pesada das ancas hispânicas”. Daí o apropriar das algerianas, mestiças mediterrâneo-árabes, para a dança do ventre e os tipos piriformes de certos seios femininos na França do Sul.

O atual mediterrâneo, portador da cultura e de linguajar arianizados néo-latinos, recebeu tal bagagem de sangue e espírito dos povos nórdicos que apenas pode ser estudado depois destes terem sido passado em revista. Tanto estes como aquele constituem os alicerces raciais e culturais das diversas étnias constituídas do nosso povo e do ritmo nacionalista brasileiro, a-pesar-das afirmativas em contrário daqueles que procuram, conciente ou inconcientemente, criar a cizania entre nós e assim evitar o império da harmonia e da compreensão mútua de todos os núcleos brasileiros de nascença e de adoção.

Cruz Alta, 1937.

Nótulas Bibliográficas

DEVASSA SOBRE A ENTREGA DA VILA
DO RIO GRANDE AS TROPAS CASTELHANAS — 1764. — Edição da *Biblioteca Rio-Grandense*, cidade do Rio Grande — 1937.

Consta êsse volume de preciosa documentação sôbre a entrega da vila do Rio Grande às tropas castelhanas no ano de 1764. São depoimentos preciosos que vêm aclarar muitos pontos ainda obscuros sôbre aqueles acontecimentos, inclusive o da entrega da fortaleza de Santa Teresa.

A Biblioteca Rio-Grandense torna-se, assim, mais uma vez, merecedora dos maiores encômios dos estudiosos brasileiros, pois o trabalho que acaba de editar só era possível ser consultado pelos que podiam ir ao Rio de Janeiro examinar a "devassa".

Aliás, como o reconhece a própria Biblioteca no prefácio de seu ilustre e digno diretor, boa parte dos encômios são devidos aos dois grandes estudiosos de nossa história, coronéis Paula Cidade e Rêgo Monteiro que copiaram e conferiram as cópias enviando-as à Biblioteca rio-grandina.

De posse dessa preciosa documentação, a DEVASSA, ora publicada, pode-se, sem perigo de ser contradito, falar sôbre os desastres de Santa Teresa e Rio Grande nos trágicos e heróicos anos de 1763-1764.

W. Sp.

LIMITES DO AMAZONAS E PARÁ, por
Henrique A. Santa Rosa. — Oficinas Gráficas do
Instituto Lauro Sodré, Belém — Pará — 1937.

As questões de limites interestaduais têm sido causa de muitas controvérsias e, ao mesmo tempo, de muitos estudos acurados e preciosos.

Menção especial merece, agora, o magnífico trabalho do sr. Hen-

rique A. Santa Rosa ,prefaciado pelo dr. Raimundo de Moraes, sôbre os limites Amazonas-Pará.

E' uma erudita monografia digna de todos os encômios, em que seu autor expõe com clareza a verdadeira situação dêsses limites, fixando-os definitivamente.

Um ótimo trabalho.

W. Sp.

GENEALOGIA RIO-GRANDENSE, por João Pinto da Fonseca Guimarães e Jorge Godofredo Felizardo. — Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1937.

Felizmente, como já mais de uma vez acentuamos, estão tendo a devida atenção os estudos genealógicos no Brasil.

Para a História a genealogia é uma necessidade e, porisso, não regateamos aplausos aos que se dedicam a êsse árduo e árido ramo da ciência histórica, mórmente quando os trabalhos são feitos com carinho e critério, como no caso da *Genealogia Rio-Grandense*, da autoria dos abnegados genealogistas sr. João Pinto da Fonseca Guimarães, infelizmente roubado já ao convívio nosso, e dr. Jorge G. Felizardo, verdadeiro beneditino do assunto.

A *Genealogia Rio-Grandense*, da qual o sr. Jorge Felizardo enviou, gentilmente, um exemplar a êste Instituto, trata, exclusivamente de um tronco: os Carneiro da Fontoura, do Rio Grande.

E' trabalho exaustivo, completo e precioso.

Expressivo é o "In Memoriam" do saudoso sr. João Pinto da Fonseca Guimarães, com que o dr. Jorge Godofredo Felizardo abre o eloquente livro sôbre os Carneiro da Fontoura, do Rio Grande.

W. Sp.

LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES desde su fundación hasta la caída de Rosas, — por Antonio Salvadores. — Edição da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, — La Plata, 1937.

Trabalho precioso e sobremodo expressivo é o que vem fazendo a Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación editando uma série de notáveis trabalhos a que intitulou "Biblioteca Humanidades", do qual faz parte o volume cujo título encima estas linhas (tomo XX da série), e o seguinte, sôbre D. Pedro de Cevallos.

La *Universidad de Buenos Aires* encerra, numa linguagem clara e distinta todo o histórico da grande universidade Buenairense, mi-

nistrando-nos preciosos informes históricos sobre a época e os métodos de ensino. Em seus nove capítulos está condensada não somente a história da Universidade, mas de todo o Buenos Aires daqueles tempos até à queda de D. Manuel de Rosas.

W. Sp.

DON PEDRO DE CEVALLOS, gobernador de Buenos Aires y Virrey del Rio de la Plata, — por *Henrique M. Barba*. — Edição da Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, — La Plata, 1937.

D. Pedro de Cevallos é figura estreitamente ligada à História do Brasil, pois nos acontecimentos de 1763 e subseqüentes anos, parte saliente, ponderável e notável tomou Cevallos, tornando-se, para nós brasileiros, especialmente rio-grandenses, figura de estudo obrigatório para completo conhecimento das memoráveis lutas entre espanhóis-rioplatenses e portugueses-brasileiros.

Faz pouco saíu dos prelos da Livraria do Globo, nesta cidade, a grande obra, em dois volumes, do coronel Jônatas de Costa Rêgo Monteiro, sobre a COLÔNIA DO SACRAMENTO. E' essa obra o que de mais perfeito até hoje se tem escrito sobre o assunto.

DON PEDRO DE CEVALLOS que o sr. Dr. Enrique M. Barba acaba de publicar por intermédio da Facultad de Humanidades veio, porém, completar aquela erudita obra com a biografia completa, conscienciosamente estudada, do valente e ousado guerreiro espanhol, Vice-Rei do Rio da Prata.

Hoje, para estudar-se em seus detalhes a questão da Colônia do Sacramento, seus antecedentes e conseqüências, não se poderá dispensar, sob pena de fazer obra secundária e falha, os magníficos trabalhos do coronel Rêgo Monteiro e dr. Enrique Barba.

Tem-se, até, a impressão de que houve premeditação no aparecimento quase simultâneo de uma e outra.

Estuda o douto professor Barba a vida de Cevallos desde a origem do apelido, sua atuação como soldado e como vice-rei, seus atos e feitos gloriosos pro-Espanha, as lutas mantidas contra os portugueses ousados e valentes, vitórias e derrotas, seu regresso a Espanha e, finalmente, sua morte em Córdoba, a 26 de dezembro de 1778, "a las 5 y ½ de la tarde, después de recibir los auxilios religiosos".

E conclue o sr. prof. Barba seu magnífico livro com as seguintes palavras:

"En la Catedral de Córdoba se depositarón los restos mortales

de quien se dijo que fué “el último resplandor de la gloria de España en America”.

E teve toda razão quem tal afirmou: com Cevallos os louros de Espanha partiram para não mais voltar, nunca mais.

W. Sp.

LIÇÕES INAUGURAIS DA MISSÃO UNIVERSITÁRIA FRANCESA, durante o ano de 1936.
— Edição da Universidade do Distrito Federal, —
Rio de Janeiro, 1937.

Forma um belo volume a coleção das lições inaugurais dos eminentes professores franceses contratados para a Universidade do D. Federal, srs. Emile Bréhier e Eugène Albertini — Henri Hauser — Henri Tronchon — Gaston Leduc — Etienne Souriau — Jean Bourciez — Jacques Perret — Pierre Deffontaines — e Robert Garric.

Magníficas são essas conferências e bem demonstram o valor dos ilustres professores contratados que, certamente, traçaram novos rumos na educação universitária.

Não duvidamos, em absoluto, da eficiência de seus ensinamentos, pois que, por essas lições inaugurais deixam ver claramente a sua competência incontestável nas matérias a que se dedicaram, mas, contudo, discordamos da prática de contratar professores estrangeiros para ensinar nossa mocidade, para formar nossos professores. Mais justo e mais louvável seria se o governo, cada ano, escolhesse os melhores alunos das turmas, os mais aproveitáveis e mais competentes e dedicados aos estudos, para fazer uma viagem especial de aperfeiçoamento na velha Europa, dividindo-os, conforme as matérias, pelos diversos países: França, Alemanha, Itália, Inglaterra, etc. Um ano naquelas grandes Universidades seria o bastante para a formação completa e perfeita da intelectualidade professoral do laureado. Não precisaria mandar-se muitos: 3 ou 4 cada ano. Seria um prêmio aos alunos, estímulo aos demais para os estudos e, sem dúvida, mais proveitoso e menos caro ao país.

Mas, enfim, como disso não entendemos, por aqui ficamos saboreando os magníficos trabalhos dos doutos professores franceses da Universidade do Distrito Federal.

W. Sp.

REVISTAS COLOMBIANAS: "REVISTA DE LAS INDIAS" e "REVISTA DE LA ACADEMIA DE CIENCIAS EXACTAS, FISICAS Y NATURALES", — Publicações do Ministerio de Educación Nacional — Bogotá.

A Colômbia se tem, realmente, distinguido pela magnificência de suas publicações periódicas feitas por ordem e sob as vistas do Ministerio de Educación Nacional. Verdadeiramente preciosas são essas publicações entre as quais mencionamos as recém-recebidas: REVISTA DE LAS INDIAS, ns. 6 e 7, valiosas sob todos os aspectos, com magníficas tricomias, consagrada, a de n.º 6 quase que exclusivamente à Universidade de Colômbia que, ao que parece pelos diversos esquemas será grandiosa e o n.º 7 com escolhida matéria de gênero diverso e ricas ilustrações do mais moderno estilo, sendo notáveis os trabalhos a óleo do sr. Gómez Jaramillo, pintor verdadeiramente digno de figurar em qualquer galeria.

A outra publicação notável e valiosíssima pelo material que sempre traz, é a REVISTA DE LA ACADEMIA COLOMBIANA DE CIENCIAS EXACTAS, FISICAS Y NATURALES, da qual acabamos de receber os ns. 3 e 4 que publicam, entre outras cousas interessantes, valiosos estudos sôbre botânica e geobotânica, precioso vocabulário de termos vulgares em história natural colombiana, do Rev. Irmão Apolinário Maria, das Escolas Cristãs, etc. etc.

Colômbia pode orgulhar-se de seus intelectuais e, sobretudo, de seus administradores que tão profundamente compreenderam o grande significado das publicações periódicas com colaborações escolhidas, prova de que há, ali, um govêrno que pensa e que estuda e sabe o que representa, fora de sua pátria, uma publicação bem dirigida e bem apresentada.

W. Sp.

CERTIDÃO DE NOBREZA DE D. MARIA FRANCISCA DE MOYA, passada em 30 de abril de 1798, etc. Traduzido pelo tte. cel. *Salvador de Moya*. — S. Paulo, 1937.

CATÁLOGOS DE AUTORES GENEALÓGICOS, por *Salvador de Moya*. — S. Paulo, 1937.

BIBLIOTECAS LATINAS, por *Salvador de Moya*. — S. Paulo, 1937.

TRECHOS DA IMPRENSA (referentes a *Salvador de Moya*). — S. Paulo, 1937.

O sr. coronel *Salvador de Moya* é um grande estudioso e incansável pesquisador.

Em grande número são os trabalhos que o ilustre militar têm divulgado na imprensa, em revistas e no livro.

Ainda agora, os que acima registamos, divulgados o ano passado, são prova cabal de sua capacidade de trabalho.

O primeiro é tradução muito bem feita da certidão de nobreza de sua ancestral D. Maria Francista de Moya, passada por D. João Felix de Rújula, cronista e Rei d'Armas de D. Carlos IV, de Espanha. Representa, essa "certidão", o título de nobreza a que tem direito o sr. cel. Salvador de Moya.

O segundo trabalho, "Catálogo de autores genealógicos", é ótimo índice bibliográfico sobre genealogia, trabalho notável de pesquisa, que muito auxiliará aos que se dedicam aos estudos genealógicos.

O terceiro é, também, um índice das bibliotecas latinas existentes em todo o mundo latino, faltando, porém, ainda grande quantidade delas, podendo nós citar, de memória, a Biblioteca Nacional, de Bogotá, que é uma das mais notáveis da América espanhola; a biblioteca da Academia Panameña de la Historia, de Panamá, entre outras. Aqui no Rio Grande do Sul: Cidade do Rio Grande: Biblioteca Rio-grandense, notável e a mais antiga do Estado, com mais de 80.000 volumes; a Biblioteca Pública da cidade de Pelotas; Biblioteca do Centro de Cultura Mauá, de Pelotas; várias bibliotecas pelo interior, especialmente as dos diversos clubes Caixeirais de Bagé, S. Gabriel, Livramento, S. Maria onde também existe a Biblioteca da União dos Viajantes, etc. Em Pôrto Alegre, a Biblioteca do Arquivo Municipal (em reorganização) e várias outras que somente com paciência e muita calma poderíamos relacionar. Além disso, notamos a falta da Rumânia, único país de língua latina que conservou o nome de sua origem: a velha e lendária Roma e da língua que fala, algo modificada, hoje: a romana língua. E', contudo, trabalho útil e de interêsse que o A. deveria completar com vagar.

O último encerra notas e comentários da imprensa do país em torno das várias atividades do ilustre oficial e forma, por assim dizer, a brilhante fé de ofício do sr. coronel Salvador de Moya.

Muito agradecemos a gentileza da remessa dessas publicações.

W. Sp.

FOLLETOS LENGUARACES — DESAGRA-
VIO AL LENGUAJE DE MARTIN FIERRO. —
R-Y. — (fin). N.º 22, — por *Vicente Rossi*. — Rio
de la Plata, 1937.

Estes folhetos *lenguareces* que o sr. Vicente Rossi publicou em número de 22, formam notável trabalho de lingüística, sendo que os de números 14 a 22 em torno da linguagem empregada no famoso e formoso poema MARTIN FIERRO.

Já tivemos, nestas mesmas páginas ocasião de referir-nos a estes notáveis "folhetos" e nada mais temos a dizer ao que já dissemos: trabalho de fôlego e de méritos incontestáveis.

ELEMENTOS DE FITOPATOLOGIA (Algumas noções para leigos sobre a defesa das plantas cultivadas no Rio Grande do Sul) pelo dr. *Maximiliano von Parseval* — Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio — Porto Alegre — (Secção de investigações, informações e publicidade). — 1937.

Não havia, nem para alunos, nem para professores, nem para outra qualquer pessoa, trabalho sobre FITOPATOLOGIA, no Rio Grande do Sul e, cremos, em todo o Brasil, dedicado exclusivamente a êsse fim e que mostrasse aos interessados o que representa a Fitopatologia e, ao mesmo tempo, ensinasse os meios e as causas das doenças parasitárias e outras.

O dr. Maximiliano von Parseval, chefe fitopatologista do serviço de biologia agrícola do Laboratório Agrônômico e Biológico, é, no Rio Grande do Sul, a única pessoa que realmente se dedica a êsse assunto sem medir sacrifícios.

Estudioso como poucos, o ex-major do exército alemão, dr. Parseval, desde sua chegada ao Brasil logo após a assinatura do armistício que terminou a Grande Guerra, dedicou-se aos estudos em que já se especializara na Alemanha, examinando as nossas plantas e nossos insectos sendo, logo, aproveitado para a secção de que é, hoje, chefe, secção então ligada à Secretaria de Estado dos Negócios das Obras Públicas.

Mas não havia do Rio Grande quem estudasse a fitopatologia. Não havia professores. Nem livros. Foi, então, que a Escola de Agronomia se lembrou de aproveitar o dr. Parseval que, além de seus trabalhos na Secretaria, com verdadeiro carinho se dedicou, também, ao professorado conseguindo formar alguns fitopatologistas, os únicos que existem no Rio Grande do Sul.

Em 1936, com o intuito de incentivar mais o amor à terra e às plantas, iniciou o dr. Maximiliano von Parseval, a convite da Diretoria, um curso especializado, para professores, na Sociedade Rio-grandense de Educação, sobre Fitopatologia. Êsse curso que teve muita cousa de prático e de prática, somente terminou êste ano e é, justamente, o resultado dêsse curso que ainda todos recordam com a mais viva simpatia, que o dr. Parseval acaba de dar à estampa num dos Boletins da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. E'

trabalho magnífico e precioso, único no gênero, que toda pessoa deveria possuir. Traz, além disso, para os professores, preciosas indicações de como organizar um museu escolar fitopatológico, condensadas em apenas duas páginas.

E' esse um trabalho magnífico que merece a mais ampla divulgação pelo que encerra e pela sua finalidade altamente patriótica.

W. Sp.

TEORIA DO PROTOGNEIS — Uma interpretação protogenética do Archeano — por *Alberto Ribeiro Lamego*. — Boletim n.º 86 do Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. — Rio de Janeiro, 1937.

A obra em aprêço é uma das que despertam vivo interêsse aos que se dedicam ao árduo mister dos estudos geológicos e bem merece estudo especial que nós não podemos fazer não só pela carência de espaço, como pela fragilidade de nossos conhecimentos sôbre geologia. Ousamos, entretanto, afirmar ser TEORIA DO PROTOGNEIS trabalho de real mérito e digno de meditado estudo.

PUBLICAÇÕES DO ARQUIVO DO ESTADO
DA BAÍA - A REVOLUÇÃO DE 7 DE NOVEMBRO DE 1837 (*Sabinada*). — Vol. I — Baía, 1937.

Nada mais útil para o perfeito conhecimento e estudo de nossa história do que publicações como essa que o Governo da Baía acaba de fazer por intermédio do Arquivo do Estado.

Vive nossa história cheia de erros e falsas interpretações porque a falta de tempo para pesquisas acuradas nos Museus e Arquivos são, infelizmente, obstáculo a historiadores e professores de história, os quais, porisso, divulgam falsidades históricas e ensinam à mocidade uma história falsa e falha.

São, não raro, pessoas inteligentes e competentes mas, nesse particular, pouco escrupulosas. Quando lhes falta qualquer documento elucidativo de um ou outro fato importante, não se dão ao trabalho de procurá-lo porque... lhes falta tempo. Mas fazem a história, imaginando o que poderiam ter escrito ou dito com certeza absoluta, com um pouco de paciência e coadjuvação de amigos e colegas de Arquivos, Museus e Institutos Históricos, que existem em todos os Estados do Brasil, graças a Deus.

Publicando-se porém, trabalhos como êsse do Arquivo da Baía, tudo se torna mais fácil e ninguém mais poderá dizer que não pode consultar os documentos originais.

Em todos os Estados do Brasil, a bem da cultura nacional e a bem de nossa história, tais publicações deveriam ser obrigadas por lei especial, federal, sob o controle do Departamento Nacional de Propaganda ou, o que seria ainda melhor, sob o controle direto do Ministério de Educação, como o faz a Rep. de Colômbia que, nisso, nos pode servir de modelo.

Esse primeiro volume das Publicações do Arquivo da Baía, é ótimo. Excelentemente impresso, traz preciosos estudos e documentos sobre a SABINADA, aclarando muitos pontos que estavam, ainda, obscuros.

Um dêles, por exemplo, é o da interferência de Bento Gonçalves da Silva, pela maçonaria, no famoso movimento do dr. Francisco Sabinino Alves da Rocha Vieira, conforme o relato de "um revolucionário" da Sabinada.

Que Bento Gonçalves tivesse algo influído no movimento, não nos restava dúvida. Mas só agora, com êsse documento, chegamos à conclusão legítima da influência do chefe farroupilha na revolta baiana.

Oxalá publicações como esta surjam, em todos os Estados que ainda não as tem, para glória maior de nossa cultura e de nossa história.

W. Sp.

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE LIMITES
DE SÃO PAULO E MINAS GERAIS, — por
Francisco Morato. — Estado de São Paulo, 1937.

Mais uma excelente publicação sobre questões de limites interestaduais a que acaba de ser feita em São Paulo, depois de solucionada a questão de limites São Paulo - Minas Gerais.

A obra, volumosa e enriquecida de vários mapas, é precioso repositório de notas e informações geográficas especialmente, o que prova que tais questões obrigam ao estudo e, divulgadas, são contribuição valiosa para os demais dedicados aos assuntos históricos e geográficos, especialmente quando, como no presente caso, o assunto é tratado por uma das mais brilhantes inteligências da paulicéia, — o dr. Francisco Morato.

MANOEL DE ARAÚJO PÔRTO-ALEGRE,
ensaio bio-bibliográfico por *Hélio Lobo*. — Edição da
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. 1938.

Manuel de Araújo Pôrto-Alegre é uma dessas figuras que chamam sôbre si a atenção do estudioso pela complexidade do seu engenho: poeta, historiador, pintor, jornalista, diplomata.

Mas Araújo Pôrto-Alegre, barão de Santo Ângelo foi, principalmente artista: artista do ritmo e do pincel, do pincel em primeiro lugar.

Nascido de família obscura na então pequena vila de São José do Rio Pardo, em 1806, Araújo Pôrto-Alegre galgou os mais altos postos na vida pública por seus méritos pessoais, por sua capacidade, por sua fôrça de vontade e gênio artístico.

Como poeta, embora com passagens dignas dos maiores vates, não é, contudo, Santo Ângelo, poeta de primeira grandeza, sendo, porém, literato de primeira água, incontestavelmente.

Pintor, sim, êle o foi e dos maiores e melhores que o Brasil teve e tem. Seus quadros, suas telas, são, com muito raras exceções, verdadeiras jóias do pincel. Na sua escola, era mestre no Brasil. Cremos que ninguém o excedeu.

O sr. Hélio Lobo, da Academia Brasileira de Letras, talento de escol, literato notável com magníficas obras sôbre política internacional, escrevendo a biografia de Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, fez obra de mérito embora resumida. Obra de divulgação que a Academia, infelizmente, não divulga como deveria.

Os belos trabalhos, no gênero, já publicados, são quase desconhecidos. Êste, por exemplo, sôbre Pôrto-Alegre: não o encontramos à venda.

O exemplar que aquí acusamos, agradecemos e ligeiramente comentamos foi-nos gentilmente enviado pelo filho do grande artista, o sr. Manuel de Araújo Pôrto-Alegre, residente no Rio de Janeiro. Não fôsse essa gentileza e nem sequer saberíamos da existência dessa encantadora biografia, escrita por mão de mestre, de um dos maiores brasileiros de seu tempo, dos velhos tempos do romantismo.

Reiterando os nossos agradecimentos ao sr. Araújo Pôrto-Alegre filho, apresentamos nossos parabéns ao sr. Hélio Lobo.

W. Sp.

COLETANEA DE PALESTRAS ACADÊMICAS, de diversos acadêmicos, realizadas nas sessões do Diretório da Faculdade de Direito de Niterói. — Rio de Janeiro, s/data.

Trata-se de uma série de palestras feitas pelos acadêmicos Elsa Viana Wishart, Antenor Gomes de Paula, Mozart Soriano Aderaldo, Francisco de Paula Accioly Filho, Alexandre Ângelo de Paula Lima, Marcelo Gomes Correia e Luis-Filipe Pereira Leite, nas sessões ordinárias do Diretório da Faculdade de Direito, de Niterói e nas do Centro Fluminense de Estudos Jurídicos, em 1936.

São palestras inteligentes, trabalhadas com carinho, que bem mostram o que serão, no futuro, êsses jovens estudantes.

LITERATURA PIAUIENSE (Esbôço histórico), por *João Pinheiro*. — Teresina, Imprensa oficial, 1937.

O sr. João Pinheiro não é principiante. Seu nome é já conhecido do mundo intelectual brasileiro.

"Literatura Piauiense" que agora nos apresenta, é um belo estudo da literatura de sua terra natal, estudo feito com carinho e meticulosidade.

Declara o autor, no prefácio, que seu trabalho é incompleto, imperfeito porque, diz, repetindo Humberto de Campos, "faltarem horas ao tempo e fôlego ao peregrino". Mas, mesmo assim, ninguém o havia feito melhor e seu livro é excelente compêndio, modelo, mesmo, para estudos dessa natureza.

Oxalá em todos os estados encontrássemos um João Pinheiro! Só assim, reunindo essas pedras, poderíamos construir, de vez, a nossa história literária geral e nosso grande e completo Dicionário Bibliográfico Brasileiro, obra de fôlego a que já se está dedicando o beneditino escritor Velho Sobrinho.

W. Sp.

AS RELAÇÕES DO BRASIL COM AS REPÚBLICAS DO PRATA, de 1829 a 1843, por *Duarte da Ponte Ribeiro*. — Publicada por Alcides Bezerra, diretor do Arquivo Nacional, nas Oficinas do mesmo Arquivo, em 1936. — Rio de Janeiro.

Há obras que, pelo seu valor histórico, valem mais do que a própria documentação original. Está nesse número a memória de Duarte da Ponte Ribeiro, escrita em 1844.

Duarte da Ponte Ribeiro, diplomata, enviado do Brasil junto às Repúblicas do Prata, falando das “relações do Brasil” com as referidas Repúblicas, prestou grande serviço à história nacional porque, em contacto direto, sabe melhor e pode melhor explicar essas relações do que a documentação oficial da época. Ponte Ribeiro viu, ouviu, perscrutou. Inteligente e culto, não lhe foi difícil traduzir no papel suas impressões pessoais, imparciais, que, com a documentação, completam a história desses 14 anos de vida agitada no Brasil e no Prata.

Trabalho magnífico, dividido em três partes das quais merecem especial menção as duas últimas (2.^a Parte, dividida em dois capítulos): O tratado com Rosas e a questão do Bloqueio de Montevidéu feito por Buenos Aires.

O sr. Alcidez Bezerra, a quem já tanto devem as letras históricas de nossa Pátria, com essa publicação presta mais um ótimo serviço aos estudiosos que mais esta graça magnífica lhe ficarão devendo perenemente. (*)

W. Sp.

NA IMPRENSA E NA TRIBUNA, por *Antônio de Vasconcelos*. — Livraria Normalista, Manaus, 1937.

Coletânea de artigos e discursos compõe o presente volume dividido em três partes: I — Na Imprensa, — série de artigos políticos publicados em diversos jornais do Amazonas; II — Nas Associações, — discursos e conferências pronunciados em diversas ocasiões, no geral sobre a questão operária e combate ao comunismo; III — Na Assembléia Estadual (Constituinte e Legislativa), — discursos pronunciados na Assembléia do Estado do Amazonas, sobre variados assuntos, geralmente políticos.

Essa obra é bem reflexo da época que seu autor viveu, prenhe de paixões partidárias. Há, é verdade, muita cousa útil, muita elevação de vistas em certas passagens e, mesmo, pensamentos dignos de serem não apenas imitados, para seguidos à risca.

A linguagem é clara e concisa e denota-se, perpassando as páginas de NA IMPRENSA E NA TRIBUNA, o cunho de sinceridade do autor que é, também, membro do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

W. Sp.

(*) Estávamos revisando esta nota quando o telégrafo nos trouxe a infesta nova do falecimento (a de junho a. c.) do ilustre diretor do Arquivo Nacional, Alcides Bezerra. Deixamos nestas linhas todo nosso pesar pela perda enorme.

AS FAMOSAS ARMADAS PORTUGUESAS
— 1496-1650 — por *Simão Ferreira Pais*. — Ministério da Marinha, Rio de Janeiro, 1937.

Nestas mesmas páginas noticiamos a publicação da “Introdução” ao famoso manuscrito do esquecido fidalgo português Simão Ferreira Pais, escrita pelo comandante Didio Costa com muita precisão e erudição.

Estava já no prelo o último número de nossa Revista quando recebemos a obra completa, isto é: precedida da introdução em apreço, a obra de Ferreira Pais em facsímile e tradução do comandante Didio Costa.

Divide-se a grande obra, magnificamente impressa, em três partes, além da “Introdução”:

“RECOMPILAÇÃO DAS FAMOSAS ARMADAS QUE PARA A ÍNDIA FORAM DESDE O ANO EM QUE SE PRINCIPIOU SUA GLORIOSA CONQUISTA — Nomes das embarcações, dos capitães, governadores e vice-reis, capitães-mores, almirantes e cabos que as navegaram e sucessos que tiveram até o ano de 649: Por Simão Ferreira Pais, Natural da cidade do Pôrto, cavalheiro fidalgo da Casa de S. Majestade e familiar do Santo Ofício”. Este título geral do manuscrito é, também, o da primeira parte. Pelo simples título pode-se saber qual seu conteúdo.

A segunda parte, menor, é uma PROCLAMAÇÃO E PERORAÇÃO A DEUS NOSSO SENHOR, pedindo-lhe seu divino favor para esta Monarquia Lusitana e vida d’El-Rei nosso senhor d. João IV e mais casa real”.

A terceira parte é composta pelo poema em espanhol antigo, intitulado, no original, TRANSFORMACION DEL CABO DE BUENA ESPERANÇA EN LA QUAL EL AUTOR HABLA CON SU Magestad EL REY D. JUAN 4.º NUESTRO SENHOR, em oitavas camoneanas, que o comandante Didio Costa traduziu admiravelmente para o português atual.

E’ essa publicação, sem dúvida alguma, a mais notável nota cultural dos últimos tempos, devida à alta cultura do Exm.º sr. Ministro da Marinha Aristides Guilhem que, em boa hora, entregou ao não menos culto comandante Didio Costa a organização da obra, tradução do manuscrito e anotações.

Concluindo esta rápida nota, pedimos vênica para transladar a estas páginas o que, no *Jornal do Brasil* (1-9-1937), escreveu o espírito fidalgo de Gastão Penalva sobre a obra e seu autor:

O MANUSCRITO DE SIMÃO PAIS. — O que se encerra de precioso e útil nas nossas mais antigas bibliotecas basta para provar que a vinda da família real para o Brasil, em 1808, não foi propriamente fuga, tão pouco fuga precipitada.

A cada passo desvendam-se raridades tão iluminadas que rompem, com os seus clarões fosforescentes, a espessa poeira dos arquivos.

Vai para um ano, deu-se uma dessas descobertas na Biblioteca da Marinha, acervo de obras notáveis de que, contudo, pouca gente tem menção.

E' o manuscrito de Simão Ferreira Pais.

Quem era êsse historiador avisado do século XVIII, cavaleiro fidalgo de Sua Majestade e familiar do Santo Ofício? Quase uma incógnita nos remotos biógrafos que se ocupam dessas personalidades. Inocência nada refere dele. O nosso Sacramento Blake mais uma vez se equivoca ao registar. "Autor de que nenhuma notícia encontrei nem nos dicionários publicados em Portugal, o que me leva a supor que nasceu no Brasil". O fato é que o interessante documento veio-nos de cambulhada com os escritos marítimos dos lusos no depósito que constituiu a biblioteca para uso dos guardas-marinha da armada real, criada pelo decreto de 1 de abril de 1808 do regente de Portugal. Passou, em 1846, à Biblioteca da Marinha, quando ministro o Visconde de Albuquerque. Figura no catálogo de 1850 "entre 55 escritos de punhos diversos". Realça no de 1879, sendo diretor da Biblioteca o então Capitão-tenente Luis Filipe de Saldanha da Gama, que lhe escreveu à margem: "Raro e precioso". E por indagações procedidas a respeito, nas quais se inclue, por dever de justiça, o testemunho do Almirante Gago Coutinho, que nada sabia dêle, o manuscrito de Simão Pais, que se intitula *Recopilação das famosas armadas que para a Índia foram desde o ano em que se principiou sua gloriosa conquista*, é considerado, pelas razões mais fortes e seguras, o único que existe aquê e além Atlântico.

Ao alarme do valioso achado, no qual se empenharam o diretor, o vice-diretor da Biblioteca da Marinha e o chefe do Estado-Maior, o ministro Henrique Aristides Guilhem, sinceramente entusiasmado, confiou-o à salvaguarda do Capitão de fragata Didio Costa, redator-chefe da *Revista Marítima*, como capaz, por comprovados serviços às armas e às letras pátrias, de tomar a seu cargo "tarefa tão trabalhosa e útil".

Não se enganou o ilustre titular. Em dez meses, após labor quotidiano e acurado, dava o brilhante oficial conta do seu mister com o zelo, a erudição, o desassombro e a paciência que timbram tudo o que lhe passa às mãos beneditinas, ainda não repousadas do manuseio dos 80 mil artigos que constituem o novo Código Internacional de Sinais, em que radicalmente colaborou. Examinou com a máxima cautela todo o teor do manuscrito, que a traça transformara num crivo caprichoso e obstinado em tantas décadas de recolhimento ao silêncio intagível das estantes. Deu-se de vez à reprodução fiél e à sua integral trasladação para o vernáculo atual. Organizou, palavra por palavra, quatro tomos, que correspondem àquela reprodução, à repro-

dução datilográfica, à tradução datilografada e aos anexos, formados pelos originais da cópia e da tradução elaborada.

Imaginais as dificuldades da missão, a começar pelo estado precário do abandonado documento. Percorrem-no, agravando a decifração, caligrafias diversas, dando a entender que foram vários os copistas, uns dêles primorosos artistas na letra e na iluminura, outros tímidos e confusos principiantes na arte de escrever. Ao destrinçar do pitoresco entrecho, vasado de comum no arrebitado gongorismo cœvo, que leva o autor a classificar de “prodigioso e venturoso” o ano de 1496, “reais e atlânticos ombros” a envergadura bragantina de D. João II, o Magno, “invicto e admirável” o felizardo D. Manuel, foram, como seria de prever, inúmeras as obras consultadas para o completo elucidar da questão. Dicionários e enciclopédias em português e espanhol de datas arredadas, casulos medievais de arcaísmos ignorados. Tratados de navegação quinhentistas e seiscentistas, no aclarar de derrotas nebulosas ao tempo das conquistas do ultramar. Ementários de naus e capitães prestimosos, onde se exaltam e perfilam nomeadas sonoras na rude arremetida oceânica que fêz do velho Portugal um gigantesco desbravador de mundos. Obras eternas em que se glorificam o grande século e o grande Infante, semi-deus das águas, no seu retiro tormentoso de Sagres. Hinos altissonantes a êsse povo pequeno e nobilíssimo, como nenhum outro viveu sôbre a terra que com mais risco, destemor e afoiteza se aventurasse a descobrir e navegar. Outros tantos lusíadas, na ausência pura e no cortejo augusto, ousadas odes de vitória ou doces cavatinas de saudade, que povoam os cancioneiros reinóis a proclamar, para o seu coração dilacerado, as cinco mil violas sebastianas que se partiram para Alcaçerquibir. Em suma, Portugal, o grande Portugal de outrora, bravo, redento, lidador e coeso, com as quilhas insofridas a rasgar ventres de porcelas, ao panejar nervoso das mezenas arrojadas nas trevas do Mar Ignoto ou nos mistérios do Mar da Dúvida, para dêles arrancar tesouros perenais de glória e de fortuna, como tu, dentre todos, meu amado Brasil!

Isso enaltece o antigo e rendilhado *papyrus*. Naquele estilo singular e enfático que fazia, nòs áureos tempos lusos, as delícias del-rei no cálamo alegórico dos escribas, o que êle santifica é a coragem e o espírito dos primitivos corredores pelárgicos, em alterosas e aladas quadrigas, sob o altivo pendão das quinas, “os quais desprezaram desventuras, suportaram todos os perigos, enfrentaram todos os males, navegaram mares longínquos, sofreram climas inhóspitos, padeceram tantas e tais misérias que é impossível podê-las reduzir a crédito”.

Ano por ano, de 1496 a 1650, já Portugal refeito e restaurado, insere a *Recopilação* façanhas e bravuras assinaladas dos capitães de naus e dos sucessos da armada. A seguir, pois que era indispensável, após tão frias e choradas agruras, render graças por alçados e ines-

perados milagres, depara-se em seis páginas bíblicas, uma *Proclamação e peroração a Deus Nosso Senhor*, que conduz às alturas todo o incenso recolhido de séculos das caíçolas votivas e fanáticas que são os rijos corações dos nautas. Finalmente, culmina a obra suntuosa e pródiga, e era muito do paladar requintado da época, um poema heróico em velho castelhano e tessitura camoniana, que enche 71 páginas do inestimável cimélio.

Mas Simão Pais? Quem era êsse Simão Ferreira Pais, o cronista inspirado que a própria pátria esqueceu? Ao que informa o manuscrito, êle era filho do Pôrto e desfrutava aqueles títulos que no tempo lhe outorgaram muita cotação e mercê, e “aquem El-rei, nosso senhor D. João IV fêz muitas honras”, dando-lhe as tenças e os privilégios de cargos que o levariam a perlustrar longes terras. Destarte, em 1637, andou pelo Brasil. Viveu no Rio de Janeiro, onde, em certa ocasião, requer ao ouvidor a propriedade dos ofícios de provedor dos índios e da fazenda, que se vagara por morte de Diogo Dias de Aguiar. Foi a S. Paulo, “a famosa vila de S. Paulo, onde eu estive”, diz Simão, deslumbrado com a terra brasileira, “coisa infinita e imensa, pelo sertão a dentro”.

Mas nos arquivos do Rio e da Paulicéia, que Didio Costa correu e rebuscou, nada foi encontrado de maior para relêvo dêsse homem extraordinário que, setenta anos depois da primeira edição dos *Lusiadas*, fôra outro Camões de pena austera “e mente às Musas dada”, para o descante, ao som sinfônico dos ventos, das empreitadas marítimas que dão a forma esplêndida de uma nau solitária e velejante, nos caminhos do Senhor, à nobre história de Portugal.

Honra à mão cuidadosa e insigne que destaca das sombras do olvido o raio ígneo de relíquias desconhecidas.

Honra à marinha do Brasil, generosa e incansável, a quem as tréguas de Netuno, aguerrido e inflamável, sucedem as pugnas de Clio, serenas e luminosas, florindo a pena ao embainhar das espadas.

Filha de Portugal, ela se ufana dos seus antepassados, feudatários de um século de aventuras incríveis, pioneiros “das navegações grandes que fizeram” em batéis governados e assegurados pela mão dô timoneiro Deus.

“E quem dêles souber outras muitas coisas que deixo confessará que meus louvores ficaram muito aquém e que pudera dizer muito e muito”.

Gastão Penalva.

HANDBOOK OF LATIN AMERICAN STUDIES — A guide to the material published in 1936..., by a Number of Scholars. — Edited by Lewis Hanke, Ph. D. — Cambridge — Massachusetts — Harvard University Press, 1937.

E' este o segundo ano de publicação do "Handbook of Latin American Studies", organizado pelos professores de diversas Universidades dos Estados Unidos.

A obra destina-se a divulgação entre os estudiosos de tudo quanto se publica na América Latina, em matéria de história, antropologia, sociologia, arqueologia, geografia, economia, leis, governo, etc.

E' como se vê, obra de real valor e cuidadosamente trabalhada pelos mestres das diversas matérias, cada qual em sua especialidade, nas respectivas Universidades.

Para nós, o HANDBOOK tem especial valor porque, nas matérias mais importantes, há capítulo especial para o BRASIL, como nos ramos de História, superiormente tratado pelo sr. prof. Percy A. Martin, catedrático de História e, em especial História do Brasil, na Stanford University, na Califórnia.

O sr. Percy A. Martin é um dos grandes amigos do Brasil nos Estados Unidos. Várias obras já publicou êle sobre nossos assuntos históricos em diversas revistas especializadas da grande república do Norte, podendo destacar-se seu último estudo na "Hispanic American Historical Review", intitulado PORTUGAL IN AMERICA.

Outro trabalho interessante sobre o Brasil é o que escreveu o prof. Samuel Putnam, da Universidade de Filadélfia, sobre a literatura brasileira, em capítulo especial.

Em apêndice figura um belo trabalho sobre etnografia e antropologia do prof. Artur Ramos.

O Handbook é, em resumo, um grande livro, digno de todos os encômios e, porisso, encarecemos a quantos nos têm, o dever de cooperar para a magnífica obra, enviando as obras respectivas, para o sr. prof. P. A. Martin, Stanford University, Califórnia, quando sobre história e correlatos, e quando de literatura ao sr. prof. Samuel Putnam, 260 South Third Street, Philadelphia, Pennsylvania. Sobre Leis, jurisprudência, etc. ao sr. prof. J. F. Rippy, University of Chicago, Chicago, Illinois.

W. Sp.

O MAIOR POETA, por *M. Nogueira da Silva*,
— Rio de Janeiro, 1937.

Qual o maior poeta do Brasil? — é a tese que, nesse seu livro de espírito e cultura, discute e resolve o sr. M. Nogueira da Silva.

No desenrolar de seu excelente trabalho, o A. traz à baila o assunto dos “precoces” que são, falsamente, no geral, considerados gênios.

Entretanto, como muito bem afirma, muitos deles, depois dos frutos da “precocidade” (cá entre nós: muitas vezes obra paterna ou de parentes...) o “menino gênio” desaparece, ou tomba na vala comum da mediocridade. Outras, desenvolvendo-se um pouco, e outras ainda conserva, até o fim, o ramerrão da precocidade. Poucas vezes êsses “meninos precoces” atingem os pináculos literários.

Êsse ponto do trabalho do sr. Nogueira da Silva, faz-nos pensar, e a gente chega à conclusão que é preferível ser como Balzac que aos 30 anos publicou sua primeira obra...

Após essas judiciosas considerações, trata de demonstrar qual foi o maior poeta do Brasil concluindo, com inteira justiça, ter sido, pelo consenso unânime de intelectuais e não intelectuais, o grande indianista, o criador da escola indianista da poesia brasileira — Gonçalves Dias.

Realmente, ninguém o sobrepujou. E’ o único. E’ o maior poeta do Brasil.

Muito poderíamos ainda dizer a respeito do patriótico trabalho do sr. Nogueira da Silva que aqui ligeiramente comentamos. A premência de espaço, porém, nos obriga a ficar nesses ligeiros comentários feitos, unicamente, para concordar com o erudito autor de O MAIOR POETA.

Encerra o pequeno volume longa série de excertos de escritores nacionais e estrangeiros, antigos e modernos, que abonam a justiça da tese e das conclusões do sr. Nogueira da Silva.

W. Sp.

RELAÇÃO NOMINAL DOS GENERAIS
EFETIVOS DO EXÉRCITO BRASILEIRO, pelo
coronel *Laurênio Lago*. — Rio de Janeiro, Imprensa
Nacional, 1938.

O sr. coronel Laurênio Lago é um dos grandes estudiosos das cousas de nosso Exército. Vários trabalhos já, e todos interessantes e úteis, publicou, plenamente aprovados pelo Ministério da Guerra.

Agora, com a mesma aprovação do sr. general Ministro da

Guerra, dá-nos utilíssimo folheto com a relação nominal de todos os generais do Exército Brasileiro, de 1822 a 1937.

A relação, porém, não é uma relação pura e simples: traz alguns pormenores de interesse biográfico, como a data do nascimento de cada um deles e, dos falecidos, a data em que desceram à mansão da morte.

E' de lastimar, apenas, não ter o ilustrado coronel Laurênio Lago anexado às informações mais uma palavra: o local do nascimento e do falecimento.

Esse pequeno pormenor tornaria, para os nossos estudiosos ainda mais útil e interessante o folheto patriótico.

Esperamos, porém, que numa nova edição que, certamente, breve deverá ser feita, acrescida de novos nomes, essa pequena lacuna seja preenchida pelo ilustrado oficial de nosso brioso Exército.

W. Sp.

OS "NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO PELA LÍNGUA DO BRASIL" de PERO DE CASTILHOS, por *Plínio Airosa*. Departamento de Cultura de São Paulo, 1937.

Ao conhecido e erudito tupinólogo Plínio Airosa devem os estudiosos da língua dos tupi-guaraní valiosas contribuições, resultantes das suas cuidadosas pesquisas nos domínios lingüísticos e a que dedicou, com especial carinho e entusiasmo, sua clara inteligência de investigador.

São conhecidas as obras de divulgação que representam o célebre "Dicionário Brasileiro - Português" e o "Caderno da Língua" de Fr. João de Arronches, que se deve ao sr. Plínio Airosa.

Agora, com a publicação do interessante volume OS "NOMES DAS PARTES DO CORPO HUMANO PELA LÍNGUA DO BRASIL" de *Pero de Castilhos*, Plínio Airosa acaba de pôr ao alcance dos que estudam a língua dos nossos índios da costa um precioso subsídio deixado no século XVII pelo padre Pero de Castilho, da Companhia de Jesús.

Trata-se da divulgação de uma obrinha de 25 páginas escrita pelo referido jesuíta e que se destinava a auxiliar os missionários a comunicar-se com os índios, na sua obra de catequese. A obra é composta de dois pequenos vocabulários, um em tupi-guaraní, com a interpretação em português e outro em português com a transladação em tupi-guaraní. Todo o manuscrito trata dos nomes das diversas partes do corpo humano em ambos os idiomas.

Precede o trabalho do padre Pero de Castilho, cujo valor para

os estudiosos é evidente, um prefácio sobre a origem e finalidade do manuscrito com notícias biográficas sobre o autor. Não menos interessante do que a própria obra que o sr. Plínio Airosa divulga são as notas que acrescentou, à guisa de comentários elucidativos, ao vocabulário de Pero de Castilhos e que ocupam metade do volume. Essas notas, que revelam no autor um profundo conhecedor do tupi-guaraní, representam, para os estudiosos desse idioma, uma contribuição rica de preciosas informações e de importantes esclarecimentos.

A obra é ilustrada com vários facsímiles do manuscrito original e faz parte da coleção de volumes que está editando o Departamento de Cultura de São Paulo.

A. G.

INSCRIÇÕES E TRADIÇÕES DA AMÉRICA
PREHISTÓRICA, especialmente do Brasil, por B.
A. da Silva Ramos, Manaus, 1930.

A interessante obra de Bernardo da Silva Ramos sobre inscrições rupestres e outras curiosidades do vale amazônico, que agora nos chega às mãos não teve, infelizmente, a divulgação que merece. Editada pela Imprensa Nacional por determinação do Ministério da Justiça e sob os cuidados do Ministério da Educação, essa curiosa obra a que o autor dedicou dezenas de anos de trabalho exaustivo, não apareceu quase nas livrarias e, atualmente, os interessados em conhecê-la nem sequer sabem a quem dirigir-se para adquiri-lo visto não se encontrar nem na Imprensa Nacional.

Dada a pouca divulgação que teve a crítica não teve ocasião de ocupar-se do livro que Silva Ramos, após um longo período de pacientes pesquisas, de curiosas investigações nos domínios da prehistória, da arqueologia, da etnografia e da lingüística teve a satisfação de ver editada num grosso volume, fartamente ilustrado e de confecção cuidada. Um ano após a publicação de seu trabalho o erudito arqueólogo faleceu, fugindo assim ao desgosto de ver seu trabalho, a quem dedicara tanta parte da sua vida e tão nobre atividade, caiu num lamentável esquecimento.

E' possível que em face das novas e vastas contribuições que os arqueólogos, etnólogos, hierólogos e outros investigadores trouxeram para o esclarecimento da prehistória americana, as teorias de Silva Ramos sofram séria contestação e sejam colocadas naquela fase dos estudos sobre a cultura pre-colombiana que Imbelloni denomina de fase romântica do americanismo.

Na verdade uma boa parte de literatura americanista entre nós foge a esse método cuidadoso, de rigorosa crítica científica que se im-

pós o moderno americanismo, o qual, menos afoito do que os americanistas de ontem, não se aventura tão destemidamente no campo das hipóteses e das teorias que prendem às velhas culturas do Velho Mundo as culturas indígenas da América. Há uma grande diferença entre o americanismo rigorosamente científico, austero, precavido dos nossos dias e êsse outro americanismo que se compraz de belas e sugestivas teorias, que se compraz em explicar as diversas manifestações da cultura ameríndia por supostas ou talvez possíveis relações antigas entre a América e os povos e civilizações de outros continentes. E' claro que o americanismo de hoje, êsse americanismo que procede com rigoroso método científico, não nega a possibilidade de influências culturais que tenham sido transportadas de outras regiões do globo, por várias rotas, terrestres ou marítimas, às terras americanas. Mas quando arqueólogos e etnólogos se defrontam com certas teorias que filiam as culturas americanas a viagens que ao nosso continente teriam realizado egípcios ou habitantes da Ásia Menor, judeus ou tirrenas, as naus de Salomão ou dos fenícios, denominam a êsse americanismo de curiosa divagação literária que ainda mostra o problema das origens do homem e da cultura americana através de miragens românticas e de fantasias engenhosamente construídas.

Não é nosso intuito fazer a crítica da interessante obra de Silva Ramos nem examinar os fundamentos da teoria exposta em seu alentado volume, segundo a qual as inscrições rupestres e símbolos e sinais encontrados no Amazonas e vários outros pontos do território brasileiro correspondem a caracteres de alfabeto fenício, grego paleográfico, hebraico, árabe e até chinês. Não é numa simples nota que se pode fazer o exame crítico de tal teoria, especialmente no caso de um livro de cerca de 50 Opáginas em que o autor reuniu uma enorme documentação material arqueológico, folclórico e lingüístico para fundamentar o seu ponto de vista ou a sua interpretação das inscrições lapidares do Brasil, da ornamentação marajoara e de outras manifestações culturais de nossos índios.

A teoria que êle expõe sôbre viagens que fenícios, gregos, judeus e outros povos teriam realizado até o interior do Amazonas e outras regiões da costa e do *hinterland* brasileiro não é nada. Já Onffray de Thoron, com argumentos bastante curiosos a expusera em 1876 num trabalho oferecido à municipalidade de Manaus e outros partidários da visita dos fenícios e hebreus ao Brasil, de cários e tirrênios, como o cônego Ulisses de Pennafort contribuíram para que essa teoria, que Onffray de Thoron fundamentara sôbre interpretações filológicas se espalhasse entre os diletantes da nossa prehistória.

Silva Ramos resolveu acumular novo material, filológico e arqueológico, à teoria de Thoron. Trabalhou em suas pesquisas pelo Amazonas, dezenas de anos. Estudou centenas de inscrições lapidares, tradições, armas e instrumentos dos nossos índios, suas tradições

e seus artefactos de barro e depois comparou todo êsse material, arqueológico, etnográfico, filológico e folclórico com o material que a arqueologia, a hierologia e a filologia recolheu a respeito do Egito, da Mesopotâmia, da Grécia, Fenícia, Palestina e Ásia Menor, para chegar a conclusão de que a nossa terra anda cheia de nomes de deuses gregos, fenícios e babilônicos, gravados nas rochas e nos cêramos de Marajó. E não é só: as nossas inscrições lapidares, que parecem desenhos infantís são páginas de velhas crônicas, rotas de viagem, ordens, preceitos religiosos, enfim tôda uma curiosa literatura gravada nos rochedos e no barro que dizem das viagens, dos costumes, das crenças e dos deuses de gente de outras terras que tiveram comércio com o nosso gentio, que aquí vieram buscar matérias primas e que, em grego e hebraico, em árabe e chinês, aquí deixaram documentadas as suas visitas.

O que é de estranhar é que, êsses navegantes, comerciantes e exploradores que penetraram até os recessos da mesopotâmia amazônica e andaram a gravar incrições por todo o país, em lugares por vezes inacessíveis, como a pedra da Gávea, não tenham deixado, perdido pelo nosso vasto território, nenhum instrumento, utensílio ou arma dos muitos que usavam de cobre, de bronze ou de ferro, visto que na época em que êsses povos inventaram a escrita e desenvolveram a navegação já trabalhavam os metais. Como se explica, então, que os que tiveram tanto cuidado em deixar traços gravados de sua passagem e permaneceram em tal contacto com os nossos indígenas a ponto de deixar, segundo Onffray de Thoron e Silva Ramos, tão profundas influências lingüísticas no vocabulário dos nativos, não tenham deixado nenhum de seus artefactos de metal, nenhum dos ídolos cujos nomes escreveram em traços indeléveis nos rochedos?

A-pesar, entretanto, das objeções e críticas que podem ser feitas à obra de Silva Ramos, o trabalho que realizou é precioso pelo material nêle escolhido, e pelo que revela de amorosa pesquisa, de estudo e de dedicações a assuntos infelizmente tão pouco cultivados no Brasil.

"Inscrições e tradições da América Prehistórica" mereceria ser mais conhecida, pois que, afinal, certas ou não as teorias de seu autor, êsse livro representa o esforço honesto de um pesquisador convencido da realidade das suas interpretações e que teve o mérito de dedicar uma vida inteira ao estudo dos monumentos arqueológicos da nossa prehistória.

Angelo Guido.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS.

— BOLETIN DE LA SOCIEDAD GEOGRAFICA DE COLOMBIA — Vol. IV, n.º III, — Bogotá, Diciembre de 1937. — Presidente José Miguel Rosales. — Como os demais, excelente. Traz, o presente número, pequeno estudo de nosso consócio prof. Walter Spalding intitulado “Los españoles en el Amazonas”.

— REGISTO GERAL DA CAMARA DA CIDADE DE SÃO PAULO — 1934, publicação da subdivisão de documentação histórica. — Vol. XXIV. — Prefeitura do Município de São Paulo, 1938.

— PUBLICAÇÕES DO ARQUIVO NACIONAL — sob a direção de João Alcides Bezerra Cavalcanti. Vols. XXXIV, 1937 e XXXV, 1937. Trazem, ambos, valiosa documentação e excelentes estudos de seu diretor, dr. Alcides Bezerra.

— IDEARIUM — revista mensal — órgano de la Escuela Normal de Occidente. — Diretor, Eduardo Martínez Esponda; redator, Sergio Elias Ortiz. Año I — Ns. 7, 8, 9 e 10. — Pasto, Colômbia, dezembro, 1937 — Janeiro, fevereiro e março de 1938.

— REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Diretor Mário de Andrade, Departamento de Cultura, São Paulo. Ns. XLII, XLIII, XLIV, XLV e XLVI, dezembro de 1937, janeiro, fevereiro, março e abril de 1938.

— GEOGRAPHICAL REVIEW — Published by the American Geographical Society of New York — January, 1938; — February, 1938; — march, 1938; — april, 1938.

— UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA — Publicación Bimestral. — Director Pbro. dr. Manuel José Sierra, Rector. Julio-agosto 1937, vol. I, N.º 2. — Septiembre-Octubre, 1937, vol. I, N.º 3. — Medellín — Colombia.

— BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGUEDADES — Director: Luis Augusto Cuervo. N.º 275, 276, 277 e 278, Septiembre, octubre, noviembre, diciembre de 1937, vol. XXIV — Indice do volume. Bogotá, Colombia. — Órgano de la Academia de la Historia.

— UNIVERSIDAD — Publicación de la Universidad Nacional del Litoral. — N.º 3 — junio de 1937. — Santa Fé — Rep. Argentina.

— REVISTA DA FACULDADE DE DIREITO — Universidade de São Paulo, setembro-dezembro de 1937, vol XXXIII, fasc. III. São Paulo.

— REVISTA DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BÁIA — N.º 63 — 1937. Cidade do Salvador, Baía.

— REVISTA DO MUSEU PAULISTA — Universidade de São Paulo, tomo XXI — São Paulo, 1937. — Diretor: dr. Afonso de E. Taunay.

— REVISTA DO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO — Vol. XXXIV — 1936. Ns. 159-162. — Comissão de redação: Mário Melo, Samuel Campêlo e Carlos P. da Costa. — Pernambuco.

— REVISTA DEL C. I. R. — Año V, ns. 7, 8, 9, 10, — dezembro de 1937, janeiro, fevereiro e março de 1938. — Diretor: José M. Martero, Caraballo. — Santiago de las Vegas — Cuba.

— BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO — Director: Profesor J. Joaquim Pardo. — Año III, N.º 2. — Guatemala, C. A. Enero de 1938.

— IBERO AMERIKANISCHES ARCHIV — Jahrgang XI — Januar 1938 — Heft 4. — Herausgeber: Iebro Ameriknisches Institut, Berlin. — Diretor: Prof. dr. Otto Quelle, e Jahrgang XII, April 1938, Heft 1.

— IBERO AMERIKANISCHE RUNDSCHAU — 3. Jahrgang — Nummer 11 — Hamburg — Januar 1938.

— MINISTÉRIO DA AGRICULTURA: Boletins Ns. 15 e 16 — Setembro e outubro de 1937. — Contém, o n.º 15, os seguintes trabalhos: "Fósseis do rio Carapezas", por Paulo Erichsen de Oliveira; "Fósseis devonianos de Goiaz", por Euzébio de Oliveira; "Notas geológicas sobre a chapada de Mato Grosso", por Matias G. de Oliveira Roxo; "Pesquisas de fósseis em Jaboatão e Morro do Chaves", por Josalfredo Borges, e "Fósseis de Propriá e Jaboatão — Estado de Sergipe", por Paulo Erichsen de Oliveira. O n.º 16 encerra, apenas, um estudo de Alberto Ribeiro Lamego sobre "A gyp-sita da Boa Vista".

— MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE — Fasc. 1 e 5 (os únicos publicados presentemente da série "Realizações"), encer-

rando, o n.º 1: "Panorama da Educação Nacional" — Discursos do Presidente Getúlio Vargas e do Ministro Gustavo Capanema. — O N.º 5: "O Governo e o teatro", as realizações do Governo Federal com respeito ao teatro nacional.

— BOLETIM DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO, — Ns. 39, 40 e 41 — novembro, dezembro de 1937 e janeiro de 1938. — Rio de Janeiro.

— BOLETIN DE FILOLOGIA — Tomo I, ns. 4-5 — 1937. — Montevideo. — Diretor: Dr. Adolfo Berro Garcia.

— REVISTA DA ACADEMIA PETROPOLITANA DE LETRAS — Ano V — n.º 6. — Dezembro de 1937. — Petropolis. — Diretor: A. de Paula Buarque; Secretario: Soleyman Antoun.

— REVISTA MILITAR BRASILEIRA — Ano XXVII — Ns.1-4 — janeiro a dezembro de 1937, — Vol. XXXVI. — Imprensa do Estado Maior do Exército. — Rio de Janeiro, 1938. — Como sempre, traz excelente matéria técnica e estudos históricos e biográficos.

— REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — Anais de 1937. — Julho a dezembro. — Ano 30 — Vol. 54.

— REVISTA DE LA ACADEMIA COLOMBIANA DE CIENCIAS EXACTAS FISICAS Y NATURALES. — Vol. I — Año 1937 — N.º 4. — Este excelente número da grande e magnífica revista científica colombiana completa o primeiro volume que é, em verdade, notável repositório de trabalhos de real mérito. Pode a Rep. da Colômbia ufanar-se com essa publicação que, sem favor, honra qualquer nação.

— REVISTA DE LAS INDIAS — n.º 8, Año II. — Enero 1938. — Ministerio de Educación Nacional, Bogotá, Colombia.

— REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS — Órgão da Federação das Academias de Letras do Brasil — Redator: Silveira Neto — Secretários: Afonso Costa e Domingos Barbosa. — Ns. 1, dezembro de 1937; 2, 3 e 4 respectivamente de janeiro, fevereiro e março de 1938. — Enderço: Caixa Postal, 32 (Lapa) — Rio de Janeiro.

— UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA, — número dedicado à II Semana Social de Colômbia, contendo os temas

discutidos, todos êles de orientação social e combate aos extremismos. Excelente número. — Vol. II, n.º 4, fevereiro-março de 1938, Medellin — Colômbia.

— BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO — Tomo III, N.º 3, Guatemala — America Central. — Abril de 1938. — Diretor: Prof. J. Joaquim Pardo — Cuarta Avenida Norte, n.º 4.

— ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU — Periodicum semestre ab Instituto Historico S. I. in Urbe Editum. — Anno VII. Fasc. I — Ian.-Iun. 1938 (Borgo S. Spirito 5, Roma (113). Itália).

Indice de pessoas, entidades culturais e repartições com as quais mantemos correspondencia e permuta de publicações

BRASIL:

Rio Grande do Sul:

- 1 — Academia Rio-grandense de Letras — Porto Alegre.
- 2 — Biblioteca do Arquivo Municipal — Porto Alegre.
- 3 — Biblioteca Pública do Estado — Porto Alegre.
- 4 — Diretoria de Estatística — Porto Alegre.
- 5 — Prefeitura Municipal — Porto Alegre.
- 6 — Secretaria de Educação e Saúde Pública — Porto Alegre.
- 7 — Biblioteca do Clube Literário do Rio Pardo — Rio Pardo.
- 8 — Biblioteca Pública Pelotense — Pelotas.
- 9 — Biblioteca Riograndense — Cidade do Rio Grande.
- 10 — União Operária M. S. — Tupaceretã.

Rio de Janeiro:

- 11 — Arquivo Nacional.
- 11 A — Arquivo do Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores).

- 12 — Academia Brasileira de Letras.
- 13 — Academia Carioca de Letras.
- 14 — Biblioteca Nacional.
- 15 — Departamento de Estatística e Publicidade do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.
- 16 — Estado Maior do Exército.
- 17 — Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 18 — Ministério de Educação e Saúde Pública.
- 19 — Museu Histórico Nacional.
- 20 — Revista Marítima Brasileira (Ministério da Marinha).
- 21 — Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.
- 22 — Sociedade Filipe de Oliveira.
- 23 — Sociedade Sul-Riograndense.
- 24 — Universidade do Distrito Federal — Distrito Federal.

São Paulo:

- 25 — Arquivo Público Paulista.

- 26 — Biblioteca da Faculdade de Direito de São Paulo.
- 27 — Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo.
- 28 — Centro Gaúcho.
- 29 — Centro de Cultura "Humberto de Campos".
- 30 — Centro de Ciências e Letras — Campinas.
- 31 — Centro Literário "Excelsior".
- 32 — Colégio São Luiz.
- 33 — Departamento de Cultura Municipal — Divisão de Bibliotecas.
- 34 — Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.
- 35 — Instituto de Estudos Genealógicos de São Paulo.
- 36 — Museu Paulista.
- 37 — Universidade de São Paulo (Biblioteca).

Pará:

- 38 — Biblioteca e Arquivo Público do Pará — Belém do Pará.
- 39 — Instituto Histórico e Geográfico do Pará, — Belém do Pará.
- 40 — Museu Goeldi — Belém do Pará.

Paraná:

- 41 — Biblioteca Calixto Nóbrega — João Pessoa.
- 42 — Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba — João Pessoa.

Pernambuco:

- 43 — Biblioteca Pública do Recife — Recife.
- 44 — Instituto Arqueológico e Geográfico — Recife.

Paraná:

- 45 — Círculo de Estudos Bandeirantes — Curitiba.

- 46 — Instituto Histórico e Geográfico de Curitiba — Curitiba.
- 47 — Museu Paranaense — Curitiba.

Santa Catarina:

- 48 — Instituto Histórico e Geográfico de Paranguá — Paranguá.
- 49 — Instituto Histórico e Geográfico de Florianópolis — Florianópolis.

Ceará:

- 50 — Instituto Histórico e Geográfico do Ceará — Fortaleza.
- 51 — Sociedade Cearense de Geografia — Fortaleza.

Minas Gerais:

- 52 — Arquivo Público Mineiro — Belo Horizonte.
- 53 — Instituto Histórico do Ouro Preto — Ouro Preto.

Outros Estados:

- 54 — Biblioteca Pública do Maranhão — São Luiz do Maranhão
- 55 — Instituto Histórico do Espírito Santo — Vitória, (Espírito Santo).
- 56 — Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas — Maceió, (Alagoas).
- 57 — Biblioteca Pública Municipal de Maceió — Alagoas.
- 58 — Instituto Histórico e Geográfico do Piauí — Teresina, (Piauí).
- 59 — Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe — Aracajú, (Sergipe).
- 60 — Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas — Manaus, (Amazonas).
- 61 — Instituto Histórico e Geográf. do Rio Grande do Norte — Natal, (Rio Grande do Norte).

- 62 — Instituto Histórico e Geográfico da Bafa — Cidade do Salvador, (Bafa).
63 — Instituto Histórico e Geográfico de Mato-Grosso — Cuiabá, (Mato-Grosso).

ALEMANHA:

- 64 — Instituto Ibero Americano — Hamburgo.

ARGENTINA:

- 65 — Archivo General de la Nación — Buenos Aires.
66 — Biblioteca de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales — Buenos Aires.
67 — Facultad de Filosofía y Letras — Buenos Aires.
68 — Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación — Universidade de La Plata — La Plata.
69 — Junta Numismática de Buenos Aires — Buenos Aires.
70 — Junta Numismática de Entre-Ríos — Paraná.
71 — Museu de La Plata — Buenos Aires.
72 — Museu de Entre-Ríos — Paraná.
73 — Revista Geográfica Americana — Buenos Aires.
74 — Sociedad de Historia Argentina — Buenos Aires.
75 — Universidad Nacional de Santa Fé — Rosario de Santa Fé.

CHILE:

- 76 — Museu Historico Nacional — Santiago de Chile.

COLOMBIA:

- 77 — Academia Colombiana de Historia — Bogotá.

- 78 — Academia Colombiana de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales — Bogotá.
79 — Biblioteca Nacional de Colombia — Bogotá.
80 — Centro de Historia de Pasto — Pasto.
81 — Instituto Historico Nacional de Colombia — Bogotá.
82 — "Idearium" — Escuela Normal de Occidente — Pasto.
83 — Revista de Las Indias — Ministerio de Educación Nacional — Bogotá.
84 — Sociedad Geografica de Colombia — Bogotá.
85 — Universidad Católica Bolivariana — Medellín (Antioquia).

CUBA:

- 86 — Instituto del Libro — La Habana.
87 — Ministerio Nacional de Educación — La Habana.

EQUADOR:

- 88 — Archivo de la Biblioteca Nacional — Quito.
89 — Sociedade Ecuatoriana de Estudios Historicos — Quito.

ESPAÑA:

- 90 — Academia de Historia — Madrid.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE:

- 91 — American Geographical Society — New York.
92 — Catholic University of America — Washington.
93 — New York Public Library — New York.
94 — Columbia University — City of New York.
95 — Stanford University — California.

HONDURAS:

- 96 — Repertorio de Honduras
— Honduras.

ITALIA:

- 97 — Archivum Historicum
Societatis Jesu — Roma.
98 — Ufficio Com. del Bra-
sile — Milano.

MEXICO:

- 99 — Sociedad Mexicana de
Geografia — Mexico.

PANAMÁ:

- 100 — Academia Panameña de
la Historia — Panamá.

PERÚ:

- 101 — Instituto Arqueológico
— Cuzco.

SAN SALVADOR:

- 102 — Ateneu El Salvador —
San Salvador.

URUGUAI:

- 103 — Biblioteca Escolar de
Paisandú — Paisandú.
104 — Biblioteca del Poder
Legislativo — Monte-
vidéu.
105 — Centro Militar — Mon-
tevidéu.
106 — Instituto Historico y
Geografico del Uru-
guay — Montevideu.
107 — Museu de Historia Na-
tural — Montevideu.
108 — Museu Historico Nacio-
nal — Montevideu.
109 — Museu Municipal—Mon-
tevidéu.
110 — Sociedad Amigos de la
Arqueologia — Monte-
vidéu.

VENEZUELA:

- 111 — Academia Nacional de
Historia — Caracas.

CIDADÃOS:

- 112 — Cel. Alvaro Alencastre
— Rio de Janeiro (Bra-
sil).

- 113 — Dr. Antonio Ferreira
Serpa — Lisboa—(Por-
tugal).

- 114 — Prof. Antonio Serrano
— Paraná — Entre-
Rios (Argentina).

- 115 — Dr. Barreto Pinto —
Rio de Janeiro (Brasil)

- 116 — Prof. Carlos E. Gréz
Péres — Santiago de
Chile (Chile).

- 117 — Dr. Enrique Arana —
Buenos Aires (Argen-
tina).

- 118 — Dr. Enrique M. Borba
— La Plata (Argentina)

- 119 — Dr. Eugenio Miranda
— La Habana (Cuba).

- 120 — Prof. Fernando Ortiz
— La Habana (Cuba).

- 121 — Prof. Francisco Negrão
— Curitiba — Paraná
(Brasil).

- 122 — Dr. Heitor Farias —
Rio de Janeiro (Brasil)

- 123 — Prof. J. M. Pérez Ca-
brera — La Habana
(Cuba).

- 124 — Prof. Percy A. Martin
— California (Estados
Unidos).

- 125 — Dr. Ricardo Patee —
Departament of State,
— Washington D. C.
(U. S. A.)

- 126 — Dr. Santiago Molina —
La Habana (Cuba).

- 127 — Dr. Santiago P. Minet-
ti — Montevideu (Uru-
guai).

- 128 — Prof. Sergio Elias Or-
tiz — Pasto (Colom-
bia).

- 129 — Dr. Sigfrido A. Radaelli
— Buenos Aires (Ar-
gentina).

- 130 — Dr. Tomaz Carlos Pera
— La Plata (Argen-
tina).

- 131 — Dr. Walter A. Azevedo
— Rio de Janeiro (Bra-
sil).

- 132 — Dr. R. X. Alvarez y V.
— Medellin (Colombia).

ÍNDICE

I Trimestre:

FRANCISCO PINTO BANDEIRA — <i>General João Borges Fortes</i> ..	3
ADAGIÁRIO GAÚCHO — <i>dr. Vitor Russomano</i>	47
SAUDAÇÃO AO DR. PEDRO CALMON — <i>Prof. Walter Spalding</i> ..	119
A FIGURA SINGULAR DO TENENTE-GENERAL CONDE DE PÔRTO ALEGRE — <i>Castilhos Goycochea</i>	127
VILA DA ACLAMAÇÃO — <i>Aurêlio Pôrto</i>	135
A IMAGEM DE SÃO PEDRO DO RIO GRANDE — <i>Prof. Walter Spalding</i>	139
UM GRANDE PROBOSCIDIANO EXTINTO: O MAMUTE — <i>Carlos de Paula Couto</i>	145
NOTULAS BIBLIOGRÁFICAS — <i>W. Sp. — E. D. — O. S.</i>	157

II Trimestre:

NOTICIA BREVE DA MARCHA, QUE FEZ O ILM.º E EXM.º SR. GOMES FREIRE DE ANDRADE, com Nota do <i>coronel Rego Monteiro</i>	173
EVOCACION DEL BARON DE RIO BRANCO — capitán de navio <i>D. José Aguiar</i>	185
LA REVOLUCION DE LOS FARROUPILHAS (1835-1845) — <i>dr. Car- los E. Grez Pérez</i>	209
ASPECTO GEOMORFOLÓGICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — <i>prof. J. Tupi Caldas</i>	253
ORIGENS DA RAÇA MEDITERRÂNEA OCIDENTAL — <i>cap. Hen- rique Oscar Wiederspahn</i>	283
NÔTULAS BIBLIOGRÁFICAS — <i>W. S. — A. G. — Ângelo Guido</i> ..	301
ÍNDICE DE PESSOAS, ENTIDADES CULTURAIS E REPARTI- ÇÕES COM AS QUAIS MANTEMOS CORRESPONDÊNCIA E PERMUTA	331

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. João Maia.
Tenente Dioclecio de Paranhos Antunes
Dr. Alcides Maya.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Prof. Jaci A. L. Tupi Caldas.
Dr. Mario Teixeira de Carvalho.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LÍNGUA DOS INDÍGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Valter Spalding.
Dr. Dante de Laytano.
Manoelito d'Ornelas.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo Mesquita do Costa.
Cel. E. F. de Souza Doca.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazon.
Dr. Eduardo Duarte.

Condições de assinatura da Revista:

Por ano	15\$000 rs.
Por fascículo trimestral ..	4\$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.